

FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS em retalhos de histórias

ALDO JOSÉ DA SILVA LISBOA

TÁCITO FREIRE BORRALHO



EDUFMA

FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS

em retalhos
de histórias





UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Natalino Salgado Filho
Reitor

Pr. Dr. Marcos Fábio Belo Matos
Vice-Reitor



Editora da UFMA

Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira
Diretor

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso
Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni
Prof. Dr. André da Silva Freires
Prof. Dr. Márcio José Celeri
Profª. Dra. Diana Rocha da Silva
Profª. Dra. Gisélia Brito dos Santos
Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa
Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
Prof. Dr. Carlos Delano Rodrigues
Profª. Dr. Felipe Barbosa Ribeiro
Profª. Dr.ª Maria Aurea Lira Feitosa
Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas
Bibliotecária Dr.ª Suênia Oliveira Mendes
Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior



Associação Brasileira das Editoras Universitárias

FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS em retalhos de histórias

ALDO JOSÉ DA SILVA LISBOA
TÁCITO FREIRE BORRALHO

São Luís



EDUFMA

2023

Copyright © 2023 by EDUFMA

Projeto gráfico, diagramação e capa *Artêmio Macedo Costa*

Revisão *Alberico Carneiro*

Fotografias *Aldo José da Silva Lisboa*
Aureo Laercio Araujo da Silva

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes/UFMA

L769f Lisboa, Aldo José da Silva.

Fragmentos de memórias em retalhos de histórias [recurso eletrônico] / Aldo José da Silva Lisboa, Tácito Freire Borralho. – São Luís: EDUFMA, 2023.

224 p.

ISBN: 978-65-5363-304-9

1.Maranhão – História. 2.Memórias. 3.Literatura maranhense.
I.Borralho, Tácito Freire. II.Título.

CDU: 821.134.3(812.1)-94

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665

Produzido no Brasil [2023]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste E-Book pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

EDUFMA | Editora da Universidade Federal do Maranhão
Av. dos Portugueses, 1966 – Vila Bacanga
CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil
Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

Ao amanhecer, estávamos diante de um povoado em cujo porto se erguia uma casa pintada de amarelo, e que lembrava uma pequena igreja sem torres. Era a povoação de Primeira Cruz, na foz do Piriá. Pelo nome, parece ter sido esse o ponto inicial da marcha do cristianismo civilizador, na sua entrada para a catequese ou captura do índio, no século XVII.

(Humberto de Campos

Livro: Memórias e Memórias Inacabadas, p. 73)



Passear pela terra, e achar tristonho
Tudo que em torno se vê, nela espalhado;
A vida olhar como através de um sonho;

(Humberto de Campos

Poesia: "Nirvana" – Poeira 1.ª Série, 1910 _ 3.ª Estrofe)

Da terra, a trabalhar, todas as forças ponho:
E a seguir teu destino, enlevada, a alma inteira
O teu ciclo fará, seja suave ou tristonho.
Não irás, com certeza, alto ou distante.

(Humberto de Campos

Poesia: "Poeira..." – Poeira 1.ª Série, 1910 _ 6.º Verso...)





ALDO JOSÉ DA SILVA LISBOA - Graduado em Letras (UEMA), Especialização Docência de Ensino Superior (IESF); Docente das redes: Estadual e Municipal (Primeira Cruz-MA); Atuou como professor nas escolas: Ginásio Bandeirante de Primeira Cruz-MA, Colégio Primeiracruzense, E. M. Lucelina Carneiro, E. M. Duque de Caxias (Primeira Cruz-MA); Vice Coordenador do Sindicato de Professores (Núcleo Primeira Cruz), Gestor Geral e Gestor Adjunto do Centro de Ensino Rural

dos Lopes, Presidente da Associação Casino Demétrio Azevedo, Coordenador da Formação de Professores e docente na Formação Pró Letramento com Professores de Primeira Cruz-MA.

TÁCITO FREIRE BORRALHO - Mestrado em Teatro (USP). Doutorado em Artes (USP). É professor Associado da Universidade Federal do Maranhão. Docente do Curso de Licenciatura em Teatro e dos programas de Pós-Graduação, PROFARTES – MA e PPGAC (Teatro). É dramaturgo, membro da Associação de Dramaturgos do Nordeste. Diretor Teatral. Dirige a Companhia Oficina de Teatro – COTEATRO. Atua como interprete em Teatro, Cinema e TV. Avaliador de peças Teatrais e Roteiros.

Coordena Projetos de Extensão na área de Teatro de Animação. É Comendador do Mérito Timbira (Estado do Maranhão). Participa dos Grupos de Pesquisa: Memória da Dramaturgia Amazônida – Construção de Acervo Dramatúrgico, da Universidade Federal do Pará; Poéticas Cênicas – Visuais e Performativas da Universidade Estadual Paulista Julho de Mesquita Filho; Pedagogias do Teatro e Ação Cultural da Universidade Federal do Maranhão; coordena o Grupo de Pesquisa A máscara na Cultura Popular da Universidade Federal do Maranhão É membro dos Conselhos Editoriais da MÓIN-MÓIN – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas e da Revista MAMULENGO – da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos.



S U M Á R I O

PREFÁCIO

Prof. Dino Cavalcante

APRESENTAÇÃO

1. Breve rascunho de nossas trajetórias de infância	17
(Por Prof. Dr. Tácito Freire Borralho e Aldo José da Silva Lisboa)	
2. Rascunhos Históricos	27
2.1. Resenha Histórica de Primeira Cruz	27
2.2. O Quartel de São Tiago, onde se instalou a primeira cruz portuguesa em solo maranhense	32
2.3. As Marianas deitadas ao mar, descrição poética do arquipélago	61
3. Territórios e sua Gente	69
3.1. Povoados do Município	69
3.2. Principais apelidos em indivíduos de Primeira Cruz	72
4. O Universo de Realismo Mágico falado pelo imaginário do Povo	83
4.1. As pérolas do imaginário em narrativas noturnas	91
4.1.1. <i>Narrativas que são próprias do fantasmagórico</i>	95
4.1.2. <i>Narrativas tradicionais e o que as pessoas vão contando uma para as outras</i>	140
4.1.3. <i>Histórias de Vida</i>	155

P R E F Á C I O

Dino Cavalcante.

Professor do Departamento de Letras/UFMA

FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS EM RETALHOS DE HISTÓRIAS

Uma das funções do texto literário é a chamada evasão, isto é, poder-se transportar (o leitor) para um mundo imaginado ou ficcionado pelo olhar do narrador. Dito de outro modo: quando lemos um texto, transportamo-nos para o mundo da ficção, da imaginação criadora. Mesmo que o lugar da narrativa seja conhecido nosso, digamos como a São Luís de *Os Tambores de São Luís*, de Josué Montello, há uma imaginação criadora, com ruas descritas a partir da visão do autor, com pessoas andando pelos lugares, casas e sobrados ressignificados, etc. Dessa forma, ao lermos o referido romance, somos transportados não para a nossa São Luís, mas para uma outra, desconhecida da nossa vivência, com pessoas

diferentes. É esse um dos pontos fundamentais do espaço criado a partir da imaginação do ficcionista.

Ao iniciar a leitura do livro ***Fragmentos de Memórias em Retalhos de Histórias***, de Aldo José da Silva Lisboa e Tácito Freire Borralho, sentimos exatamente isto: a evasão. Somos transportados não só para um outro ambiente, mas também para um outro tempo – o da nossa infância, tão ricas de histórias de visagens, geralmente narradas pelos mais velhos.

No primeiro momento, os autores se apresentam de uma maneira completamente inusitada. Nada de aparatos acadêmicos, livros que já publicaram, títulos que já tiveram. Apresentam-se no que temos de mais essencial à nossa humanidade: a história da nossa infância, isto é, como eles viveram essa época tão saborosa, com imaginações e brincadeiras de todos os tipos, com caça às frutas – muitas das quais lembramos vagamente e muitos nem sequer conhecem.

Em seguida, nos apresentam a história da cidade, desde a chegada de Jerônimo de Albuquerque e sua jornada para expulsar os franceses, liderados por Daniel de La Touche, em 1614, passando pelos processos de

ocupação com suas sesmarias, seus sítios paradisíacos, etc., com moradores famosos que ocuparam grandes lotes de terras, até finalmente a fundação de uma vila, para finalmente ser fundada a cidade.

Depois, ficamos conhecendo as muitas ilhas que formam o rico arquipélago da foz do rio Peria, com suas características geográficas e suas histórias. É um material riquíssimo, que deve ser usado, inclusive como leitura escolar. Sim, pois uma das funções da escola é levar o aluno a conhecer a sua aldeia, para que, como dizem os russos, poder conhecer o mundo.

Tácito Borralho nos brinda com um texto teatral sobre a chegada dos portugueses e o primeiro contato com os indígenas da região de Primeira Cruz. Trata-se de um texto que nos faz entender todo o processo de contato e de tomada das terras considerados dos portugueses pelas autoridades europeias, como o Vaticano, por exemplo. Essa peça poderá, inclusive, servir para representação em feiras literárias na cidade, dada a sua relevância histórico-cultural.

A seguir, depois de uma necessária explicação sobre a questão do espaço e do lugar e do universo do Realismo Mágico, falado pelo imaginário do povo, os autores iniciam a

chamada história oral contada pelos habitantes de Primeira Cruz.

É a parte mais prazerosa do livro. Os autores cedem à palavra aos muitos moradores, certamente já idosos, para que, com sua sabedoria, suas vivências, suas viagens, suas experiências, possam contar as histórias que conhecem. E são muitas. São histórias de assombrações, com a presença de figuras de assombração, como a Manguda, a Cavala canga, o Lobisomem, entre tantas outras. O que chama a atenção, nesse tipo de narrativa, é que os autores-contadores da história não ouviram falar, mas presenciaram a trama ou a assombração. São personagens de suas próprias narrativas. E o fazem como se tivessem vivenciado há apenas dois dias, com uma riqueza de detalhes, que parecem ter ficado (essas histórias) bem guardadas em lugares nobres da memória cultural.

Uma questão que salta aos olhos é esta: os narradores – não de Javé, mas de Primeira Cruz – têm uma descrição muito particular para suas figuras fantasmagóricas: o lobisomem tem a aparência de um porco, não de homem e lobo. Às vezes, tem aparência de um bode.

Uma figura muito conhecida, que está em

diversas narrativas é o gritador. “Falando do gritador do Capão Escuro, lá na cancela, era só um gritador mesmo”, diz o narrador Xande. E continua. “Ouvi falar que lá na cancela tinha uma cerca e uma cancela. Se passava, mas não se podia bater a cancela...Se batesse, quem é, gritava atrás da pessoa...” São histórias que povoam a memória coletiva de uma terra com uma rica história cultural.

Aldo José da Silva Lisboa e Tácito Freire Borralho brindaram os leitores com uma rica coleção de história oral. São narrativas muito ricas, que comporão um acervo popular e devem ser utilizadas nas escolas, para que os alunos possam compreender um pouco da cultura popular dessa região.

Acreditamos que algumas dessas narrativas poderão, no futuro, ganhar vida própria num livrinho. São tão ricas, que merecem circular de forma autônoma, com o seu ator-narrador, estampado na capa.

O Maranhão, todos já sabemos, é uma terra muito rica em termos culturais. Por isso, é tão importante mapearmos a literatura ou a literatura oral de cada região, para que possamos cada vez mais compreender a magnitude da cultura em nossa terra.

Agora é seguir em frente. Primeiro: passar pelas ilhas do arquipélago da região, tomando um banho na história; segundo: pegar o Rio Peria, conhecendo as delícias do lugar; e terceiro: chegar à tão afamada Primeira Cruz, para conhecer de perto essas maravilhosas figuras da rica memória cultural dos seus moradores.

Só um aviso:

Cuidado para não ficar *encantado!*

A P R E S E N T A Ç Ã O

A intenção de elaborar esta obra não tem como finalidade produzir um registro de salvaguarda, mas basicamente poder contribuir com o resgate e preservação da memória afetiva de nossos conterrâneos.

Em verdade o resultado de um trabalho demorado, que implicou em uma criteriosa pesquisa exploratória, envolvendo estudos de caso, nos instigou a apresentar conclusões em um formato mais livre, já que os caminhos percorridos nos levaram a constatar tipos de realidades diferenciadas, mas que necessitam ser registradas.

Embora este livro conste de outras informações, o seu miolo é que mais nos agrada compor: as narrativas noturnas dos nossos amigos, uns mais idosos, outros nem tanto; uns já falecidos e outros bem vivos, a quem somos muito gratos e aqui, por uma questão de preservação de direitos, não os citaremos nominalmente e em vez disso, recorreremos ao artifício de nomes fictícios, para identificá-los.

É necessário afirmar que, sem a ajuda profícua e permanente de dois conterrâneos: Francileide Santos Almeida (Papata) e Evaldo Santos Bruzaca, não nos teria sido possível armar nossas rodas de conversas noturnas à beira de portas, juntando ora uns, ora outros, ora alguns com outros que não estavam em outra roda... e assim por diante.

Esses verdadeiros contadores de história que transcendem à função de simples narradores, expõem suas vidas, contam suas aventuras com o imaginário, criam, reinventam ou simplesmente revelam aquilo que de fato viram em estado de sonho ou devaneio.

Convidamos então você, leitor(a), para saborear conosco essa incursão e aproveitar para compreender um pouco da história e geografia da nossa terra, além de sorver com prazer as delícias das peripécias da imaginação do nosso povo.

Primeira Cruz, 21 de setembro de 2023

Aldo José da Silva Lisboa

Professor Especialista em Docência do Ensino Superior

Tácito Freire Borralho


Professor Doutor em Artes



1. Breve rascunho das nossas trajetórias de infância

Tácito Freire Borralho:


Antes de vir para a capital, quando criança, até os quatro anos (eu tenho bastante lembrança desse período da minha infância), eu perambulava ali pela rua do Capim Açú, pois morava na casa que já pertenceu a minha família e depois, ao Sr. Nemesio Preto. Ali eu passei um pedaço da minha infância. E para mim, aquela rua onde hoje



eu passo e a vejo estreita, pequena e curta, era um espaço exageradamente grande. Da minha casa para a ponta da rua era muito distante. Na verdade, não é. E as casas pareciam muito grandes e a rua era muito larga. Na verdade, sem calçamento, era só areia.

Bom, naquele período eu aprendi a brincar no quintal, a rabiscar na areia. Comecei a escrever rabiscando na areia, naquela idade, já. E também uma coisa que é fantástica, é recordar, entre os quatro e cinco anos, as coisas que a gente tinha que vivenciar. Por exemplo, eu tinha que acompanhar uma cozinheira que tomava conta da casa, para levar comida para um tio avô que era chamado Latembelo Felo e que as pessoas também chamavam de Tembero Fero. Todo mundo dizia que ele era um desertor da Coluna Prestes ou dos “pracinhas” da Segunda Guerra e que tinha ficado por ali. Era um homem extremamente branco e de olhos bem azuis e um cabelo super negro muito comprido, com barba longa, cearense, irmão de Zezinho Mimoso, meu avô materno.


Ele tinha uma vida estranha, porque morava embaixo de uns muricizeiros que eram todos recobertos por ramas de melão de São Caetano. Era como se fosse uma oca. E ele vivia ali, tinha uma rede armada e fazia comida em umas bacias velhas. Era muito estranho. Tinha uma mulher muito novinha, com alguns filhos. E esses filhos às vezes nasciam,



mas não se criavam, porque morriam de inanição ou coisa parecida. E a nossa família tinha um certo cuidado de mandar alimento. Mas ele era muito estranho, não queria chegar para dentro da cidade.

Eu lembro de uma coisa que eu achava muito legal e que hoje para mim me parece muito esquisito, que eram os piqueniques em noite de lua cheia, no alto da Mariana, naquela grande duna. Para mim, era a maior duna do mundo. Era um morro. A morraria da Mariana. Lá naquela duna o pessoal fazia piquenique e eu lembro que o que a gente comia nesse piquenique era rolete de cana, laranja, banana, bolos, alguns sanduíches e bebia caldo de cana. E se escutava, numa radiolinha de pilha, algumas músicas e se contavam histórias. E ali a gente ouvia muita narrativa desse conteúdo do imaginário popular que foi se arrumando na minha cabeça.

Ainda nesse período entre quatro e cinco anos, antes dos seis anos, consegui viajar com meu pai num barco à vela. Foi uma experiência fantástica por que fomos a algumas praias, alguns portos, recolher mercadorias. E navegando entre baías, que são muito agitadas e com aquela tripulação grande, pois para mim era enorme, era muita gente que ia dentro do barco e na verdade eu acho que não passavam de uns cinco a oito homens. E eles tinham um hábito muito curioso. Eles fumavam diamba na cabaça. Era a diversão, o momento lúdico deles. Na hora que




dava uma pausa do trabalho. Fumavam diamba na cabaça com água o que fazia um tipo de barulho das borbulhas e esse comportamento estimulava a eles contarem histórias, quando viam ou ouviam alguma coisa no mar... e contavam histórias bastante fantásticas mesmo, muito bonitas, por sinal. E eu fui aprendendo muita coisa, principalmente que, “o que se vê no mar não se diz, não se fala”.

Outra coisa que eu lembro e que é muito interessante, eram os cordões de Carnaval que era como se chamavam os blocos (coisa que a gente só vai saber quando estuda). Eu vivenciei. Tinha o cordão das casadas, o cordão das solteiras, o cordão dos casais (homens e mulheres de qualquer idade), e era uma bandinha na frente, e o pessoal com pandeiro e tal, um atrás do outro, cantando na rua, entrando nos bailes e dançando. Isso era por volta de 1952, 1953, mais ou menos.

Ficou muito marcado em minha lembrança, meu primeiro contato com o cinema. Por volta de cinco anos de idade, durante uma temporada de Santas Missões dos Frades Franciscanos Capuchinos, pude assistir à projeção do filme em preto e branco “O Mártir do Calvário”, numa tela plantada em frente à igreja matriz.

Agora, no mais, coisas que eu lembro é de ter ouvido minha avó Cotinha contar muitas histórias e




de eu ter sentido medo... de ter percebido que ali na antiga casa da minha avó, na rua da Encrenca, tinham muitas e muitas visagens e esses elementos, com ou sem exageros, eram contados para a gente.

Aldo José da Silva Lisboa:

Nasci na fazenda Arequipá, de propriedade de meu avô paterno Carlos da Silva Lisboa (terras que ficam próximas ao encontro do rio Peria com o rio Alegre), quando minha mãe contava com apenas sete meses de gestação (era Sexta-Feira Santa). Não havendo planejamento para o meu nascimento, vestiram-me com roupas do enxoval de minha tia Maria José, que havia vindo ao mundo vinte dias antes. Com quinze dias de nascido, minha mãe e eu viemos para Primeira Cruz, onde morei até os quinze anos, a princípio, na rua Clodomir Cardoso. Aos cinco anos, mudamos para a rua Gomes de Farias, onde as lembranças começam a povoar meu entendimento de criança.


Minha infância, passei na rua Gomes de Farias, continuação da rua da Matriz, onde estão situados a Igreja Católica, a Prefeitura, a Escola Leôncio Rodrigues e os clubes Grêmio e o Casino Demétrio Azevedo e onde funcionavam os maiores comércios da época. Também ali ficavam a Assembleia de Deus e a “Sucupira”, que era uma bancada embaixo de uma frondosa mangueira em frente à casa de Alberto Carneiro, local onde os desocupados ou pessoas em seu momento de folga iam saber das fofocas e notícias que aconteciam na cidade



Nessa rua, tínhamos uma vizinhança do “barulho”. Brincávamos e brigávamos, mas horas depois, éramos os mesmos amigos. Coisa de criança. Lembro que nossas casas eram grandes com janelas de serra de fita, com corredor e quartos amplos e peitoril (espaço aberto que dava para o quintal) além do jirau de tábuas que continha os potes de barro cheios de água para lavar de tudo e a água para o “gasto”. Já a água de beber era armazenada em potes em uma “cantareira” localizada na cozinha da casa.

Nossas brincadeiras eram inúmeras e diversificadas pois, com a ausência de energia elétrica, inventávamos mil e uma brincadeiras que ia de “cair no poço, corre-corre na coxa, peixes e pássaros a poste de palha de coco, artifício que constava de uma porfia de construção de archotes, que servia para clarear a rua escura, quando o motor de luz do município não funcionava. Também contávamos histórias, “mandávamos colado (pegador), brincávamos de roubar Bandeira, de rolar na areia”. Às vezes, assávamos peixe na fogueira que fazíamos. Em seguida, íamos para casa tomar banho de poço e dormir em nossas redes de fio, por volta das vinte e uma horas.

O forte mesmo da meninada era quando encontrávamos uma pessoa adulta para contar histórias de assombração (de lobisomem, mula sem cabeça, manguda, assobiador, gritador ou de pessoas




que viravam bicho), de reis e rainhas, contos de fadas etc. Com tudo isso, era uma grande diversão as noites em Primeira Cruz, na década de 1960, com bastante crianças na vizinhança da rua Gomes de Farias e do entorno que apareciam para brincarmos à noite, com Inocência de criança e muito respeito aos mais velhos e, principalmente, a nossos pais, que ao nos chamar, íamos logo para dentro de casa.

Sobre a rua Gomes de Farias se contam muitas histórias, a começar pelo seu nome, que é em homenagem a um senhor do Rio Grande do Norte, que veio trazido por alguém para implantar um novo sistema de produzir sal, pois até então, no município se produzia sal com um sistema de vala, o que implicava em uma produção bem menor do que o seu sistema inovador de chocador e balde, o que proporcionava uma produção bem maior. Por isso o município de Primeira Cruz chegou a ser um dos maiores produtores de sal do estado e do país.

Tinham-se também manifestações de expressão da cultura popular, com algumas atrações próprias do município, que eram festas nos clubes, cinema, morte do pato (uma pessoa de olhos vendados e haste de pau na mão para acertar a cabeça do pato enterrado), pau de sebo, Festas Juninas, cordão de São Gonçalo, entre outras.

No Casino Demétrio Azevedo funcionava uma




sorveteria (novidade para a época), bingo nos finais de semana, além de festas dançantes nas datas comemorativas, como Ano-Novo, Sábado de Aleluia, Dia das Mães. 31 de maio (festejo da Santa Maria), Festas Juninas (São João e São Pedro), Sete de Setembro, 16 de outubro (Aniversário do Município), Independência do Brasil e Natal, tudo com muita expectativa pela população.

Um acontecimento interessante que não me sai da memória de menino, são as marés de lançamento que inundavam parte da rua, cobrindo a barragem sobre o Igarapé, que trazia peixes como baiacu, tralhoto, papista, guribu e também siri, caranguejo e patrona (uma espécie de caranguejo), para meu deleite e admiração.

Outra menção maravilhosa de criança curiosa, era a ida para o mato com minha avó materna, Bernardina Inácia, para apanharmos frutas da época, que eram murici, caju, mirim, maçaranduba, jatobá, pirunga, guajiru, puçá, croatá, peidorreiro, colhão de bode, azeitona do mato, marmelada, tapiquerana, amescla etc.

Ainda me vem à cabeça fatos interessantes, até hoje não registrados, que aconteceram na rua de minha infância: a presença do então candidato ao governo do estado, José Sarney, que fez seu comício na porta do Casino e a presença espetacular do cantor João



do Vale, que cantou no palco do mesmo clube, na década de 1960. Ali nessa rua, ainda moraram alguns prefeitos de Primeira Cruz como Alberto Carneiro e Agnaldo Carvalho Alles. Essas lembranças de infância que me vêm à memória são, de fato, as mais seguras de registrar, em função do desenrodilhar da linha do tempo.




2. Rascunhos Históricos

2.1. Resenha histórica de Primeira Cruz

Tácito Borrvalho

É uma história de cruces fincadas no chão do Brasil, aqui, no Maranhão, pela primeira vez.

Em 29 de julho de 1612, a armada francesa, aportou suas Caravelas na Ilha Pequena, a qual chamaram de




Santana, porque naquele dia se celebrava esta Santa.

Chefiados por Daniel de La Touche, senhor de La Ravardière, que trazia em sua comitiva quatro frades franciscanos franceses: frei Cláudio de Abeville, frei Ives de Evreux, frei Ambrósio de Amiens, frei Arsênio de Paris. Daniel de La Touche mandou erguer na praia daquela ilha uma Cruz e foi entoado o Te Deum e assim tomou posse simbolicamente do território brasileiro, partindo em seguida para a Ilha Grande do Maranhão (a Upaon-Açu dos Timbiras, hoje São Luís), onde fundou a França Equinocial.

Os reis de Portugal e Espanha, dois anos depois, arregimentaram uma expedição para expulsar os franceses da ilha de São Luís, do Maranhão e do Brasil.

Comandados por Jerônimo de Albuquerque, auxiliado por Diogo de Campos. Tinham como piloto da armada e guia da expedição, Sebastião Martins. Trazia com eles três frades franciscanos portugueses, 220 soldados, 60 marinheiros e 200 índios frecheiros. Desembarcaram na margem esquerda do Rio Periá, próximo à foz (nesse lugar onde se encontra hoje a cidade de Primeira Cruz), às dez horas da noite do dia 13 de outubro. No dia seguinte, com o apoio dos índios Tapuias e Tupis, ergueram uma grande Cruz de madeira do mato. Era 14 de outubro de 1614. E a Cruz fincada no chão maranhense naquele dia, era




para celebrar a instalação do Quartel de São Tiago, o primeiro nome dado a este lugar que foi chamado depois de Primeira Cruz.

Com esse ato, Jerônimo de Albuquerque tomou posse do território maranhense em nome das coroas portuguesa e espanhola. No Quartel de Santiago, aguardaram o resto da armada. Quando toda a esquadra se juntou, 9 dias depois, Jerônimo de Albuquerque rumou para Guaxenduba, Hoje no município de Icatu e fundou o Forte de Santa Maria de Guaxenduba, onde mandou celebrar a primeira missa da expedição, no Maranhão.

Dali os portugueses partiram para São Luís e expulsaram os franceses. As coroas portuguesa e espanhola foram depois dissociadas e, sob o domínio português, o Maranhão teve suas terras organizadas em sesmarias e fazendas e as terras destas regiões do Peraiá, do Munim e dos Lençóis, foram habitadas por padres Jesuítas que em suas missões catequéticas, na tentativa de dominar os índios, além dos seus serviços, faziam prosperar suas fazendas.

As terras de Primeira Cruz (já com este nome), foram pertencendo a famílias portuguesas, ao mesmo tempo em que o padre Antônio Vieira e os padres Jesuítas foram expulsos do Maranhão, do Brasil e de Portugal. Assim, Manuel da Silva Jorge arrematou os bens dos Jesuítas e entre eles, estas



nossas terras, que foram adquiridas depois pela viúva Dona Porcina. Maria Pereira que as vendeu, em duas etapas, ao Capitão-Mor Rodrigo Luiz Salgado de Sá Moscoso. A primeira etapa foi comprada em 1801. E a segunda em 1807.

Estas terras pertenceram depois aos herdeiros, a partir de Tiago José Salgado de Sá Moscoso e depois dele, o último dos herdeiros Moscoso as vendeu a António José Fernandes Guimarães. O último comprador destas terras da “ilha” de Primeira Cruz, de que se tem registro, foi Bernardino da Costa Neves, em 1885.

Sabe-se que os últimos proprietários não se importaram tanto com as terras. Os tempos passaram e estas praias serviram de abrigo para os ranchos de pescadores que foram se transformando em uma pequena vila com casas de taipa e residências mais permanentes. A esse tempo a localidade de Miritiba já era mais povoada e transformou-se no município de Humberto de Campos, mantendo por muito tempo o povoado de Primeira Cruz como comarca.

A emancipação da Vila de Primeira Cruz aconteceu em 16 de outubro de 1947. Tornando-se a cidade e o município do mesmo nome.

Em 21/10/2013.

Bibliografia consultada:

Alberico Carneiro: (Memorial de Primeira Cruz; editora - Lithograf; ano-1998)

João Lisboa: (Obras de João Francisco Lisboa - Volume IV; editora - Alumar; ano- 1991)

Mário Meireles: (História do Maranhão; editora - F.C. Maranhão; ano 1980)

Maurice Pianzola (Os Papagaios Amarelos; editora - Alhambra; ano-1992)



2.2. O Quartel de São Tiago, onde se instalou a primeira cruz portuguesa em solo maranhense.

Tácito Borralho

MEGA ESPETÁCULO EM TRÊS PARTES, PARA ENCENAÇÃO AO AR LIVRE (neste registro conta apenas o texto dramatúrgico da I PARTE e o roteiro das duas outras)

PARTE I

(O quartel de São Tiago na foz do Rio Peraiá)

Personagens:

Capitão Jerônimo de Albuquerque

Sargento-mor Diogo de Campos

Piloto, Guia da expedição, Sebastião Martins

Quatro ordenanças

Três frades Franciscanos

Dois chefes indígenas

(Vinte homens doentes) (somente citados)

220 soldados (reduzir p/100)

60 marinheiros (reduzir p/30)

200 indígenas frecheiros na expedição (reduzir p/ 50)

Indígenas habitantes do lugar:

10 casais, 12 crianças, 10 guerreiros da Nação Tapuia

8 casais, 15 crianças, 12 guerreiros da Nação Tupi


CENA -1

(Todo o elenco se posta à beira do Rio Peria, em local que for mais adequado, como se estivesse desembarcando dos escalés. Os nativos das duas nações indígenas, aguardam o desenrolar das cenas, uns acompanhando os desembarcados de forma escondida e demonstrando surpresa e outros no lugar onde será desenvolvido o resto do espetáculo. Os desembarcados chegam cautelosos, portando archotes flamejantes, acompanhados de um baque surdo de tambor em marcha):

Jerônimo de Albuquerque (JA) – Atenção! Sargento-Mor! Desembarque toda a tropa, os índios e as tripulações. O terreno parece seguro, não concorda senhor piloto Sebastião Martins?

Sebastião Martins (SM)- Tendes razão capitão. Vamos aproveitar a maré.

Diogo de Campos (DC) – Às ordens, meu capitão. Alferes! Ouviram bem o Senhor. Gritem a todo o pulmão para as caravelas. Mandem proceder o desembarque.




Alferes 1 – Ò de bordo da caravela D’Aveiro! Deixem vigias com os vinte homens doentes e desçam os 60 soldados da 1ª Companhia e os 50 índios frecheiros. Os 15 marinheiros armados e o resto da tripulação dessa nau, desçam por último.

Alferes 2 – Ó de bordo da nau capitânea! Desçam os 55 soldados da 2ª Companhia, e os 50 índios frecheiros. Os 15 marinheiros armados e a tripulação dessa nau desçam depois.

Alferes 3 – Ò de bordo da caravela Selena! Desçam os 50 soldados da 3ª companhia e os 50 índios frecheiros. Os 15 marujos armados e a tripulação dessa nau, desçam por último.

Alferes 4 - Ó de bordo da Caravela D’As Flores! Façam descer os 55 soldados da 4ª Companhia e os 50 índios frecheiros. Os 15 marinheiros armados e a tripulação dessa nau, desçam depois.

JA - Ó Sebastião. Diz-me cá com presteza. È verdade que cá por estas águas somente uma vez já navegastes?



SM - Com toda certeza, meu capitão. Fui indicado por nosso governador geral Gaspar de Souza, para guiá-los, por ter tomado parte há um ano atrás como piloto, da expedição de Martins Soares.

JA - E crês tu ser seguro este sítio para nos aquartelarmos, enquanto preparamos a tomada da ilha Grande aos Franceses?

SM - Isso eu penso, meu capitão, pois creio que estamos bem aportados à margem esquerda do Rio Peria, como previamos.

JA - Então que seja. Sargento-mor, todos em terra?

DC – Sim, meu capitão. As quatro companhias e os índios frecheiros já se posicionam. Os Marujos e as tripulações já estão descendo.

JA – Então mande acender aos archotes e caminhemos até um sítio mais adequado para aquartelar-nos.



DC – Atenção Companhias! Acender Archotes!

Alferes 1- 1ª Companhia! Tocar Fogo!

Alferes 2 – 2ª Companhia! Tocar fogo!


Alferes 3 - 3ª Companhia! Tocar fogo!

Alferes 4 – 4ª Companhia! Tocar fogo!

(Os soldados obedecem e acendem as tochas presas às varas, cerca de 40 a 60. Dá-se início uma marcha silenciosa e tensa, com todos observando desconfiados, seguidos à distância pelos índios locais. Apenas uma música ambiente a marcha, marcada pelo baque de dois surdos).

CENA II

(Ao chegarem ao palco principal, tomam posse e arrumam-se, observados à distância pelos índios da terra. O capitão dá ordens, a tropa se arruma e deita



enquanto as ordenanças armam um pequeno pátio à guisa de barraca, colocam umas espécies de bancos, e os chefes conversam).


JA - Alto! Aqui parece um bom lugar. Acamparemos aqui e faremos daqui nosso quartel, enquanto nos preparamos para expulsar os huguenotes da Ilha Grande. Ponham suas tralhas no chão e tratem de dormir um bom sono. Pela manhã tomaremos posse legal deste país. Desde já denomino este lugar, quartel de São Tiago.

(Todos obedecem, somente os chefes, sob o pátio, continuam a falar):

SM - Sábia decisão do conselho convocado pelo governador geral, em nos fazer parar nestas praias antes de intentar a conquista da Ilha Grande.

JA – Mais sábia ainda a decisão de nomear-te nosso guia. Pois que aqui já estiveste na expedição de Martins Soares.

SM - Sim. E foi o seu relatório que alarmou a coroa



espanhola que deu logo parte ao Governador Geral Gaspar de Sousa, pois que se soube com certeza que no Maranhão havia uma colônia francesa.

DC – Mas com presteza e riqueza de detalhes?


SM – Pois. Essa colônia que lá se implantou com cerca de 300 habitantes, é defendida por um forte bem artilhado e servida por seis naus, conta ainda com a ajuda de 20.000 índios que residem na ilha e que são seus amigos.

DC – Pois, pois. Até que lá cheguemos nós.

JA – Bem falado, sargento-mor. Vamos continuar a seguir as instruções regimentadas pelo Governador Geral. Foi por isso mesmo que ele transferiu a sede do governo da Colônia, da Bahia para Pernambuco.

DC - Vós recebestes das suas próprias mãos, em Olinda, o Regimento que deveis cumprir.

JA – E foi por isso que nesse mesmo dia, 22 de junho




pus-me em marcha por terra até o Rio Grande, a arregimentar estes índios frecheiros que aí estão, para nossa expedição. Antes de dormir é sábio que demos mais uma olhada no Regimento e nas cartas náuticas. Amanhã, com o sol, celebraremos nossa primeira vitória.

DC - (abrindo os pergaminhos) -Aqui estão, meu capitão. Graças ao bom Deus que deu tempo.Foi bom eu ter saído decorrido dois meses. Exatamente em 23 de agosto , como o combinado. Creio eu também que os 100 homens que levei por mar até a fortaleza do Rio Grande, engrossam bem nossa tropa, embora contando apenas com uma caravela, uma charrua, um patacho e cinco caravelões... mesmo assim pudemos lá chegar a 25 de agosto.

SM – Vejam bem cá (aponta os mapas) - Foi daqui que a 5 de setembro vós partistes até a baía do Iguape onde se separaram, pois não?

JA – Isso é verdade.E aqui (aponta o mapa)-Voltamos a nos separar no dia 8 de setembro, quando outra vez tornei a caminhar por terra.



DC – Bom, então nos reunimos novamente aqui (aponta o mapa) - no forte N.S.do Amparo e já era 24 de setembro.

JA – È. Vejam bem. Daí prosseguimos até o forte Nossa Senhora do Rosário, exatamente aqui.(aponta o mapa).No dia 30 de setembro.


SM - E foi bem aí que balanceamos a tropa...

DC – E ali ficamos naquelas praias de Jeriquaquara, até dia 12 de outubro, quando ateamos fogo nos quartéis abandonados e partimos para cá.

JA - Vejam bem esta rota da costa. (aponta o mapa) Nestes dois dias de viagem, nos salvamos bem dos parcéis de Parnaíba e Tutóia...

SM – E conseguimos aqui chegar, por volta das 10 horas da noite, quando fundeamos.E creio eu que estamos três léguas acima da foz do rio Peria.

JA – Bom. Montamos Quartel e por bem acho de



chamá-lo, São Tiago.

Durmamos pois. As Vigias já estão estabelecidas.
Que venha o amanhecer!

CENA III

(O dia nasce. Os chefes e a tropa toda estão ainda dormindo. Numa coreografia de coro grego os índios da terra, das duas nações, se fazem conhecer para o público. Com economia de gestos e quase se arrastando, os tapuias cercam os invasores, dando-lhes as costas em semicírculo. Após som de música incidental, falam num jogral, o poema composto por Alberico Carneiro a partir de textos em prosa de Gonçalves Dias e de Mário Meireles.):


OS TAPUIAS. ¹

1

A estatura é variável

De nação para nação:


1. CARNEIRO, Alberico. Olho-do-Oriente - Memorial de Primeira Cruz - 2, págs: 35-37. São Luís-MA - LITHOGRAF, 1999



O tapuia tem tez clara
De um castanho-avermelhado
Claro ou escuro, mesclado

2

Olhos pequenos,
Negros e vivos,
os lábios grossos,
a boca grande,
o nariz curto,
um tanto curvo,
e quase sempre
de ventas largas,
rosto achatado,
como em declive,
de maçãs largas
e salientes,
cabelos negros,
duros, corridos,
o corpo quase




nulo de pelos,
as mãos e os pés,
muito pequenos.
Não se aldeiam,
porque são nômades,
não usam redes,
dormem no chão.

3

Ferozes e vingativos,
Traíçoeiros e antropófagos
Não dispensando os ossos
Que transformavam em farinha

Por índole, são preguiçosos
Dormem encostados em troncos
Ou em buracos do solo
Dentro, como se em malocas

Plantando precariamente,




Não têm lavoura nenhuma
Cultivam limpas as unhas
Embora plantem o milho.

Vivem da caça e da pesca,
Frutos raízes e ervas
De que se alimentam cruas
Pra economia das cuias.

Às vezes comiam larvas
Moscas, formigas, cigarras,

Por religião, os astros
E um gênio mau, Janchon
Hoje muitos subsistem
Internados em seus clãs.

(Ao findar a declamação, continuam em círculo virando-se de costas para o público, enquanto ao som de nova música incidental, vão se acocorando



enquanto coreograficamente entram os Tupis recitam em jogral, versos das mesmas fontes):

OS TUPIS ²

1

Os Tupis, de menor porte,
Têm a pele acetinada,
Porém baça e acobreada,

2

Os olhos grandes,
Os lábios finos,
O rosto cheio
E bem redondo

2. CARNEIRO, Alberico. Olho-do-Oriente - Memorial de Primeira Cruz - 2, págs: 38-41. São Luís-MA - LITHOGRAF, 1999



3

A cabeça mui pequena

Cabelos negros e lisos,

Barba e bigode precisos,

Os pés, como as mãos, pequenos,

Porém largos e ligeiros.

4

Com a zona do domínio limitado

Viviam aldeados em suas casas

Cercados de acidentes naturais.


5

Teciam algodão,

Trabalhavam a cerâmica,

Lavoura rudimentar,

Aravam pouco nos campos.




Cultivavam a caça e a pesca
E comiam os semelhantes,
Dado que eram antropófagos,
Embora não fossem tanto
Gulosos de carne humana.

Acreditavam que a carne
Dos heróis de cada tribo,
Comida, os tornava fortes,
Tal qual a própria comida.

Devoravam os inimigos
Para manter suas hostes
Contra os ataques das hordas
Dos traiçoeiros tapuios.

A crença religiosa era bastante ambígua
Estranhamente complexa
Com base em lenda antiga.




Por caráter, dualística
Essa inteligente mescla:
Tupã ou Jurupari
Levavam à mesma mística.

Tinham por deuses também
As forças da natureza
Aos manitôs diziam amém
Ao prepararem suas mesas.

Manjavam de aritmética,
Em campo raso só os homens
Manejavam suas flexas,
Atirando-as para cima,
De modo a atingir o alvo,
Descrevendo uma curva
De acerto incomparável

Aos mortos, enterravam-nos
Na posição de feto



Dentro do ventre materno,
em lindos potes de barro.

(finda a declamação, música incidental, repetem a coreografia dos tapuias e ao ficarem de costas para o público, atrás dos tapuias, os índios frecheiros levantam-se de um só salto, com um grito em uníssono de arcos armados, postam-se em semicírculo apoiados em um joelho, prontos para atirar)

JA – (interrompendo de chofre) – Alto! Não veem que estão desarmados e são amistosos. Recolham as flechas. (Toda a tropa já está de pé e de prontidão).

DC – O que quer que façamos, meu capitão?

JA – Tragam-me os chefes desses dois grupamentos.

DC – Não ouviram? Adiantem-se os chefes das duas nações.

(os caciques vão até o palanquim, enquanto os outros índios ficam de cócoras)



JA - Quem são vocês?

Cacique tapuia (CTa) – Sou Cacique da guerreira nação Tapuia.


Cacique tupi (CTu) – Eu Cacique da valente nação Tupi.

JA – Ilustres chefes. Vimos em paz. Não é a vocês, bravos filhos deste país, que nós buscamos, mas sim à súcia de protestantes reformados da França que ousou invadir estas terras que por direito pertencem às coroas portuguesa e espanhola.

Cta – E por que estão armados em nosso território?

CTu – E por que tantos índios frecheiros de nação que não conhecemos?

DC – É como já disse, meu capitão. Vamos até a Ilha Grande dos Timbiras, de onde expulsaremos os Franceses.



SM – E precisamos de um tempo aqui para preparar a tomada.

JA – E vamos precisar muito da presteza amistosa de vocês. Peço então, que nesse tempo, sejam entre vós, pacíficos.


(tapuias e tupis começam uma coreografia de reconhecimento da tropa. Eles admirados e a tropa receosa)

Cta – De minha parte, nossa tribo colabora. Digam o que querem.

Ctu – Nós também. De que precisam?

JA – Sargento-mor, arregimente soldados e marinheiros e sigam esses gentis guerreiros. Cortem paus e tragam palhas. Ergueremos alguns ranchos...

Senhor piloto, escolha dentre os paus os que melhor achar e faça uma grande cruz. Nós aqui a ergueremos para abençoar nossa missão, e tomarmos posse



definitiva, em nome de Deus e de suas majestades,
destas terras do Maranhão.


JA - Alferes Melchior Rangel, convoque outros alferes
e juntamente com o Alferes Pedro Teixeira, tomem
uma das caravelas e partam imediatamente em
rumos da ilha Upaon-Açu dos Timbiras. Descubram
um bom lugar, o mais próximo dos franceses, de
onde possamos combatê-los.

Melchior Rangel – Às ordens, meu capitão. (dá
seguimento à cena)

(Ao som de música incidental, grande coreografia
de arrumação de espaço e passagem de tempo que
finda com a chegada da Cruz.)

TODOS – A Cruz !!!!!

(Ao som de um Te Deum, a cruz é chantada com
louvores e aplausos)



JA – (aproximando-se da cruz) Com os poderes de Deus, tomo posse deste país , Hoje, dia 14 de outubro do ano de N.Senhor de 1614, em nome das coroas de Portugal e Espanha! (aplausos).


(nova coreografia de arrumação de espaço)

CENA IV

DC – Meu capitão, já se fizeram nove dias. As provisões estão prontas, as embarcações carregadas. Não seria hora de partirmos para expulsar os franceses?

JA – Chamem aqui os alferes que retornaram da incursão de observação.

MR – Senhor, achamos um sítio de esplendor em beleza e segurança, se bem que do lado de cá do continente, antes de atravessar para a ilha grande, ao qual denominei Guaxenduba e que dispõe de um promontório ideal para erigir um forte de defesa.



JA – Missão para o nosso engenheiro de Estado, o senhor Francisco Frias de Mesquita.(FFM)

FFM - Com vossa permissão, meu capitão, logo que lá desembarque cuidarei da traça do forte.

Frei Manoel da Piedade – E após nossa primeira missa naquele lugar onde se levantará o forte, faremos consagrá-lo ...

Frei Cosme de São Damião – Com o nome de Santa Maria.

JA – E ali mesmo farei erguer o Arraial de Santa Maria de Guaxenduba.

Piloto Sebastião Martins, traga-me os mapas. Verifiquemos mais uma vez a rota.

SM – Aqui estão, meu Capitão. Sou favorável que evitemos o Boqueirão e surpreendamos os Huguenotes por trás. Devemos navegar por entre estas ilhas até encontrarmos a baía maior (aponta o mapa).

DC – Antes de atravessá-la deveremos erguer o forte, ainda deste lado em frente à Ilha Grande e chamá-lo de Santa Maria como opinou o frei Cosme, para termos a proteção da virgem.


JA – Faremos isso. Agora mande a tropa e todos os outros embarcemos.

DC – Atenção, Alferes! Preparar para a partida!

OS 4 ALFERES – Atenção homens! Embarcar!!!!

(todos tomam o rumo de onde vieram, ao som de marcha de tambores e música incidental)

JA - (abraçando os dois caciques): Adeus. Sou-lhes grato por todo o apoio que nos destes. Agora é hora de invadir a Ilha Grande e expulsar de vez esses franceses e com eles o sonho de fundarem uma França Equinocial. Deixo-lhes de presente, para que se lembrem de nós e venham a conhecer um novo e grande Deus, esta Primeira Cruz que plantamos em solo do Maranhão.



(os caciques e as duas tribos se postam em despedida.
Acenam com as mãos e a luz cai).

(fim da 1ª parte)

(As segunda e terceira partes serão escritas posteriormente, como componentes da continuação anual da celebração de aniversário de fundação do município. Segue apenas um breve roteiro do que pretende ser construído dramaturgicamente).

PARTE II

As Fazendas dos Jesuítas

Personagens:

2 atores como Pe Antônio Vieira

6 Padres Jesuítas

18 casais de índios (trabalhadores/escravizados/
catequisados?)

CENA -1 – A fazenda instalada

CENA -2 – O cativo disfarçado

CENA -3 – Após o decreto do Marquês de Pombal
– Joias, faianças, talheres, moedas e pratarias
enterradas nos campos e carnaubais.

PARTE III

O Despejo³

Personagens:

Manoel da Silva Jorge (que arrematou os bens dos Jesuítas)

Dona Porcina Maria Pereira (da galinha dos ovos de ouro, viúva de segundas núpcias, que vendeu as terras a...)

Capitão – Mor Rodrigo Luiz Salgado de Sá Moscoso (parte em 1801 e parte em 1807)

Tiago José Salgado de Sá Moscoso (herdeiro das terras do pai [o imperador da grilagem])

Antônio José Fernandes Guimarães (que comprou do último herdeiro)

Bernardino da Costa Neves (Comprador da “ilha” de Primeira Cruz em 1885)

3. A partir de informações constantes na obra:
CARNEIRO, Alberico. Olho-do-Oriente - Memorial de Primeira Cruz - 2,
págs: 27. São Luís-MA - LITHOGRAF, 1999



CENA 1 – O Leilão das terras dos jesuítas

CENA 2 – As negociações da viúva Porcina Pereira

CENA 3 – Tiago Moscoso e a grilagem


CENA 4 – A aquisição da Ilha de Primeira Cruz por Bernardino Neves.



2.3. As Marianas deitadas ao mar, descrição poética do arquipélago.

Aldo Lisboa

De saída cabe registrar que é um arquipélago que pertenceria a dois municípios: Humberto de Campos e Primeira Cruz, se à pequena quantidade de ilhotas que se encontram na área do município de Primeira Cruz pudéssemos chamar de “Marianas” também, devido ao seu inseparável avizinamento.




Localizadas no litoral leste do estado do Maranhão e pertencendo geograficamente ao município de Humberto de Campos, num total de trinta e uma, denominadas de arquipélago das Marianas, está esse fabuloso conjunto de ilhas e ilhotas.

Há aquelas em que cabe um povoado, outras menores que se destinam a rancharias de pescadores. Algumas são licenciadas pela Marinha e se tornam propriedades particulares que são utilizadas principalmente à criação de gado caprino, suíno, bovino, ou para produção de peixes e camarão em viveiros artificiais.

Descobertas por volta do século XVII por navegadores portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que tinham como objetivo principal desbravar novas terras para anexar a seus países de origem. Mas apenas os portugueses conseguiram esse feito.

Ilhas essas que se destacam por suas belezas naturais, baías que as circundam, além de belíssimas praias em seu redor. Seu manguezal representa importante viveiro de peixes, crustáceos, moluscos, além de ninhal de guarás, taquiris, garças; habitat natural de macacos prego e guaribas, garantindo sempre a majestosa revoada de guarás que tingem de vermelho o horizonte aos fins de tarde. Em seus apicuns, patos selvagens e marrecos procriam.




Ali também podemos nos deliciar com a visita inusitada dos cardumes de golfinhos a qualquer hora do dia. Mas o maior destaque do resultado da humanização desse arquipélago são lendas e causos que povoam ainda hoje a mente de moradores, pescadores e visitantes de cada uma dessas ilhas e ilhotas.

Citarei algumas que se destacam nesse conjunto de ilhas que magnetizam e enchem de orgulho seus moradores, porque, além de sua beleza exuberante, solidifica uma visão ímpar desse paraíso insular.

Façamos então um breve passeio por algumas ilhas desse arquipélago, principalmente por aquelas que nos oferecem algo de relevância, excepcionalidade e curiosidade espetacular, capazes de nos proporcionar uma “viagem” pelo imaginário de nossa gente.

Macacoeira - Palavra que vem de macaco mais eira, que significa local de terra batida. Logo deduz-se que é um pedaço de terra onde habitam macacos e que, somando-se ao termo “ilha de terra batida,” indica que pode ser habitada.

Há nessa ilha polêmicas consideráveis: O encarregado proíbe aos pescadores fazer rancho em sua praia, ou, a pescadores e populares colher murici. Essa bela ilha possui lagoas, matas com árvores frondosas contendo inclusive, espécies como amendoeiras (castanha da praia). Também é conhecida como




ilha da viúva, pois a proprietária do lugar contraiu matrimônio por duas vezes, enviuvando em seguida a cada um dos cônjuges.

Tubarão - Nome de peixe bastante comum na região, estendendo-se inclusive à baía que fica em seu entorno. Sabe-se que alguém quis apropriar-se dessa ilha, mas sem sucesso. Sobre isso também comentam pescadores mais antigos que pescam ou pescaram na ilha, que se alguém quisesse secar camarão ali, “não se pode”. E não se podia, de maneira nenhuma, matar o caranguejo Grauçá, pois o sol esfria no mesmo instante. Segundo os pescadores esse fenômeno impedia a secagem do camarão.

Ilha Grande - Bem diferente das outras do arquipélago. Segundo informação, é berçário natural de Peixe-Boi, pois há condições próprias para tal. Cheia de apicuns, igarapés, praias etc. Em seu entorno tem uma ilha menor, habitada por moradores, chamada Brasília. Na ilha maior, a Ilha Grande, também há moradores que vivem da pesca sua principal atividade de sobrevivência. Ali também se praticam atividades comerciais....


Ilha de Santana - Foi a primeira ilha a ser descoberta por franceses, em 26 de julho de 1614. Nome dado em homenagem a senhora Santana, celebrada nesse dia. É uma das maiores ilhas do arquipélago. Além do povoado separado por um apicum, há uma estação



meteorológica e um Farol, que serve para orientar os navegantes. É a Ilha mais ao norte do arquipélago, possui belas praias, e ainda exhibe as ruínas de dois faróis desativados: o primeiro, feito de pedras com cal e óleo de baleia, construído por escravos; o segundo foi construído de ferro, aço e alumínio e brilha a quilômetros de distância com o reflexo do Sol. O que funciona atualmente é de alvenaria, com aproximadamente 40 m de altura.

Ilha do Coqueiro - Esta ilha é diferente das outras do arquipélago. Não possui água potável. Abriga uma grande quantidade de camaleão. Dizem os pescadores que esse animal se aproxima deles, chegando a passar o dia no rancho, em cima da travessa que serve de sustentação da cobertura de palha, como se tivesse fazendo companhia ao pescador solitário.

Mucunandiba - (O nome correto é Mucunã Diba, cujo nome deve originar-se pela grande quantidade do fruto mucunã ali existente) É uma ilha de grande dimensão territorial com casas e expressiva criação de gado bovino de propriedade das pessoas de Primeira Cruz e Humberto de Campos. Nessa ilha morou uma senhora “remedeira”, mulher que ostentava muita fartura, era esposa de Mané de Choto. Dispõe de água potável, uma lagoa e tanques para bebida do gado. Ali há uma rancharia de pescadores de nome Paulina por causa do nome de uma senhora cujo marido, chamava-se Paulinho, vindos do Cedro, um




povoado em terra firme, no município de Humberto de Campos

Ilha do Gato - É uma ilha de grande território, com bastante moradores, comércio bem abastecido e muito frequentada por pescadores de outras localidades.

Ilha do Igapó (ou do Gapó) – Sua praia é considerada lugar de grandes encantarias, fica próxima ao Carrapatal, em frente a Tubarão e a Mucunandiba.

Ilha de Carnaubeiras – Uma das maiores ilhas do arquipélago. Com fontes de água potável, exibindo uma pequena flora composta por grande quantidade de carnaubeiras, que certamente lhe outorgou o nome, mangueiras, muricizeiros, mirinzeiros, pitombeiras. Mantinha uma população razoável com um comércio próspero, era uma ilha farta de frutas e uma fauna bastante diversificada. Há de se considerar uma fartura de pescado. Tem-se notícia de ali ser um grande viveiro de cobras.

Conta-se um fato, de que entre a população que ali habitava, uma mulher pariu uma menina e, em choque, jogou-a no meio da grande lagoa, do centro da ilha. Essa menina transformou-se numa enorme cobra e ali, no meio da lagoa surgiu uma touceira de aninga que está lá até hoje e foi o viveiro dessa cobra, até quando ela se arrastou para fora, buscando o caminho do mar. O caminho por onde a cobra passou,




transformou-se em um igarapé, o qual até hoje é chamado igarapé da cobra e a lagoa, é chamada de Lagoa da Aninga.

Rosarinho. - Também uma ilha bastante extensa onde existe um campo de pouso com pavimentação de cascos de Sarnambi. Em seu território encontram-se lagoas, mata, apicum e Igarapés.

Carrapatal - Fechada de mato e roça. Segundo contam, um primeiro explorador do lugar, ao roçar a terra viu crescerem muitos pés de Mamona conhecidos popularmente por carrapato. o que deu nome à ilha. Ali está localizado o porto do Jurucutuoca, local de embarque e desembarque da população que reside no povoado do mesmo nome.

Posso listar aqui uma relação de nomes das ilhas e ilhotas de Humberto de Campos, incluindo além das já mencionadas, a denominação de mais outras:

Carnaubeiras, Rosarinho, Mucunandiba, Tubarão, Santarém, Santana, Gato, Ilha Grande. Igapó, Carrapatal, Jambuca, Saltador, Guarapirá, Cangatã, Venceslau, Pedras, Ponta Verde, Porcos, Ponta d'Areia, Joana, Cutindiba, Ponta da Praia, Cararaí, Ponta Grande, Soldado, Palmeiras, Pontal, Lavadinho, Pedrinhas, Maruim, Duarte.



E também descrever uma relação de nomes das ilhas e ilhotas de Primeira Cruz:

Santaninha, Ponta do Veadó, Veadinho, Terra Vermelha, Mangue Alto, Pretinho, Baleia, Olho D'Água, Miritibinha, Ilha da Felicidade, Pichuri, Guarazinho.




3. Territórios e sua Gente

3.1. Povoados do Município

Aldo José Lisboa

São palavras adequadas a situações, por certo, ou preche de significados e histórias, mas não consegui ainda desta vez, coletar essas informações o que provoca a formulação da ideia de dedicar uma obra




específica para esse fim. Dado à curiosidade que despertam esses nomes, decidi apenas aqui elencá-los:

Aparecida, André, Anajá, Ariquipá, Algodão, Alegria, Bacabal, Boca do Campo, Bom Jesus, Buritizinha, Buriti, Buriti do Teonilho, Bulandeira, Caeté, Cabeceiras, Cassó, Campo Novo, Cangalha, Calixto, Cocal, Coan, Curicaca, Engodo, Jaboti, Junquinho, Libânia, Mairi, Mangueiras, Marraeiro, Machado Um, Machado Dois, Miritibinha, Matão, Olho d'Água, Onça, Oncinha, Pachical, Palmeiras, Papagaio, Porto do Alegre, Pau de Leite, Pau Seco, Puba, Ribeira, Ronca, Rosarinho, Salino, Santaninha, São João, Taboal, Tucuns, Tingidor, Traíra, Troncho, Vai Quem Quer, Veadinho, Zé Lino.

Povoados que faziam parte do município de Primeira Cruz e que hoje pertencem ao município de Santo Amaro

América, Barra, Bebedouro, Betânia, Boa Vista, Boca da Lagoa, Bom Jesus, Buriti Grosso, Cumbucão,




**Lavado, Lagoa do Urubu, Maricão, Mocambo,
Passagem do Gado, Pescoço Fino, Sangue, São
Lourenço, Salgado, Travosa, Terra Vermelha, Tetéu.**



3.2. Principais apelidos em indivíduos de Primeira Cruz:

Aldo Lisboa

Coube a mim coletar a maior quantidade de alcunhas pelas quais são conhecidos cidadãos do município de Primeira Cruz, os quais se identificam sem nenhuma conspiração.




A Aran, Amor, Apoio, Antonio Miolo, Antonio Goíba, Amarelão, Amarelinho da Cerma, Antonio Chica, Antônio do Filó, Alumínio, Aldo Calcinha, Agulhão, Argolado, Arraiota, Albeci Caga Ralo, Aralém, Aforça, Areó, Advogada de Jumento, Abotoado, Antonia Fuica.


B Bleque Pau, Baú, Bite, Becuca, Braza, Barreiro, Biro Biro, Bucho de Leite, Buchudo, Binoca, Binuca, Birimbó, Boneco, Bibi, Bida, Bigo, Bigudo, Bolinha, Boquinha, Bisagal, Badeco, Bijuca Boba, Baía, Berinho, Birrim, Baêco, Bacaba, Bolo Fofa, Bombom de Alho, Bolso, Bode Louro, Bibico, Baioca, Barrão, Babilaque, Berra na Laje, Babaçu, Binga, Bico Doce, Bieco, Bombaça, Bazão, Baco, Barreto, Boi, Beloca, Batom, Burundanga, Brasileiro, Bude, Buchinho, Bastardim, Babalu, Boinho, Bem-te-vi, Boca de Rato, Birê, Bogiba, Buriti, Bira, Brisa, Bibia, Bitá, Bacaba, Babaquinho, Barão, Barãozinho, Biba, Bacatada, Bacurau, Barraqueiro, Bombril Brasil, Bandinha,

Badi, Brizola, Bar, Biquiri, Batureba, Bagote, Bonito, Bate Toba, Baiacu, Baé, Badé, Babaco, Bobagem, Beija Égua, Bena Venuto, Bacituba, Bajarra, Bidoca, Benedito Coió.


Cangati, Chicó, Cotor, Chico Macumbeiro, Chico Frote, Chico Chucho, Carrilha, Cara pra Lua, Cu de Letra, Coton, Cara de Pinico, Cajado, Cabratia, Cabo Dico, Cabo Ché, Coan, Canjica, Chacal, Camarão, Capute, Capa de Revista, Capote, Caga no Avião, Camargo, Caporar, Culhão, Cu de Cumbuca, Cu de Miséria, Cadeado, Caíca, Cheira Cu, Cu Estufado, Cheleléu, Chico Quenga, Cu de Purga, Casco no Cu, Curió, Cabo, Colorida, Canu, Caga Preto, Carlito, Cu Melado, Caeirinha, Cecé, Caga na Lata, Chiquito, Chicão, Caga no Saco, Come Frito, Cara de Mosca, Come Onça, Chico Cordinha, Chico Peba, Créu, Chacrinha, Cheiroso, Cafuringa, Cambota, Caburé, Cacique, Cocão, Codó, Cofo de Buceta, Capijuba, Catitu, Catita, Cipó Preto, Coló, Capa Rato, Careca, Corujão, Cabeção, Cabeçudo,




Cara de Bode, Cavuca, Cambel, Cavalo, Cachorro, Curtinho, Carnaubeira, Capoeira, Conho, Cajueiro, Cota, Cebolinha, Carruru, Ceguinha, Caminga, Canidia, Coquinheque, Coquinha, Codinho, Caga no Beco, Caga Osso, Cuzinho, Come Bolo, Chinelo, Conga da Maria Souza, Come Frito, Candeia, Carro Velho, Cú de Pote, Chopinha, Coca, Cacá, Ciran, Cabeça de Manteiga, Coscundo, Carlos Bulacha, Chiquimbé, Capizumba, Cabeçobango, Caçula, Chibel, Chibé, Chibinga, Chilado, Cagão, Cu de Oco, Colega, Cu de Pinto, Coisinha, Comar, Chancha, Corrinha, Cibranca, Culade, Chicó, Cambeba, Chiladinha, Chilado, Cu de Pimenta, Chica Foguete, Cabelo Duro, Catinga, Carlos Retratista, Chumbo, Cartucho, Chico Capão, Cracão, Cambão, Cotinha, Canapum, Cara de Bosta, Cobrinha, Cobra Choca, Chico Beju, Chica Barbada, Cara de Cavalo, Chacoroca, Cavalo do Pão.




Dadá, Derim, Dunga, Delei, Dama, Damata, Dois Cu, Doutor, Domingo Preto, Doutor Cabelo, Divede,



Diduda, Didi, Didei, Dilina, Dedé, Dodô, Dodó, Dodida, Dodói, Diro, Dorme no Mato, Diga, Dentão, Dentinho, Dacá, Dim, Donca, Diola, Duro, Duca, Deia, Diabo Lerdo, Duruca, Durrosa, Dedé Militão.



Fura Égua, Fugarro, Filuca, Filhu, Doutor Cabelo, Foguinho, Fofa, Froide, Federal, Fama, Fatura, Fátima Birimbau, Fato na Vara, Fioti, Filó Coché, Firmina Peruana, Feitiço, Fucin de Porca, Furunfurum, Fró.



Geré, Gamela, Galo, Gigi, Gina, Grilo, Gata Loura, Garça, Gerégeré, Gastura, Grama Azul, Gaiola, Gala Cú, Gogo, Gogota, Gongo, Gim, Gongga, Galinha Pedrês, Gavião, Gaviao Sujo, Galalau, Goronga, Grolado, Gui, Gato de Bota, Gatinha, Gundua, Gaiato, Gebero, Grosa, Geladeira, Gel, Girigoga, Galego, Gogó de Guariba, Guribu, Guri, Girafa, Giraia, Gugu, Gelça, Goela de Funil.

Impolado, Índio, Imbé.


Joca Curica, Juçareira, João Curador, Jabota, João Caju, João Solinha, Janaúba, Joana Bolina, Joãosão, Jiló, Jota, Jotaé, João Gato, Jacu, Joaquim do Mato, Jejeco, Jaca, João da Burra, J.P. (Já quer Pau), Jura, Janoca, Jonas Capela, João Cavaco, João Cangalha.

Loca, Linoca, Lilá, Lombriga, Lanterna, Lalato, Linguixa, Lica, Luís do Brega, Lobão, Lobinho, Luiz Forroia, Leco, Luizinho Banana, Loteria, Luis Linto, Luís do Gás, Lulinha, Lua, Lerdão Lulu, Lili, Loló.

Maria Tijolo, Maria Podarco, Maria Totita, Macico, Maria João, Mata Véia, Manuel Piroca, Mandim, Manin, Maria Bonita, Maruim, Musquito, Miúda, Maravilha, Macaúba, Miguela, Muqueca, Mundeca, Manuel Cirrilha, Moreno da Cidade, Motinha, Maria Preta, Merengue, Meio Quilo, Mata Galo,

Mano, Maninho, Mazito, Mazinho, Maneco, Mirica, Manteiga, Menino Malino, Marbom, Macaco de Oito Quilos, Mariano Cu de Pano, Malaco, Midaro, Manaó, Mingo, Mingote, Maria Fufeca, Macaco, Malaboia, Maria Cincoenta, Manuel Riquinho, Mimi, Manuel do Ó, Maria Bela, Minhas Tipas, Maletinha, Manuel Igreja, Manuel Pedão, Menina Veneno, Mil e Quinhentos, Me dá o Peito Arubua, Mal Feito, Morena, Marmé, Macaquinha, Maricó, Malária, Maria Cheirinha, Mundiquinho, Manga Cuzida, Mariquita, Manuçoba, Maniveiro, Mião, Matemático, Manduquinha, Manduca Saborá, Meu Quirrim, Metoquina, Marreco, Melado, Manelinho, Militina, Maria Tirite, Mínga, Maria Chorona, Mundinho, Minijoa, Mutatá.

Nego Tengo, Negona, Nêga, Nasca, Neguinho, Nego, Nica, Negócio, Neco, Nem-Nem, Nego Velho, Numdormo, Nati, Natinha, Natuí, Niro.



Ôfo, Oreia Porca, Olho de Bomba, Olho de Baco, Oqueno, Olho de Pata Galada.

Pombinha, Pau no Gato, Paizinho, Palão, Paião, Me dá o Peito Arubua, Prego, Panchico, Pochico, Pachêco, Preto, Palogra, Panpo, Palácio, Panhã, Pato, Peixe Bague, Pacamão, Pelada, Pega Égua, Pedro Lamparina, Predrezona Pezão, Pirata, Pororoca, Piçudo, Panela, Peito, Papata, Pelado, Pitico, Ptchotcho, Pote, Popó, Pipi, Pipito, Paru, Paco, Pipira, Pirão de Cachaça, Pimenta, Patinha, Pueira, Pirangi, Pipoca, Pingo, Pedro Melão, Parrudo, Pim-Pim, Pé no Sapato, Psicológico, Pirla, Pega Bota, Passa Miséria Pedro Saltiro, Pirrola, Preá de Pena, Peixe Curuvina, Pau Pubo, Pau de Fumo, Pau de Broca, Parente, Pedro Rock, Pedial, Pesseco, Pescocinho, Paturi, Peida no Culto, Putufo, Paga Barato, Piruáda, Peixe Aassado, Perunga, Pipino, Pinheirinha, Pé-Imbí, Piston Perdido, Pé de Chumbo, Pé Bucho, Pé de Chuxo, Ponguenga, Pãozinho, Pão torrado, Perna Mole, Pau de Cachopa,




Pipoca.

Q Qué-bom-bom, Quiquirriu, Quenguinha, Quiriquiqui, Quebra Foice, Quinzinho, Quinem, Quinha, Quebinho. Quebra Ovo, Quebra Pote.

R Racha Prancha, Rumo do Rumo, Requebreque, Real, Rinó, Rolinha, Ratin, Ratinha.

S Salú, Sapo Fudendo, Soroca, Suruca, Sulica, Sababa, Seu Rola, Senhorzinho, Samundaco, Socó, Sarado, Seu Teco, Saddam, Stan, Sarandunga, Sabugo, Subango, Seu Saco, Siricora, Seu Miruca, Seu Menino, Seu Púcaro, Seu Primo, Seu Badalo, Seu Nona, Sudreco, Seu Juca, Seu Ninga, Sanfoneiro, Sapateiro, Sapiringa, Sunga, Sassá, Serépa, Samba, Saci, Seu Pinta, Seu Mita, Seu Cal, Sueco, Suterio, Seu Teco, Sergioró, Sassarico, Siurinha.




Tatu, Tatuzinho, Tequinho, Teleco, Taíto, Totita, Tira Boi, Tiriti, Tia Riqueta, Trique Fogo, Toca, Tchequetcher, Teté, Tetéu, Toca Fita, Três Ponta, Três Cofo, Três Motor, Três Piqui, Três Modelos, Três Pirão, Três Cabeça, Tatalo, Taergadim, Tamatica, Trusquito, Tiniu Vovó, Trado, Tarado, Tivinga, Tier, Tinha, Tapiu, Teloquinho, Teleca, Tiligo, Tesourinha, Tigongo, Tieta, Tatá, Timingo, Tapó, Táxi, Totó, Tintinha, Ticuite, Tove.

Ureia, Ureia Porca, Urubu Boêmio, Uti, Urso.

Vavá, Veveca, Veveco, Vevera, Vecó, Vidoca.

Xareu, Xexéu, Xuxu.

Zão, Zebra, Zé da Severa, Zé da Bernarda, Zé de Ocino, Zé Pombô, Zé do Alto, Zé Bode, Zé Bito, Zé Frade, Zé Paquera, Zé Pretinho, Zé Botinho, Zé Piau,



Zeca Farofa, Zeca Bomba, Zé Babau, Zica, Zezeco, Zé Dedinho, Zanza, Zé Adão, Zé Mirim, Zé do Canto, Zé Gato, Zé Frade, Zeca Aleijada, Zé de Bóia, Zé Tute, Zé Lindo, Zézuca, Zuza, Zizi, Ziloca, Zezé, Zezinho, Zezinha, Zé Bezerra, Zifi, Zico, Zeca, Zé Pequeno, Zé Magrinho, Zé Gamela, Zé Coré, Zé Priquito, Zé da Andorinha, Zé de Finoca, Zé das Almas, Zeca Parede, Zé Beque, Zé olhão, Zé de Finoca.


Fim



4. O Universo de Realismo Mágico falado pelo Imaginário do Povo

Tácito Borralho

Talvez fosse interessante estudar o que é realismo mágico, para entender o que se configura de mais importante dentro dos relatos do nosso povo. Extraídas do seu universo imaginário, as histórias que conseguimos coletar não parecem inventadas.




Quando não são relatos de lendas tradicionais conhecidas por toda a população, são depoimentos de causos, de acontecimentos com eles próprios. Essa organização poética de imagens, ultrapassa histórias que são realmente acumuladas e que são transmitidas de geração em geração, que acabam tornando-se conteúdo de uma tradição.

Entre essa população mais simples, dos interiores mais distantes ou do litoral do Brasil, como os lugares mais escaldantes do Maranhão, é importante pensar que esse realismo mágico, ele é de fato real. É como se a gente pudesse perceber um plano que difere de outro que não é apenas o relato de um sonho. Mas que é o relato de um devaneio muito forte e profundo, muito presente. É um sonhar de olhos abertos, como diria Gaston Bachelard ⁴. E nesse universo que não chega a ser paralelo, ele se confunde com o universo concreto, tangível.

É interessante se constatar que há um plano de realidade tangível de fato, concreta de fato e um plano de realidade imaginária, daquilo que se formula das ideias, no campo das ideias, na imaginação desses nossos conterrâneos. Impossível não crer na veracidade do que eles falam. Porque eles mesmos distinguem aquilo que eles viram, então,


4. BACHELARD, Gaston. O direito de sonhar. – Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1994.



do testemunho daquilo que eles ouviram apenas e daquilo que eles ouviram contar. E nesse oceano de narrativas que chamamos de “narrativas noturnas”, porque na verdade são coisas que geralmente se contam em rodas de conversa não só para crianças, mas para adultos mesmo, entre pitar um cachimbo ou fumar um charuto ou tomar um cafezinho ou uma caninha, quem sabe, ou no caso da gente, uma talagada de tiquira.

As pessoas podem conversar... Isso acontece quando se celebra o nascimento de uma criança ou quando se vai aguardar, desse nascimento - o parto - na beirada da casa, do lado de fora, enquanto as parteiras cuidam da parturiente. Ou quando se vai velar um defunto. Enquanto há o velório lá dentro, se não há canto de incelências, se não há reza, do lado fora os homens e não somente os homens, também algumas mulheres mais velhas, e alguns jovens, conversam e contam histórias, que são na maioria causos ou algumas pabulagens. Ou, o que não são causos apenas, são: “eu juro que eu vi.”

Então, diante disso há um questionamento muito grande. Esse universo mágico (que em nada se sustenta na terminologia de gênero literário da América Latina, muito utilizado como camuflagem de ideias nos anos de chumbo de muitos países), ele é mágico, porque a gente o considera. Não é que ele seja povoado de fantasmas. Pode ser fantástico




ou fantasioso, ele não tem uma fixidez realista ao ponto de ser concretamente agarrado. É, sei lá, desconstruído, reconstruído, mas ele é um universo que é povoado por esse imaginário fértil do nosso caboclo.

É interessante ver neste trabalho que se propõe ser mais poético do que acadêmico e que não tem uma configuração de romance, conto, novela e que não contém narrativas de uma situação historicista ou então de uma Fortuna Crítica, que o que a gente pretende realizar, é tentar falar para todo o tipo de leitor, que seja do mais simples ao mais letrado.

Trata-se de histórias que são ainda narradas no seio da população da cidade e dos povoados de Primeira Cruz. Isso é importante por que a gente pensa que as gerações futuras não saberão, talvez, de nada daquilo que outrora povoou a imaginação, a fecunda imaginação dessa população, no passado.

É muito importante entendermos que não vamos colorir de outra forma ou tentar proceder uma interpretação da fala. Por isso não vamos corrigir, não vamos escrever corretamente e sim, tentar manter a grafia dos termos, como nós os escutamos. Reproduzir respeitando a linguagem, os conceitos do povo. Então, manter a sintaxe do narrador.

A sua linguagem vai ser respeitada em nossas descrições. Os morfemas transcritos do jeito que se




anotou. A gente pode encontrar cronoletos e idioletos bastante intrigantes, mas eles são uma realidade de quem narra. Uma prosódia bastante apropriada para cada microrregiãozinha do município.

É fundamental perceber que há uma situação de descrições exuberantes. Por que, na verdade, as narrativas tomam um rumo de exagero. Eles exageram os volumes, traçam tamanhos hiperbólicos, por exemplo. Se tentarmos fazer uma interpretação, vamos tirar do leitor a possibilidade saborosa de buscar interpretar, visualizar, pensar, imaginar sobre aquilo que está lendo.

Porque, por exemplo, uma coisa como ocorreu na nossa infância e que achamos que acontece com todas as pessoas que nasceram no interior, é que, quando crianças, o que para nós era macro, era imenso, de uma rua ou de um canto, de uma casa ou de qualquer espaço... quando a gente era criança, era tudo muito grande e quando a gente cresce parece que esses espaços se retraem, encolhem. Eles ficam menores. Na verdade, eles são vistos de uma forma hiperbólica na infância. Isso na nossa recordação. E quando adultos, esses espaços têm a sua perfeita e própria dimensão real.


Creemos que o nosso povo simples tem essa visão. Mesmo como adulto, ele tem essa visão impregnada na memória, talvez do sentimento ingênuo, da



ingenuidade de ver uma coisa que é assustadora, ou que se coloca como novidade, para ele, como uma coisa imensa, maior do que realmente pode ser e, por exemplo, por ele não saber interpretar algo cientificamente, ele não pode perceber que alguma coisa, que algum fenômeno que ocorre numa situação de poluição ambiental etc., pode afetar um animal marinho. E esse animal pode trazer, por exemplo, resquícios de alguma coisa grudada em seu corpo. Elementos dessa poluição são interpretados magicamente, compreendidos de outra forma.

Então achamos que as narrativas que nós temos aqui são maravilhosas, porque na verdade elas são narrativas de uma população que é sincera, que se abre para dizer o que sente e como vê o universo que a cerca. A interpretação mágica desse significado do imaginário das coisas é que nos remete à uma reflexão sobre a vida e continuação, nessa vida, dentro do que a população pode perceber e que possivelmente faz com que ela viva mais tempo.

Os temores vão acabando, vão deixando de existir. Sucumbindo a um arremedo de progresso, de evolução no traçado urbano, na apropriação de uma arquitetura urbana e quando a tal evolução chega ao nível da tecnologia, por exemplo, ou mesmo somente da eletrificação de espaços e então o que era escuro à noite, iluminado de forma turva, agora é claro, não como um dia, mas é mais claro, e tudo o




que era visto pela retina entre as pálpebras, que era assustador e fantasmagórico, pode parar de existir. Mas a memória está lá. Poeticamente conservada.

É curioso, aquelas histórias das pessoas que “viram” (transformam-se em) bicho, essa metamorfose que lembra o xamanismo e a metempsicose, elas são reais? Parece que sim, porque as pessoas que narram, afirmam terem tido contato com as outras que sofrem esse “fenômeno” e juram que viram, e, sei lá, narram com muita veracidade.

Os seus contatos, é fundamental então que se trilhe de forma bastante cautelosa por esse caminho, por que eles vão levar a várias veredas que eu chamaria de percursos variados, para poder organizar nossas cabeças e contar melhor essas histórias. Não de nichos, mas de espaços adequados para narrativas que são próprias de depoimentos, de coisas do fantasmagórico.

Depois, depoimentos de coisas que são narrativas tradicionais, que as pessoas vão contando umas para as outras. E, finalmente, a narrativa das histórias de suas próprias vidas, porque essas pessoas contam também algumas coisas que são da sua própria trajetória como ser humano numa cidade e enquanto contam a sua história, vão narrando também fatos e fenômenos que ocorreram durante seu trajeto, seu caminhar de vivências.



Nesse nosso povo, esse universo mágico é que é de um realismo realmente fantástico, vamos dizer assim. Não vamos chamar de realismo fantástico, de realismo mágico, realismo imaginário, porque se a gente tentar categorizar isso, talvez seja complicado. E se a gente tentar pensar pelo lado, por exemplo, da filosofia de Gaston Bachelard, vamos trabalhar com o “imaginário imaginante” e esse “imaginário imaginante” se funda, principalmente no estado de devaneio ou no estado de sonho?


E entre as narrativas coletadas, algumas são de sonho (noturno) mesmo em situações fantásticas, porque as pessoas sonham e depois que acordam, continuam vivenciando aquilo de alguma outra forma, mesmo acordadas, o que é um fato muito fecundo e intrigante, ao mesmo tempo. Vamos ver então, como é que essa coisa se desenrola?



4.1. As pérolas do imaginário em narrativas noturnas.

Aldo José Lisboa e Tácito Borralho.

Talvez não seja necessário buscar fundamentos em estudos de um filósofo como Gaston Bachelard, por exemplo, para se entender que há um estágio de sonho, de olhos fechados, de sonho noturno, o que realmente nós podemos chamar de sonho. Mas, também, segundo ele, há um estágio de sonho diurno,




porque quando as pálpebras não estão cerradas no total, a pessoa está com os olhos entreabertos e pode estar caminhando, falando, cantando. E vem uma espécie de sonho perturbar-lhe a cabeça, fazê-la entrar numa viagem significativamente poética. É o estágio de devaneio.

No caso das narrativas populares, existe uma coisa muito complexa que, não por acaso, nós descobrimos aqui nessas conversas com esse povo maravilhoso. É que na verdade existem sonhos que remetem a um fato tangível, de imediato ou não, mas que as pessoas podem realizar aquilo que foi descrito, o que foi encaminhado no sonho.

Muitas pessoas se dizem sensitivas ou têm um nível de sensibilidade, e até fazem premonições a partir do sonho. E não podemos simplesmente duvidar, por que acontece de fato. Agora, o que é curioso e que também é um fato, é que, por exemplo, a pessoa recebe em sonho uma indicação de botija de ouro e lhe é indicado o lugar e a forma de como resgatar aquilo. E algumas ou a maioria das pessoas foi lá no lugar indicado e retirou o ouro. E muita gente tem conhecimento disso. Outros descreveram que foram, o que foi que aconteceu, mas não tiveram coragem de resgatar. Ou então perderam, por uma questão de descaso mesmo.


Porém há outros sonhos que são reveladores,



que são também premonições, ou são indicadores de atividades, de ações, que têm que ser realizadas. Isso ocorre com uma pessoa acordada? Não é. Não são simples devaneios. São, vamos chamar... são instigações, revelações, sei lá, que podem provocar o sujeito a praticar ações que levam a resultados reais.

E tem pessoas, como nós ouvimos aqui durante as nossas conversas com o povo de Primeira Cruz, que sonharam e realizaram, pois quando acordadas, vivenciaram todo o resultado do que lhes foi proposto em sonho. E depois, sonharam com a dissolução daquilo, para desfazer tudo o que foi feito. E a ação de desfazer foi realizada também em sonho. E quando já despertadas, na realidade, a coisa tinha acontecido de fato. É muito intrigante, porque não se trata de milagres, nem de fenômenos de paranormalidade.

É muito simples compreender: uma pessoa sonha que vai receber uma determinada coisa e que deve tomar certa atitude para receber essa coisa. Faz tudo certinho e recebe. Outro tipo de pessoa sonha que quer ficar rico, por exemplo, e lhe aparecem figuras que lhe encaminham nessa empreitada, mas nunca sem firmar um compromisso de alguma troca, como a promessa de dívida eterna etc. Então, por exemplo, a pessoa vai poder fazer uma grande roça. Vai ganhar um grande terreno e vai fazê-lo desenvolver uma grande produção. Enquanto a pessoa estiver fazendo tudo direitinho e certo, como foi mandado em



sonho, vai enriquecendo. De repente alguma coisa atropela essa situação. Faz com que a pessoa se torne displicente, deixe de cumprir o que estava combinado e isso vai interferir no que estava realizando.

Então, de repente, em sonho, as mesmas figuras que lhe ofertaram, que lhe fizeram ganhar tudo aquilo, levam essa pessoa para lá, para aquele reduto e destroem tudo. Ao acordar, a pessoa vai lá, vê que a coisa é real, que acabou tudo. É complicado. Precisaria que alguém estudasse isso com profundidade. Tentasse compreender de uma forma mais científica... até explicar.


A nós não nos cabe explicar, compreender cientificamente. A nós nos cabe apenas entender e acreditar no que as pessoas contam, porque elas afirmam que vivenciaram. Então vamos dar crédito a elas. Se isso não foi verdade total, pelo menos alimenta o nosso imaginário de uma forma poética maravilhosa.



4.1.1. Narrativas que são próprias do fantasmagórico.

SOBRE BOTIJAS DE OURO

A terminologia “botijas” não se adequa muito ao que é de fato o fenômeno que ocorre no município de Primeira Cruz. Ali a história se dá mais com referência a latas, a caixões de madeira e raramente em potes de barro. Talvez por que o povo acredita que, tanto moedas de ouro, como prataria e baixelas, foram enterradas por antigos fazendeiros ou pelos padres



Jesuítas, quando tiveram que deixar o território que compreende de Barreirinhas até Primeira Cruz, por exemplo.


As histórias se dão sempre em função de uma revelação através de um sonho. Como pensar que essa narrativa possa ser mentirosa, ilusória, se as pessoas vão até um local indicado, encontram (ou não) e o que os faz não retirar o que lhes foi ofertado, em geral, é o medo. Não cabe aqui proceder uma análise psicológica ou semiótica do fenômeno. Cabe sim, buscar entender que dentro desse universo de realidade mágica, de realismo fantástico, as pessoas sonhavam e o fenômeno ocorria. Há testemunhos de que elas enriqueceram ou que tiveram medo de retirar.

Então, vamos tentar transmitir essas histórias de uma forma bastante pertinente, deixando prevalecer a própria linguagem narrativa das pessoas com quem contactamos.

Sobre os fatos de pessoas que receberam riquezas em sonho, ouvimos:

De *Iva*, uma mulher adulta, mas ainda jovem:


O *Besouro* recebeu de uma alma (ou três almas),



um ouro. E essa mesma alma oferecia para a mamãe. Isso... Falaram três vezes pra ir no fogo. O mesmo que dizia pro *Besouro*, dizia pra mamãe. O *Besouro* ainda foi procurar mamãe, que era pra eles tirarem juntos. Eu acho que ele tirou o ouro por que ele foi embora daqui e dizem que ele ficou rico. Vivia muito bem de vida...

Já Dona *Fadacafote*, uma senhora de 82 anos, já falecida:


Contou que o pai do *Dr. Almir*. esse que é juiz lá em São Luís, o *José Cerveira*... davam em sonho... vinham dar em sonho pra outra pessoa... olha, tá em tal parte assim, assim... esse dinheiro dele era entre o Bebedouro e o Santo Amaro. Apareceu um fogo como eu vi com esses olhos que a terra há de comer. Lá no Mirim onde nós morava, na Vareda Grande... e aí deram pra ele... Eita, meu Deus! E ele era pobrezinho... aí disseram pra ele: tem cuidado! leva tua mulher, tira a roupa dela e manda ela ficar de coca... tu cavando, ela de coca... e ele cavando (bicho doce, né?) Eles mandavam e ele foi... e levou ela... chegou lá, tirou um pote. Esse homem enriqueceu da noite pro dia, depois botou uma loja na Boa Vista... gado muito ainda tem lá... Ninguém sabia, mas depois descobriram que ele tinha tirado



esse dinheiro... mas diz que se deixa umas moedas lá, porque se não morre logo ou então deixa uma vela acesa... Educou os filhos todinhos: engenheiro, advogado... é juiz agora.

E continua contando sobre o mesmo assunto, Dona *Fadacafote*:


Outra história foi aqui na Carnaubeira, na terra do *Álvaro*. Deram em sonho pra ele, pra buscar o dinheiro... pra ele e pra primeira pessoa que chegasse na hora em que ele tivesse cavando. Ele tinha olho grande... só queria pra ele. A pessoa vinha... porque ali era negócio de fonte de encher água... então, tinha que repartir aquilo com aquela pessoa. Aí, já anoitecendo... e foi na Carnaubeira... Aí, ele foi, cavou, enxergou o dinheiro... tava já descobrindo e tirando a terra quando vinha um moço... e ele, com olho grande, de ficar só pra ele, sentou na boca do buraco... sentou pro outro não ver o que ele tava fazendo... sentou na boca do buraco. Aí o cara chegou e perguntou: o que tu tá fazendo aí? - Estou aqui sentado! Aí o outro encheu água e foi embora. Quando ele tirou o rabo de cima, o buraco tava cheio de carvão...



Agora, na Boa Vista, perto do rio... não tem aquela ponte que vai pra acolá? Ali era só carnaubal... Meu tio, irmão da minha mãe, finado *Molino*, contou foi muito pra nós... e que uma carnaúba derreou ali... O povo banhava, achava colher de ouro, achava garfo de ouro e achava faca... Isso era gente que enterrava ali, no pé das carnaúbas. Uma tia minha, prima da minha mãe, a finada *Edelcí*... Meu tio sonhou que era pra ele ir cedinho, que no pé da carnaúba, na beira do rio, ia cair um caixão... a beirada já tava de fora... era pra ele tirar antes de cair dentro da água... que a carnaúba adernou na ribanceira, pra cair. Ele foi... era pra ele e uma pessoa que ia chegar lá. Ele foi... quando ele olhou o caixão... quando lá vem uma prima dele, a tia Edelcí (que era pra eles dois) Aquilo deu um nervosão tão medonho e um medo tão grande... Ele não pode falar... ficou com a língua dura... foi carregado de lá pra casa. Depois, quando ele tornou dele, ele voltou lá e já tinha caído... o povo... achou moeda... o povo achava muita moeda...

E Dona *Fadacafot* vai emendando:


Ali na Beira do Lago, pro lado de Santo Amaro (outro dia eu passei lá)... as meninas diziam: aqui é que tem muito dinheiro enterrado... um cara deu pra uma pessoa da Boa Vista em sonho: Tu vais debaixo



do pé de criolí, na beira do Lago... tu varre as folhas, tira a terra... tem quatro tijolos de ladrilho. Debaixo daqueles tijolos tem um presente pra ti... agora tem cuidado, porque sai uma cobra muito grande de dentro do buraco. Três vezes tu cai no lago e volta... ela torna a sair tu torna a cair no lago... são três vezes... Aí, quando ele viu a cobra sair, ele se assustou, caiu no lago e daí nunca mais ele foi lá... ficou com medo... era uma cobra enorme, muito grande... mas ele hoje tá calmo.

Em outro momento, noutra noite, o *Xande*. nos fala:

Lá na Tapera, no sítio do Alonso, ali deram uma lata de ouro, de moeda, pra mamãe... Ela não foi buscar, com medo... ela só sonhou... porque era à noite e não quis... Papai contava que o Atobal, que era quase como o *Suo*, sonhou com o dinheiro e disse: é pra ti mais *Zacarias*... mas não diz pro *Zacarias*... deixa que na hora, aliás, ele vai lá... Quando tu chegar lá, tu arranca o dinheiro... se disser, ele é muito ambicioso... Aí ele foi com medo, mas foi lá no local. E disse pra ele: bem onde tá, uma vaca pisou na lama e furou a lata e a água foi pra dentro da lata... Ele passou três dias andando atrás desse lugar... aí quando foi no terceiro dia ele foi pra fazenda... quando ele chegou lá, ele se lembrou, botou as coisas dentro de casa e




foi atrás... olhou pra carnaubeira deitada... era que tava a lata... ele olhou pra carnaubeira deitada cheia de água ao redor... era no pé da carnaubeira é que tava a lata... onde a vaca pisou bem em cima e tinha atravessado a lama e furado a lata. Aí ele ficou lá olhando... aí o *Zacarias* chegou e disse: rapaz que tu faz aí? Não, seu *Zélio*, Tava só aqui pensando... foram embora e não tirou...

Em outra noite o *Noleto* nos disse:

Siô, aqui na Primeira Cruz, mesmo aqui, eu não sei, mas lá mesmo, lá pro lado do São Francisco, um cara tirou um dinheiro. Ele ainda tem o pote. É lá na Travosa... ainda tem o pote de lembrança onde guardava o ouro. São Francisco fica no caminho de Santo Amaro. Ele acabou o dinheiro, o ouro, só com a vaidade, com raparigagem, com tudo. Ele era rico, ele era muito rico. O dinheiro... era muito dinheiro... e o homem... Foi a mulher do “Colovid” que contou:


Ficou só ele e o filho. Aí, disse que o cachorro correu atrás da casa. Quando ele chegou lá, o cachorro tava cavando e tal... e ele começou a cavar e deu com o pote e arrancou. E aí, não foi ninguém que deu pra ele, foi o cachorro que descobriu. Mas disse que arrancou, olha! Levou pra casa dele... tava chapado



de ouro e tudo. Levou pra dentro da casa dele, lá na Travosa... a mulher dele já tinha morrido. Tava só ele mais o filho. Aí pronto. Esse homem “suspendeu”! Era gado, fazenda, de repente... tudo com o dinheiro que tava enterrado. O resto, o filho dele foi acabando, que ele era homem... foi acabando com rapariga o que ele ganhou. Ele guardou o pote vazio lá na Travosa mesmo. O nome dele era *Delmo* e o filho mora ali em Humberto de Campos e as moedas eram de ouro mesmo, pois ainda hoje o cabôco é cheio de coisa.

Sentados à porta da casa de *Dalma* e puxando muita conversa, ela nos contou essa:

Sobre dar ouro, o do finado *Mion.*, diz que foi certo. Ele sonhou que tinha uma lata, não, um tipo assim um cofre cheio de dinheiro no quintal da finada Antônia Fuica. Ele sonhou com aquele dinheiro... ele sonhou com alguém dizendo que se ele quisesse arrancar o dinheiro, era naquela hora. Aí, ele convidou o filho, o filho disse que não ia. Aí, no sonho, ele viu o fogo. Quando ele abriu os olhos e ele enxergou dali, o fogo... azulzinho, azulzinho e ele: vixi Maria! é o fogo!... mas tava lá, direto. Quando ele olhou e foi certinho. Levou um chacho e marcou a direção do fogo. Aí, cavou, cavou... e aí ...o dinheirão! Tinha!! Seu Mion só fez juntar o dinheiro não conferiu... agarrou a família




todinha e foram embora pra cidade. No outro dia de manhã tava ao buracão e ninguém sabia o que era. Na época do seu Mion, isso aí todo mundo soube aqui em Primeira Cruz. Ele morava ali na casa que era de dona *Rita*. Eu ouvi falar que o dinheiro era pra ele mais o *Rabelo.*, mas ele não foi chamar o *Rabelo*. Mas seu *Mion* contou pra muita gente e foi embora.

SOBRE ASSOMBRAÇÃO:

A Cavala Canga, nos relatos do povo de Primeira Cruz, raramente se assemelha à descrição da lenda da mula sem cabeça, que em lugar disso, tem uma enorme tocha de fogo. Não, neste município ela é confundida, algumas vezes, com um cavalo branco, uma assombração bastante vista e descrita por nossos narradores.

Como nos conta *Iva*:

Um dia, a gente vindo das caieiras, o *Bicudo* contou pra nós, ele e o *Solano*... ele chegou com umas duas lá na porta lá de casa, aí ele foi embora e (o *Bicudo* foi deixar ele, o *Solano*)... e quando ele chegou lá na casa dele, aí quem é (o *Bicudo* ainda era vivo, ele e o *Solano* que contou pra gente... o filho do *Epitácio*). Aí



eles vieram me deixar. Quando foi pra abrir a porta ele disse, o *Teodoro*: Vocês não vão sair agora! Tão escutando? (Pela primeira vez, foi passando na rua...) Olha aí! Vocês vão se encontrar... era a Cavala Canga.

No outro dia, ele contou pra gente, com febre, frio, dor de cabeça... Ele viu e ainda correu foi atrás pra pegar na rédea do cavalo! Um cavalo muito branco, branco, lindo, lindo!... a única coisa que ele via era um cara de gibão, chapéu de vaqueiro, e os arreios do cavalo tudo de ouro que brilhava, brilhava!...Ele estava com umas duas na cara e no dia seguinte estava todo rasgado de pular as cercas... diz que hoje ainda passa, pois o Bigo diz que tem encantado...da rua do *Artur*, e desce pelo canto das Desfolhadas. Ele desce direto aqui pela rua do Bigo. Quando ele volta, ele já vem pela outra rua pelo fundo do quintal do Bigo... no quintal... já vem pela outra rua, pelo fundo do finado *Baba*, porque lá já foi rua... Ali tem muito choro de criança...

Entrando na conversa, o *Evo*, como quem suspira: ... a cavala canga... (toda terra tem suas assombrações até quando chega a luz elétrica... Primeira Cruz evoluiu, mas não acabou)

A *Iva* recupera o fôlego:

- O *Piauí*, filho do seu *Babá*, ele saiu da quadra pra ir pra casa, era meia-noite, não tinha energia... aí, quando ele chega bem aí na rua da Independência onde seu *Babá* morava, ele chega mais acima um pouco daquele colégio, ele ouve um berro, um relincho... é onde é a casa do prefeito hoje. Como ele ia daqui pra lá, aquilo deu um relincho tão forte que ele pensava mesmo que era um cavalo encantado... que quando ele chega mais perto, que ele olha, lá vinha aquela coisa acompanhando, levantando poeira no ar, galopando e berrando... não tinha cabeça... era só um pescoço e aquele fogaréu, que se ele não se atrepa na cerca... e caiu lá do outro lado e ficou todo rasgado... a bicha botou foi pra passar por cima dele... foi uma Croa Canga... cavala canga ou cavalo canga... mas ele viu e disse que era um animal mesmo. Na minha mente, ele disse que era branco

O *Evo* retoma a palavra:

Ali pelo quintal do *Babá*, o que descia era um cavalo branco que tudo dele era em ouro: sela, arreio, cabresto, tudo. Aí, ali era um quintal e era por onde se passava porque onde é a rua hoje era só mato... ainda não tinha nem a casa da *Dama*.... ali...

Noutra noite em outra roda de contar histórias e

causos, Sergio disse que já ouviu muitas coisas, mas afirma: Eu nunca vi mesmo. Ouvi muito falar que era muito visageiro mas nunca vi. Agora, o mais estranho que eu ouvi falar que tinha uma tal de cavala canga que as pessoas ouviam o berro dela e uma vez eu cheguei a ouvir o berro do animal. Já um rapaz que tava aqui, tava no banheiro, viu passar a beirando a cerca... ele disse que era tipo um animal e que ele viu só das pernas pra baixo. Era um cavalo... só via as pernas e o grito como de um animal quando tá brigando. Isso era de noite... tarde da noite. Nesse tempo aqui não tinha luz, não tinha nada.

SOBRE O CAVALEIRO:

O Cavaleiro fantasma é um personagem recorrente nessas narrações noturnas.

Quando o *Evo* volta a participar, ele descreve que no quintal da *Iva* também aparecia. Ele disse:

Uma vez eu vi. Era um homem sentado na beira do poço... pensavam que era o pai de mamãe, o finado *Zabelê*. A calça dele era preta, camisa de manga comprida branca, sapato preto, com um chapéu de vaqueiro na cabeça... ele adora um chapéu de vaqueiro. Ele sentava na beira do poço lá de casa... (Iva atalha a conversa): olha aí, o *Evo* também viu.



Evo reforça:

A visão era um vaqueiro sentado na beira do poço, mas sumiu, nunca mais apareceu lá. No quintal lá de casa onde eu morava tinha uma estribaria... sempre ele ficava ou na estribaria com os cavalos ou na beira do poço sentado. Tinha calça preta, sapato brilhoso preto, eu... já tinha uns trinta e poucos anos... a camisa de vaqueiro, de couro e o chapéu era de couro... ele não falava nada... ficava na beira do poço só vigiando o rebanho. Teve uma vez que eu falei com ele no período de lua cheia... aí eu disse, de longe... falei pra ele: te arreda porque eu vou passar. Aí ele saiu e desapareceu. Eu lembro que eu passei numa carreira tão grande pra dentro da casa que eu fui arrebetando porta com tudo (a gente entrava pelo fundo da casa).

A Fadacafote lembra:

Assobiador, aqui tinha muito... Essa velha, aí, bem de canto, ela morreu disso... que o que se vê, não se conta. Agora, aqui na Primeira Cruz aparecia um cavaleiro... esse era um lugar visajoso... depois da


energia é que sumiu... Era um cavaleiro num cavalo branco que aparecia na rua e quanto mais se olhava pra ele, mais ele crescia... aí ela levantou pra olhar, tá vendo?... quando ela ouviu o barulho: pracapaá, pra ca, pá, pá, pá, pá, pá, pá, pá,... já tava bem na porta dela, bem aí nesse canto aqui e aí, naquele canto defronte da casa de comércio, daquela padaria...

Vou te contar uma dali.. aí, ela olhou...abriu a janela, pegou aquele vento e olhou... viu o cavaleiro... viu um homem montado no cavalo, alvinho!... quanto mais ela olhava, mais ele crescia... aí ela chamou o marido e contou... e deu uma dor de cabeça tão terrível que morreu... é a finada *Crinalda*.

Agora, um pescador de nome *Zangado* que é pai de um que chamavam de *Brinco*, que trabalhava no terminal, o pai do *Bento*, ele era arrais de rede, que é como se chama o chefe, o que sabe onde tem o peixe... e aí ele levantou umas horas da noite pra chamar mais pescadores... quando ele chegou bem na rua da frente, ali, lá vem o cavaleiro... ele se esconde... mas tão alvo que brilhava, com um cara de branco em cima. E aí ele saiu atrás, ficou olhando... ficou olhando, ficou olhando, até quando entrou no cemitério.

Dmasio conta em conversa na beirada da casa dele:

Afirmando que: aqui também tem um cavaleiro que passa, mas não é cavaleiro vivo não. Ele desce desse alto aqui do Pichuri, da Lagoa do Pichuri, também chamada alto da Dica Puba... Mas ele desce aqui, passa aqui nesse beco e dobra naquela rua, ali. Eu acho que vai pro cemitério... um bando de cachorro latindo...é um cavaleiro. Eu já vi. É um cavaleiro... e nesse tempo não era muro, aqui na casa... e uma noite a menina tava com uma dor de barriga, dor no estômago, que a gente não podia deixar de acudir, a minha neta. Aí, eu me levantei pra fazer chá eu vou com farol aceso, quando eu ouvi o tropelão do cavalo... Era uma cerca de pau... a gente enxergava quem tava vindo... minha vista era boa, chegava tudo. Aí, ele ia passando... mas este cavalo é muito bonito. O estribo dele e aquelas coisas que o cavalo tem, parece assim que brilhava. A com a luz da lua e o reflexo da luz elétrica, pois já tinha luz aqui. Nós morávamos no interior, mas vim morar aqui nessa casa mesmo. Aqui. Só que ela era de palha, não era de tijolo. Era de pau e nesse dito lugar. Aí, ele passava... um cavalo branco lindo! O cavaleiro tinha uma roupa assim parda, como de antigamente, como roupa de vaqueiro, de couro. Aquela roupa meio acinzentada, meio escura, que assim que era... chega o bicho tremia... e aquela visão... aí... e aquela gola, chega que fazia xis... mais a cara eu não via, não.



Aí, ele desceu... nesse dia me deu um calafrio que eu fiquei com medo e corri pra dentro de casa e o fogo do farol apagou... e eu fui, me sentei... e o farol era do meu marido que ele tinha curral... era daquele fogão alto... aí, não vi mais nada depois disso.

Já *Dalma* nos disse:

A única coisa que eu vi na minha vida, por que isso aí era de quatro e meia pra cinco horas da manhã... era um lamento... num dia de sexta-feira, passava um cavaleiro aqui e eu disse que um dia eu vou olhar. Aí, a minha comadre Moahana. disse que via também, mas que não ia ninguém nesse cavalo. Aí, foi quando eu abri a janela e vi aquele cavalo alvinho, alvinho... e quando ele foi passando eu caí pra trás. Tive um calafrio... passei foi cinco dias com febre, com calafrio... e no cavalo não vinha ninguém montado. Mamãe via na porta... mamãe dizia: hoje eu vou olhar...


Mamãe cansou de ver e dizer que não tinha ninguém montado o cavalo. Era tão alvo, alvo... reluzia muito... ai, mamãe disse: hoje eu vou olhar. Quando mamãe abriu a porta da rua, que ela foi pra jogar o mijo... era pra jogar era no cavalo... Ela caiu mortinha... foi a maior luta pra minha mãe falar... foi

não sei quantos dias de febre, calafrios...

SOBRE O GRITADOR:

Evo, continuando o papo da roda:

O assobiador, não. Eu vi um gritador... vi, não, ouvi. [Imita o grito lancinante] ... ele vinha daqui da ilha, de lá das Cancelas para a Primeira Cruz... até aqui na sede. O Adamastor e o Heleno foi botar para correr... eu ouvi o berro dele. Estava debaixo de um pé de carnaúba, só eu e Deus... eu fui caçar pato selvagem... eu já tava numa faixa de quarenta e poucos anos... aí, eu saí pra caçar... aí, quando eu cheguei na Salina Velha... eu para mim que já eram quatro horas da manhã e ainda ia dar era meia-noite... eu dormi cedo porque naquela época a gente dormia cedo... eu levanto, eu me espantei porque que já tinha passado da hora... levei o negaça (é o pato chama), aí cheguei lá... fiz um fogo debaixo do pé de carnaúba... quando deu umas horas, deu um berro muito forte [imita o berro] que gargulejava... que o gargulejo dele ia se estendendo... se tremendo tudo... aí eu peguei corri... fiquei debaixo de um pé de carnaúba, peguei a espingarda aí disse: seja lá o que Deus quiser. Aí, passou uns minutos e ele deu



outro berro, agora, esse, quando ele deu, foi mais perto... mas eu senti que veio aquele vento tão forte que o pé de carnaúba abalava... as árvores tava tudo abalando... aí ele desceu pro rumo da Tapera, continuou a gritar, até quando não ouvi mais. Acho que cada um lugar tem um gritador...

Bigo entra na conversa:

Os mais velhos dizem que são dois mortos carregando um outro morto numa rede, enfiada em um pau, com um cachorro atrás. Numa hora lá, o cachorro morde o calcanhar do que vai atrás e ele grita... só tem segredo... as pessoas que contaram que viram o morto que vai dentro da rede, o gemedor, vai gemendo... eles vinham fazendo uma penitência e os dois cachorros que vinham atrás, tinham uns olhos de fogo.


Na vez do *Xande* ele disse:

... Falando do gritador do Capão Escuro, lá na cancela, era só um gritador mesmo, eu nunca vi, só ouvi falar... ouvi falar que lá na cancela tinha uma cerca e uma cancela. Se passava, mas não se podia

bater a cancela...Se batesse, quem é, gritava atrás da pessoa...

Outra coisa também que eu vi mais o *Vando* meu tio, a esposa dele, a velha *Maena* (já morreu) e minha avó também que já morreu... (tá vivo só eu e o Vando): No porto do Alegre, um padre... nós vimos um padre... nós fomos daqui pra Água Branca pelo porto do Alegre, umas doze horas para as doze e meia da noite, mais ou menos... o padre tava bem na beira do porto do Alegre, de batina branca. Branca, branca mesmo que brilhava na lua... ficamos de fora... ficamos lá até quando aquilo desapareceu...

Eu vi também... eu tava namorando uma menina lá em cima, eu tenho até uma filha com ela. Eu só ia pra lá, de noite. O pai dela era cheio de presepada... cheio das coisas... de virar... ele virava bicho... cheio de orações... Aí mataram ele, aqui pro centro... Aí eu ficava com ela. Quando foi uma vez, nós tava fudendo no mato, pois dentro de casa não dava... fomos lá porque era escondido... aí nós tava era bem umas dez pras onze horas... era uma noite de lua... aí bem ali onde nós tava, tinha uma moita... ela disse que ouviu uma coisa... nós dois nus... aquele grito de demônio, alto, arrastado na goela... e lá vem (ela que disse): não corre... aí quem foi, se adiantou saiu... virou assim e quando eu vi já foi de costas e tornou a entrar na moita. Era uma pessoa... a cabeça dele não tava no local, tava no braço... carregava no ombro...



dizendo ela que era o finado pai dela porque ele morreu sem cabeça... cortaram... e o pai dela vivia perseguindo ela. Ela ficou até louca... aí ele passou assim falando... a boca abria e falava. Só uma coisa ele não fez: ele veio de frente e foi virando de costa e retornou pra moita. Ela me disse pra eu não correr; por que se correr é pior...

O *Bento* o interrompe lembrando:

Sobre um gritador do Capão Escuro, do que eu conheço, é o que minha mãe falava, que quando a pessoa faz uma promessa, porque é assim lá na Carnaubeira, na ilha da Carnaubeira. A minha mãe ela sempre contava essa história. Diz que lá, um rapaz fez uma promessa com São João... é que ele foi pescar e quando ele chegou da pescaria, quando ele foi saltar da canoa furou o pé num ferro de canoa. Quando ele furou o pé, passou um bando de dia em casa parado sem poder trabalhar. Aí ele se apegou com São João que quando o pé dele sarasse, ele ia fazer uma brincadeira de bumba meu boi lá na ilha da Carnaubeira mesmo. Nesse tempo lá que a gente morava. Porque meu pai era de Boa Vista e minha mãe era de Rampa, Miritiba, da família de *Mapari*. Meu pai era de Boa Vista, da família de *Molina*. Aí o que acontece: ele sarou do pé e nada de pagar a


promessa. O pé dele já tava bem sarado, aí sempre “nêgo” dizia assim: rapaz, tu não vai pagar a promessa pra São João? Aí ele não... rapaz, depois eu pago. Aí, a casa dele começou a pingar... Aí ele disse: mulher, eu vou tirar umas palhas de carnaúba e fazer a casa. Aí ele tirou o teto da casa todinho e foi cobrir a casa. Nisso que ele tá em cima da casa, deu uma chuva, de tarde e ele caiu lá de cima do teto da casa, embaixo. Morreu. De seis a oito meses que ele tava morto, apareceu esse gritador na Carnaubeira, lá na ilha... Esse gritador gritava de uma ponta a outra. A casa que ele tava cobrindo era lá na Carnaubeira e esse rapaz que morreu era da família de Jurema Juma., uma pessoa. Ele tinha um irmão chamado *Juriti*. Aí, lá apareceu esse cara... gritava pelo nome do irmão. E o cabra (o irmão dele) era bom de oração, bom de requerer. Aí ele disse: mulher prepara uma comida pra mim que eu já vou atrás desse cidadão que anda gritando aí, anda me gritando no mato e hoje eu converso com ele. Tá bom. Ele se preparou, pegou a garrucha dele e foi lá na encruzilhada. Quando chegou lá na encruzilhada, ele amarrou a garrucha longe e ficou esperando ele, junto da garrucha. *Juriti* jantou cedo e quando foi seis horas em ponto que ele foi lá pra encruzilhada. O gritador, ele já chamava, era quase de dia, o cabra pelo nome dele. O *Juriti* já vivia era assombrado por causa desse negócio. Todo mundo ouvia. Os que moravam, lá todo mundo... dos que moravam lá, acho que não tem mais ninguém

vivo... Aí, ele gritava... ele gritava *Juriti*... gritava pelo nome do irmão... Aí, sem demora, quando ele gritou no capão e o Juriti se preparou e foi para o meio da estrada onde ele ia passar... e ficou no meio da estrada... Aí, na hora que ele gritou e *Juriti* parou ele... agora, o camarada não fica de frente, o que tá gritando... o que requereu, o cara reza pra chamar, pra conversar... Aí, ele conversou com ele: o que era que ele tava gritando? Ele ficou de lado dele... ele ficou assim... ele ficou conversando com ele, assim de banda e ele perguntou: o que você anda querendo me gritando? Aí ele disse: é... já tá com um ano, dois anos, que eu ando lhe procurando... ando a sua procura. É que eu fiz a promessa com São João pra fazer um Boi e não paguei. Eu quero que pague essa promessa porque se não, ele não se salva. *Juriti* disse: certo. Você pode ficar despreocupado que eu vou pagar a sua promessa... ele reconheceu irmão. Aí, ele disse: eu tô fazendo um brejo, vou plantar um arroz... se der bastante arroz no brejo, eu vou recolher esses a esse arroz todinho e vou levar pra Rosário. Nesse tempo o pessoal daqui vendia as coisas em Rosário: o peixe, o camarão, o sal... quando vinha de lá trazia farinha de cabeça, trazia banana, trazia jaca, trazia todos as coisas necessárias. Chegou o dia certo, em Rosário, vendeu o arroz e comprou um Boi de brincar... Aí, deitaram, lá na a Carnaubeira, levaram pra o lugar onde ele foi entrando. No Currálinho... o Currálinho é uma outra ilha... aí levaram... quando chegou lá

botaram o Boi em cima da cova do cidadão... Aí, os brincantes tudinho pegaram os chapéus e foram botar em cima da cova. Tu acredita que não caiu um chapéu de cima do Boi e o Boi tava deitado em cima da cova... A minha mãe tava lá, o meu pai também... Aí, né?... Aí pronto. Eles terminaram lá de fazer o serviço, aí vieram... Aí, pronto. Acabaram... Acabou o gritador da Carnaubeira... Nunca mais brincaram Boi... era só pra pagar a promessa desse gritador do Capão Escuro. Mais ainda existe esse gritador... grita da Tapera até o sítio.

Ô siô! a mulher que sabe a história todinha passou por aqui agorinha a *Soeiro*. mãe da *Narcisa* do Luorenço da *Nerine*. Mora aqui em Primeira Cruz ali pra cima, no beco da casa do Empolado. Ela é a sogra do *Luca Banana*... Pois é... o gritador grita da Tapera e passa aqui dentro da Primeira Cruz, até no sítio. E ela já viu o “camarada”. O sitio é o sítio do João Pedro Lira. Eu já ouvi ele gritar lá na Tapera... Ele grita assim: AAAIIIIII... esse grito assim penoso...

Outra Vez... Eu e o *Severino*. meu sobrinho, é bem na boca do Igarapé do Moreia. Esse aí, a gente vinha chegando eu e o *Severino*, um cara, parecia que tava assim atolado na lama... parecia assim um búfalo... quando puxou fazia assim aquela zoada na lama... saiu quebrando o pau por dentro do mangue. O *Severino* perguntou pra mim: tio *Marcado* o que é isso?... mas rapaz! tu vê? Tu deixa de fazer essas perguntas




bestas... eu fiquei com medo mas não deixei ele ver que eu tava com medo. Aí, a gente chegou no Moreia e tava tirando água do casco e o bicho saiu... o cara saiu quebrando mangue quando chegou no campo de aviação ele deu um grito, um berro e veio atrás de nós. Quando chegou bem na Olaria, ele deu um berro muito feio mas nós não vimos... só ouvimos, só isso... É verdade.

Outra noite, à porta de *Damasio* ouvimos:

Sobre o gritador, passa por aqui... eu tenho pra mim que a pessoa seja uma mulher. Quando um dia eu tava armando as redes, quando lá vem, lá vem, lá vem... aquela coisa gritando de lá de cima, pra lá da cancela, pra cá do Buriti Novo, na picada... aí vinha vindo, vinha, vinha... aí, quando nós fomos botando o olho, a coisa... a cabeça... começou se juntar... e veio mais duas pessoas... Eu, pra mim, o que vinha dentro, era um agarrado numa parte e outro agarrado numa outra... era numa rede...

Esse gritador que nós vimos lá nas Mangueiras, esse vinha dentro mesmo... esse vinha direto mesmo pela estrada e chegou... tinha um bando de casa, aí, eles a rodearam as mangueiras e quando chegou aqui no poço largaram esse grito... esse grito alto.



Aí, desceu... aí, a gente viu até depois da Mangueira. Em baixo ele deu outro grito... passava uns minutos e gritava... mas era uma pessoa carregando outra, pois era duas pessoas carregando a rede... a pessoa que tava dentro era que gritava. Dava aquele grito que chega... Ave Maria! Aí, saímos correndo e fomos lá pra dentro da casa. Aí, fomos deitar dentro de casa, mesmo porque a gente tava ali fora porque era ventilado.

ALMA PENADA:

Sobre esse tipo de assombração muito comum entre a população, as rodas de bate papo de beirada de casa, boca da noite, que participamos, nos deram muita informação.

Seu Jonas nos contou:

Que uns caras pegam uma raposa batem nela até ela dá a mão pra eles... ela dá a direita e eles não querem... continuam bater até ela dar a esquerda... aí eles cortam e embolsam... e usam pra ganhar mulher.

Na ilha do Pé -de -Galinha (ou ilha galinha) é que tem uns camaleões encantados. Se alguém chegar a matar um, dá febre, dá frio... Eu ouvi dizer que um garoto aparecia lá no estrondador... uma lagoa que tem pra ali... e estronda mesmo... já andei lá. Diz que aparecia umas visagens de crianças que morriam afogadas pro lado dali... eu pescava, mas nunca vi nada. Eu me assustei uma vez foi com um carretel num caco de espelho.

Já o *Evo* afirma:

Eu vi mesmo... eu vi sentado... uma criança que depois que eu vi que ela não tava andando, ela tava flutuando. Ela chorava... com um vestido branco (de mangueira curta), até o pé... e tinha, tipo uma toucuzinha na cabeça... tipo um véu... na minha visão ela tinha mais ou menos 8 anos... quando chegou bem aqui nesta encruzilhada ela ficou em pé e aumentou o soluço, num choro de criança mesmo... eu já tinha entrado pra deitar, mais quando ouvi o choro, eu vim pra rótula da janela que de lá eu olho tudinho... aí eu disse: que menina é aquela?... aí, eu curioso saí pra ver melhor e nessa mesma hora o *Palácio* escutou o choro... meu amigo! se eu não fecho a janela... a menina deu uma rajada!... foi na minha mesa de Santo... e os santinhos viraram tudinho, lá...

ela entrou e eu ouvi o barulho aquele esmurro!... eu disse te desconjuro!... tá pensando que tu és mais forte do que eu?... ela parou aqui e quando ela me viu, aquilo invadiu... Alma penada, ela vê a gente, a gente não vê ela... mas ela vê a gente... Isso vai fazer um ano já e nunca mais apareceu.

A *Iva* emendando:

Ali naquele quintal do *Bab* era só mato. Mamãe, ela ia jogar um pinico de mijo... era pra lá... Quando ela foi jogar... quando ela jogou... quem é, bem aparece ali e aí ela viu a pequena... aí... essa menininha foi crescendo, crescendo e cadê as pernas dela? Ela chegou – mamãe – a entrar, e fechou a porta com a outra perna e quem é, passou.

Naquela rua lá de casa, passava um paiol de palha arrastando no chão... uma casa de palha. A *Camélia* já viu pela janela um arrastamento de palha. Mamãe contava era muito essa história. Ela desce o beco da Calú, pra cá.

E o *Evo* continua:

Ah! isso daí é história de fantasma. Um dia já tarde da noite, eu vi. Eu vinha do terreiro da Mãe Dodó, eu vinha já me arrepiando (ainda não tinha essa luz) ... ali do canto, aí eu vi um preto dessa altura, mas ele era forte. Eu vi ele como a gente tá se vendo... aí eu pedi licença pra ele que eu queria passar e, na hora que eu passei, que eu olhei pra trás o cara tinha sumido. Aí, eu nessa hora, eu tive uma tremedeira nas pernas e disse perna pra que te quero. Aí quando eu cheguei bem na porta de casa, o preto tava lá, aqui, bem nessa porta do Zeca Azevedo. Só que não me fez nada.

SOBRE ASSOBIADOR:

Já uma assombração que povoa essas bandas e que é citada em outras terras até muito mais distante, embora nos faça crer que seja uma espécie de fenômeno do imaginário amazônico, ou mesmo da Baixada e Litoral do Maranhão, o Assobiador muitas vezes confundido com um pássaro noturno, pois ninguém o viu, permite uma associação de ideias, as mais diversas, de acordo com a descrição de seu “aparecimento” ou melhor, sua ronda de



aproximação. Em Primeira Cruz temos um relato de contato visual.

Mas *Seu Jonas* nos disse:

Bom, acho que ouvi assobiador, lá no interior. Lá no Pitanga aparece... é interior de Santo Amaro..., mas só ouvem passar assobiando e faz medo. Uma vez, uma pessoa estava falando comigo pelo celular e o assobiador tava assobiando... uns diz que é uma visagem outro diz que é um pássaro... eu nunca vi... só ouvi ele assobiar...

Para o *Evo*, falando sobre Assobiador

É... quem vem do Buriti tem que passar pelo... é no caminho da Boa Vista pra cá, beira de estrada... E passa só duas vezes à noite... era uma mata... era escuro... chegou no sítio do *Caxeiro* ele foi pegar uma manga, quando ele foi pegando a manga ele sentiu aquela coisa... aí ele pegou...

No meio da conversa o *Bento*:

Volta a falar de galinha, mas passa para o assunto do momento:

(Eu ouvi falar que essa galinha de pinto é que escarreirava a gente. Ela saía do beco ali, bem aí na rua...)

Assobiador, quase todo dia eu olho na rua, aí. Não é um passarinho não senhor. É uma visagem. Eu digo porque eu já me encontrei com ele. Eu ia subindo pro rumo de casa e ele ia descendo do alto do Zezinho, quando ele é subiu no beco da casa do *Artur*. Eu ia na porta do *Lidugero*.... quando eu cheguei na porta lá de casa, nós se encontremos... e aquele redemoinho deu nas minhas pernas... tipo aqueles redemoinhos quando dá? Aí eu caí lá dentro de casa. Caí já foi sem fala. Eu não vi. Eu só senti e ouvi o assobio assim: fiii...fiiiuuu (dois sopros quebrados, curtos) e vira um assobio lento que vai crescendo... Não vi a figura. Mas ainda hoje eu escuto.

O *Japa*, falando dos povoados vizinhos à Boa Vista:

Lembra das histórias de lá, que tinha muito encantaria, batia tambor, essas coisas, à noite inteira. Uma vez, também vi meio-dia, um senhor dessa alturinha barbado... passou pertinho de mim. Aí eu fiquei em casa escondido... isso foi do Mirim pro

André. Eu era novo e não tinha medo.

Sabe o que me deu medo? Eu ia até seis horas da noite, ali no André, caçar nambu. Aí sentei num pé de mirim, assobiei e aí vem quatro. E vem uma vermelha na frente... eu nunca errei um tiro, e os diabos correndo... atirei, ela caiu, pá! caiu pertinho, e as outras abriram!... dei outro tiro, pá! ela tornou pular... e aquilo ia crescendo e ia crescendo, viu? e aí eu dei quatro tiros e cada vez ela chegava para frente e quando eu dei, ouvi um assobio fininho... E o assobio era desse nambu? Que nada! Era visagem!!!! aí meu colo ficou logo dormente, viu? As coisas ali do lado do Mirim... aí, o assobiador fez eu ficar dormente. Lá pertinho lá de casa tem uma águazinha... no que eu pisei, o fogo apagou. Eu vinha chegando e aquilo vinha me acompanhando...

Mas aí, eu fui noutra caçada seis horas, lá pra Vareda Grande pra caçar jacu, num pé de mirinzeiro... é a famosa carimã ...e aí vinha o pássaro... cau... cau... Aí, eu pá! e ele caiu dentro da tocaia, numa touceira doida. Toda vez que a gente ia... perdeu!... eu peguei aqu!... e aquele assobio... fiiiuuuu... eu ouvi ele dentro da tocaia, pois eu tava atocaiado ... aí, eu saí pra aquele areal... aquilo limpo... eu vi aquela raposa e um assobio forte... A raposa, de dente aceso. Eu fiquei com medo do assobio... A raposa não corria... era um assobiador... e aí, eu saí uma distância até longe e a raposa arreganhava os dentes. E eu disse:

não vem. Não vem porque eu não tou mexendo contigo. Tinha gente caçando também, mas não ouviram nada... eu tava pra um lado e eles estavam pra outro... e a raposa levou meu jacu... essa raposa era uma visagem.

O *Xande* já foi mais envolvente em sua narrativa, até mesmo bastante convincente:

Eu vi e ouvi o assobiador. Eu me casei com dezenove anos... passei um ano, no começo, com a mulher e... todos os dois moços, né? ela tinha doze anos e eu não fui tirar satisfação com meu pai e nem ela com a mãe dela, e tal... E tu já tá saindo com mulher, já?

Nesse tempo era difícil... Até beliscar menina, assim, tinha que casar... e ali só tinha *Vanda*, lá na beira do poço, naquela lavanderia velha... (*Vanda* era a puta que se podia comer) eu pagava pra fazer com ela, que era pra papai e mamãe não ver. Mas mamãe... eu ia lá, comia e voltava... Um dia, dia de lua cheia, já era caso de umas dez horas da noite... (porque quando dava nove e quarenta., o *Zico* dava o sinal e ficava tudo... todo mundo que tava na rua, pra se arrumar etc. Passava vinte minutos certinho, a luz acabava) ... Aí, quando a luz piscou eu me ajeitei lá com a *Vanda* e voltei ... quando eu subi o canto

da Saúde, ali na Colônia... era vazia a Colônia... era vazia a Saúde... eu ouvi o assobio do lado do Aluisio... quando descia ... quando subia... Homem!!!

Bom...eu vou contar. Bem ali no beco do Joca, ali, quando eu fui chegar no canto da rua, perto de um chiqueiro de porco, ele assobiou que os porcos se espantaram dentro do chiqueiro. Foi ele! Lá no canto... aí eu olhei... Olha! A figura do bicho, é o seguinte: Vocês sabem aqueles gongos que dá em pau? Como gongo de coco, aquela lagartinha branca? Assim que é. Quando chegou bem perto da rua, ele assobiou: Fiiiiiiiiuuuuuuu!!!!... que dobrou, era um menino, um anjo, de asa, e o assobio que tava alto, foi se abaixando e foi virando essa lagarta, como se fosse um menino de oito meses, engatinhando, tipo mesmo uma lagarta branca... e quando assobiava ele virava um anjo... quando ele dobra, ele virava um anjo de novo... e o assobio era forte... Quando chegou no meio, quando foi pra ele dobrar, virou um anjo e tornou a marchar, e aí foi parando... quando chegou bem perto do canto, tornou a assobiar e se foi... (meu avô disse que essas coisas assim...) ... esse eu vi. Era um menino... era um anjo. - Já esse garoto que meu pai viu, era igual a gente, todo cabeludo, parecendo lobisomem...era só couro...

SOBRE A MANGUDA:

Com esse nome, Manguda existem muitas aparições nos diferentes territórios brasileiros. E por muitas vezes, até no Maranhão, um pouco desacreditada por ter sido descoberto, muitas vezes, pessoas que se utilizavam da lenda para praticar malandragens noturnas, tipo pular cerca e visitar a mulher de outro, trair a esposa ou o contrário... E mais sério ainda, também foi muito utilizado como fantasia para meter medo às pessoas que podiam estar satisfazendo a curiosidade de perceber o contrabando de pedras, como aqui em São Luís, em santos do pau oco, o que foi muito comum.

Na verdade, a Manguda é uma figura muito estranha, um vulto muito comprido, ou melhor, uma mulher que cresce cada vez mais e assombra todo mundo. Em Primeira Cruz, ela tem uma aparência bastante específica. Ela não é uma mulher de branco, apenas como em outros estados brasileiros, ela não é simplesmente isso. Ela é uma mulher que é uma personagem que carrega uma criança no braço e que tem uma trouxa na cabeça. Então isso a faz diferente de todas as configurações de Mangudas conhecidas no Brasil. Vamos ver e ouvir, por exemplo, através dos relatos, como essa figura transita nas noites de Primeira Cruz,



Para o Evo:

Ela é a mesma mulher da trouxa. Ela cresce e vai até uns oito metros de altura, leva uma criança... diz que ela anda nessa rua e vai até o cemitério. A mulher que carrega trouxa é a mesma manguda. Já foram atrás dela outro dia e ela entrou no cemitério.

Essa manguda vem com uma criança, uma menina de seis anos... aí ela vai crescendo... quando chega numa altura de oito metros... seu *Rafael* filho do *Sadad* tava bebendo, aí, quando ele viu aquela manguda só de *collant*, ele pensou que era a *Elda* do *Uritinga*, aí ele foi andando para perto dela quando ele chegou perto, ela começou a crescer quando passou da casa, ele saiu correndo.


Uma vez, numa dessas rodas noturnas, Bento veio com essa:

Deixa eu te contar outra aqui: Eu saí mas o Juba. daqui da Primeira Cruz. Nessa época a gente comprava peixe... A mulher ia lá pra cima. Uma mulher alta, uma senhora alta. Ela saiu bem dali do beco da casa da Jane, no rumo de cima... quando nós chegamos no beco do Luiz da Guimarina, nesse

beco, a mulher entrou. Tava no beco e encostada na cerca. Nesse tempo era cerca, não tinha muro. Aí eu disse assim: Ei, tu olhou a mulher? E ele disse: não. Eu disse: olha por baixo que a mulher tá encostada na cerca. Sem demora, passando assim uns cinco minutos que ela tava encostada na cerca, a gente olhou, ela já tava mais alta que a cerca. Aí, eu fui e respondi pra ele: Vombora agarrar a mulher... vombora agarrar a mulher. Tu fica aqui e eu vou pular o muro do cemitério e venho de lá com uma palha de fogo e aí nós agarra. Ele disse: eu não fico aqui só... eu fico na porta e corro pra dentro de casa... (o bicho era medroso) Eu digo: então faz assim. Eu vou lá pra casa e fico atrepado no pé de pau que tem na porta de casa... a hora que ela passar eu agarro ela... Aí, ela foi, fez a penitência no cemitério e voltou.

Seu *Jonas* nos diz:

Já ouvi falar na Manguda, uma mulherona que já viram... passa diante da casa dele, do *Pereirinha*. Ele saiu para pescar de rede e ele ia na frente, aí ele chegava primeiro, fazia um foguinho e esperava os companheiros... Aí ele fez o foguinho ali, ficou ali... quando ele olhou no rumo da casa do Dazinho, lá vem a figurona, lá vinha a freguesa... ele já tinha ouvido falar, né?... disse: hoje eu te pego. Pegou o facão



e foi atrás... que quando chegou bem no canto do Manduquinho, ela dobrou... quando chegou no meio do beco, ela já ia passando do canto da Ambrosina. Ali, ele passou perto..., mas quando chegou na igreja, mais ou menos, ela desapareceu.

Já Sergio arremata:

Eu não tenho medo e não vejo mesmo. Uma vez, de noite, andando pelo beco da Calú um conhecido disse: senhor vai mesmo por aí? não vai não, porque inda agorinha, ali defronte do colégio, saiu uma mulher e passou por ele e ele puxou a canela pra botar a mão no ombro dela, aí, que quando ele torceu a vista, que olhou, ela tava mais alta que aqui essas telhas. Aí, disse que ele pegou um pau pra jogar... pegou uns paus da cerca, do cercado velho e tirou os paus dizendo ele que atirou os paus e os paus não saíram dos pés dele. Aí, ele procurou se eu ia, eu disse eu vou. E ele, siô, foi agorinha... eu disse: É, mas eu não vi.

SOBRE O CAVALEIRO:

Conversando com a *Fadacafote*:

Ela nos fala que diziam que ali naquele canto do *Trindade*, que é a casa do lado, aparecia uma mulher na frente da casa, com uma trouxa na cabeça e uma galinha de pinto atrás... uma galinha com os pintinhos pequenos... era... mais depois da chegada da energia elétrica, diz que sumiu...

Mas já o *Xande* afirma:

O meu filho viu, o *Adroaldo*. Disse: papai eu saí daqui pra chamar o filho do *Nabuco*... quando ele dobrou o canto da casa, quem foi chegou pra lá... tava chorando bem no pezinho de mangueira com um cercadinho ao redor, porque plantaram a mangueira e um carro derrubou... quando ele chegou bem na mangueira, ele se defrontou com a mulher com uma trouxa no braço pegando a mão de um menino chorando... eram doze horas da noite... foi quando ela passou aqui, que desceu no rumo da beira mar e foi embora...

O *Bento* entra na conversa com toda a propriedade:

E nos afirma que aqui nesta cidade apareceu uma mulher com uma trouxa de roupa na cabeça. eu já vi ela. Eu tinha quinze anos e eu ia na escuridão lá pra cima quando ela desceu do alto. Quando eu cheguei bem perto da casa, daqui, da Marina, eu me escondi no portão e eu disse: vou já espantar essa mulher que vem pra cá da casa do Cobra Grande até a casa do Quebra Foice.

Eu enxerguei ela. Uma mulher com uma trouxa na cabeça. Meu pai ainda era vivo. Aí, eu fiquei no portão escondido. Disse: eu vou ficar bem aqui, quando ela passar eu espanto ela. De repente, quando eu olhei pra casa do Quebra Foice, eu não vi mais ela. Aí, eu digo: Égua! Sumiu! Pra onde foi, rapaz? A lua bonita pra caralho... quando eu olho por cima do ombro, ela já vai da casa do compadre Jesus pra baixo... Quem é, vai ali. Aí eu corri. Aí, cheguei em casa e papai disse: ó! isso pra ti nunca mais andar na rua! Isso era de doze pra uma hora da madrugada.... Ela tá com uns poucos minutos que ela chorou bem aqui no canto da casa... Aí, eu abri a janela... ela já ia na porta do compadre Milton...Meu pai disse: eu sabia que tu vinha da rua, que tu ia te encontrar com ela. Ela deu um choro... ela chorava e no final do choro ela dizia assim, suspirando: Ai meu Deus!!!... Era a penitência dela.

A *Damasio* interrompendo, diz:

Agora, uma vez, aqui, quando nós morávamos naquela casa que era do César da Ribeira, do finado Raimundo Reis, era lá que nós morava. Passava... mais essa... é uma mulher. E lá uma noite, ela passava... uma mulher com a trouxa na cabeça e com bebezinho, eu vi. Aí quando este *Dejaniro*., ele morava bem aí... nós tirava caranguejo bem ali lá na casa dele. Essa aí é outra, mas é a mesma história com a mesma mulher... ela grita e segue rumo ao Sítio... Agora, não sei é aonde ela dobra, aonde ela fica, pois, a gente não saiu pra acompanhar. Mas essa aí é uma mulher e ela grita... a criancinha chora, mas a pessoa dá... eu acho que seja alguma coisa que mexe com ela que a criança chora e ela grita... E com uma trouxa na cabeça... daqui, olha! Suspenso! Não é gente viva... não vai andando no chão. É que a gente ficava, eu mais o *Dejaniro*, tirando a carne do caranguejo, até altas horas da noite. Armava uma rede ia se deitar. A gente se levantava pensando que era alguém pedindo socorro, uma criança chorando... era um choro de bebê mesmo. Aí, nesse dia, nós vimos. Não era só uma pessoa que via essa história aqui na da Primeira Cruz. Assim que eu cheguei aqui, a *Ambrozia* dizia que sempre passava uma mulher chorando e ela pensava é que era a *Ricarda* que tinha muito filho e era capaz de ser ela que ia chamar alguém de noite,

que um pequeno tivesse alguma coisa... e nessa noite que ela olhou, ela foi a primeira pessoa que viu. Quando ela abriu a folha da janela pensando que era a *Ricarda*. Lá mesmo ela caiu. A *Ambrozia* nunca mais ela viu nada, mas essa mulher ainda anda por aí.

Dalma fala sobre a manguda mas de ouvir falar. Não testemunhou nada:

Eu já ouvi falar muito... a minha mãe já morreu mas, eu sei muitas coisas que ela dizia... Ela vinha (nessa época ele morava lá pro lado do Capim-Açú, pra lá)...o finado, *Windy* irmão dela, que era irmão dela mesmo... aí ele adoeceu. Aí, foi um povão... uma porção de gente, nesse dia, pra lá. Ela foi pra casa do irmão dela, ela e o finado *Roldão*, tudo foram pra lá... Aí, pra voltar, um disse que não vinha ... outro disse que não vinha e ela disse: pois eu vou-me embora. Quando chega bem aí no beco do Lucimar, lá vinha aquela mulher alta com uma trouxa na cabeça e ela disse: Ô meu Deus! seja o que Deus quiser, seja o que Deus quiser!... Aí, ela já não tava mais no chão ela tava era suspensa e gemendo, gemendo... e aí que mamãe foi e disse assim: Minha irmã, o que é que você quer? Você quer vela? você quer é luz? você quer missa? ... Aí, ela foi e disse pra mamãe: (e mamãe disse que parecia duas pessoas conversando)... e ela

disse: Ela vive no mundo pagando... é porque ela pariu o filho dela no mato e matou...(isso mamãe contava pra todo mundo)... e a trouxe na cabeça eu acho que era bem os panos da criança... Aí, mamãe disse: pois é ...pois eu vou dar parte de você. Nunca mais apareça! Mas viam ela muito.

SOBRE LOBSOMEM:


Essa foi a figura mais controversa entre as personagens do imaginário de assombrações com que nos defrontamos, tendo-se que o universo lendário do Lobisomem o apresenta como uma licantropia, ou seja, um homem transformado em lobo, monstruosamente. Para nossa surpresa os animais monstruosos que se nos apresentam são deformações de porcos ou porcas, às vezes jumento e raramente bode.

Afirma *Amurabe* com toda a veracidade:

Eu já me encontrei com labizome aqui, naquela outra rua. Eu tinha um chamego com uma menina lá no terminalzinho. Nesse tempo era o Cai n'Água, o nome do bar. Era o *Zeldo*. que trabalhava lá. Aí, eu

saía lá de casa, eu morava no Sertãozinho... é outro bairro que tem aqui. Aí, eu saía lá de casa e me encontrava com a menina lá nos coqueirais da virada. Aí, uma noite dessas eu me atrasei pra lá e vi, umas doze horas da noite... eu digo: rapaz! Bem ali na casa do finado Reis tem um beco que vai sair lá na quadra, onde faz os adobro, hoje. Aí eu vinha de lá pra cá, quando eu cheguei lá no beco, pra mim entrar... ah! aquilo me surpreendeu, rapaz! Eu não vou entrar por aí, porque tá muito escuro... eu pego a rua direto... e entro bem ali no Fama. Quando eu cheguei na casa do finado Pega Ègua... aí, tinham quebrado caranguejo e tinha um bicho estranho comendo no cocho do curral... Eles deixaram a luz da varanda acesa... eu fui por trás da cerca, assim, distância duma vara... o bicho tava comendo, o labisome. Mas não tinha cabeça, era só aquele orelhão medonho, da grossura de um abano. A orelha era redonda... e o bicho comendo aquelas cascas... fedendo... e o bicho comendo... e o corpo era igual o corpo de uma porca... e aí o bicho tava comendo e eu passei. Eu disse: vou chegar na porteira onde eu morava. E eu corri. Quando eu cheguei na encruzilhada, o bicho tinha passado... foi lá pro lado da Travosa, praqueles lados. Hoje eu tenho cinquenta e cinco anos... ele não me fez medo, porque ele não me observou. Era porque eu tava pela parte de cima dele e ele veio pela parte de baixo. Se ele viesse pela parte de cima, ele tinha me seguido e tinha me sentido, porque o

labisome é o seguinte: na hora que ele sente, ele vai lá e bota em cima de você. Se você não tiver o corpo ligeiro ele te azunha..... porque diz que as unhas é que é a lâmpada dos olhos dele, as unhas dos dedos da gente, que quando alumeia as unhas, é que o bicho faz o reflexo. Eu já topei também com uma labisômia fêmea. Essa me escabrechou. Tinha um corpo de porca, mas a cabeça não tem, porque as orelhas é muito grande, igual uns abanos. Ali, pela Gonçalves Dias, eu me topei com ela, ali perto do finado Lamparina, ali na entrada. Eu encontrei e a bicha rosnou. E eu... meu pai do céu! lá vem o bicho de lá pra cá e eu vou logo me proteger desse bicho. Eu morava na travessa Gonçalves Dias e lá tem um bequinho e eu corri pra esse beco. Quando eu cheguei, eu entrei lá pro meu quintal e lá no portão, eu peguei a luz... tinha uma luz lá... no meu quintal, que eu botei... e fui chamar o compadre o seu *Cafoto* que morava lá. Eu digo: seu *Cafoto* se alevante que o bicho vem esturrando aí. Que bicho, seu *Am*? Onde você tá vendo o bicho? Ele já vinha só de cueca, uma cuecona bem aqui... senhor, porque quando eu disse o bicho, o bicho já tava em cima do homem lá... Bateu nele e tudo claro, com a luz tudo ligada... era uma porcona medonha. A bicha não tinha rabo, o rabo não tinha. E as orelhas medonha e imensa! O cú lá em cima! e os cotovelos baixinhos... rapaz! mas essa bicha fedia! Eu me ajeitei no beco... eu digo: ela vai me topar no beco. Lá no beco eu vi... eu meti foi o



pé por baixo da “manga” e eu levei foi tempo doente e o pé não sarava. A bicha passou e eu disse: isso é hora de tu tá por aqui? E a bicha esturrou... e não tinha quem parasse e a cachorrada em cima... tinha mais de trinta cachorros correndo atrás dela... e a caatinga!? Ele banhou com todo sabão e a catinga não largou dele... Ela não tem cabeça e não tem as patas é só os cotovelos.



4.1.2. Narrativas tradicionais e o que as pessoas vão contando uma para as outras.

Narrativas das histórias de suas próprias vidas, e enquanto contam suas histórias, vão narrando também fatos e fenômenos que ocorreram durante seu caminhar, suas vivências.

As lendas e causos que povoam o imaginário desse povo aparecem de forma recorrente, porém com contornos muitas vezes diferenciados. Aqui, os participantes da nossa grande roda vão contando sobre o que ouviram, não se põem com protagonistas,


salvo em alguma tentativa de afirmação.

Como *Seu Jonas* falando sobre...

O navio encantado foi visto pra lá da ilha do Mucunandiba, pra lá, pro lado da Ilha Grande... Quem dizia que via era esse pessoal antigo que já morreu tudinho... Quando eu era menino eu cansei de escutar isso... diz que era muito bonito, mas que de repente desaparecia... os marítimos quando vinham de São José, de Viana, de Pindaré, de barco, quando chegavam na baía, lá vai o barco... lá vai... lá vai... lá vai... botava atrás, mas nunca alcançava... era muito lindo... todo iluminado... Da baía do Sarnambi pra cá...


A Fadacafote falou de um modo muito próprio:

Aqui tinha essas visagens que aparecia... No Bebedouro, entre Boa Vista e Santo Amaro, aparece um garrote branco. Na praia do Gapó tem o boi... tem aquela cantiga: “sai boi de ouro, sacode os culhão e vem. Se a dona da casa fode, as três filhas dela também”... de lá, um tio meu me contou duas histórias:



Ele ia daqui do Mirim, pescar lá na praia do Gapó pra pegar peixe... e aí, era mês de junho... aí ele disse: nós só vamos daqui dia vinte e quatro de junho, quando o boi sair. Aí, eles ficaram. Nessa noite não foram pescar. Quando viram a iluminação... vem surgindo de dentro da água... clareou tudo... a praia toda... e lá vem o boi! A iluminação é a corrente dele de ouro... uma corrente muito grande. Quando ele sai, e diz que se pegarem naquela corrente São Luís afunda. O boi era enfeitado como boi de brincar... e aí ficou aquela porção de gente... mas gente invisível, que saiu de dentro da água com ele... cada qual com sua vara enfeitada... com chapéu de fita... aí brincou, brincou, brincou... bateram boi de maracá... aí tiravam as toadas... e eles, os pescadores, olhando lá de longe... olharam tudinho até de madrugada... quando o galo cantou, sumiu tudo...

E ele emendou com outra história: Diz que chegou lá na praia, tinha um barco ancorado... o barco chegou... eu não quis acreditar nessa história... mas contaram... um barco chapado de farinha pra vender aí o jogador do ferro disse que chegou um homem e disse: siô, você jogou o ferro em cima do telhado da minha casa... aí, disse que ele disse: não, eu joguei aqui na praia... não, ele tá enganchado lá na cumieira da minha casa e você não vai sair daqui... só se você descer comigo... e ele falou com o homem, como coisa que fosse uma pessoa mesmo normal... e ele



veio de lá pra cá e disse: essa farinha é pra vender?... diz é. Pois eu compro a farinha todinha... você joga farinha todinha dentro da água. Aí o cara disse: eu não vou fazer isso que eu vou perder... ele disse eu compro a farinha, mas você desce comigo pra buscar o dinheiro... e você tem que vender a farinha.

Aí o cara começou a jogar... jogou a farinha todinha. Ele disse: agora desce comigo. Aí ele (o que jogou a farinha) desceu. Chegou lá, era uma casa. - Nós moramos aqui... (falou o comprador da farinha) por isso é que dizem que nós, deste mundo, moramos aqui embaixo de outra cidade...

Aí quando ele chegou lá, a farinha já tava toda arrumadinha...Tinha outras pessoas lá, mas não falavam com ninguém, só ele falava. Aí ele pegou o dinheiro, conferiu e deu pra ele (pro que jogou a farinha)... Agora venha olhar como o ferro está em cima da minha casa. Aí ele foi (o que jogou a farinha) e tava mesmo no telhado da casa dele (do que comprou). Na cumieira. Aí ele desenganchou, botou pra outro lado, e subiu. Quando chegou no barco o homem disse: vamos embora daqui é que é... e saíram.

A *Fadacafote* deu um longo bocejo e olhou para os lados e viu que ninguém se manifestava e continuou:

O navio encantado aparece é na praia da Travosa. Todo iluminadinho... agora, nunca mais apareceu.

Agora, um homem da Travosa, de nome *Nurembergue*, a mulher dele chama-se *Bina*. Ele ficou louco. Eu morava no Mirim. Nesse tempo, o pai desse *Ga* era curador... então, diz que *Nurembergue* pescava noite e dia e aparecia esta lancha iluminada toda de vidro e dizia pra ele: olha *Nurembergue*, por aqui topa... Ele pescava de noite e chegava de manhã e dormia; quando era meio-dia ele voltava pra pescar... Aí ele botou a rede e saiu... pescava sozinho. O pai do *Gabo*, que era curador, morava no Mirim... o pescador era da Travosa, de nome *Nurembergue*... aí quando ele bota os olhos... lá vem uma lancha, mas ele não ficou com medo... ele se benzeu... lá vem a lancha toda iluminada... quando chegou aqui perto dele aí, disse: “olhe, tudo quer sossego e tudo quer paz... você não deixa os peixes descansar... ..outra coisa... tudo que se vê não se fala pois se você falar você vai ver o resultado”. Aí o homem se sumiu. Quando acharam ele, tava dentro do mangue, louquinho, louquinho, da cabeça... levaram ele amarrado... Ele ficou assim, porque contou para os outros pescadores... aí amarraram ele, eu vi com

esses olhos... acho que o *Gabo* se lembra disso... levaram pro pai do *Gabo*... chegou amarrado na casa do pai do *Gabo*... pra curarem ele... Ele morreu... este homem não está mais vivo. O *Nurembergue* ficou como louco.

Como ninguém a interrompia, a *Fadacafote* continuou:

Dizem que quando os pescadores andam pelas ilhas, ouvem tambor de cura... tambor de baixo, é curador que já morreu... antigo.... que vem tocar nas ilhas... e isso é mais os antigos que falavam... hoje já não se escuta mais... não se comenta mais...

Lá no Mirim onde nós morávamos, toda a noite... lá tinha um poço... era assim tipo uma piscina... chamavam de Olho d'Água... era aqueles olhos d'águas no fundo do quintal da véia *Roberta*... Quando dava pra meia-noite de quinta pra sexta, de sexta pra sábado, se ouvia os tambores: Pererê, Pererê, Pererê... PAC, PAC, PAC. Lá, mulher lavava roupa... aí foi secando, secando, secando, até que secou.

Eu ouvi dizer que outro dia viram um fantasma lá, ali neste Mirim que foi desprezado. Todo mundo se mudou de lá, ou a maré foi levando tudo... agora estão fazendo casa de lá pra cá, pro caminho da Boa


Vista... dizem que está desaparecendo de novo... lá onde era o Olho d'Água, aí voltou a encher... começou a prejudicar os caminhos... quando queriam ver se passavam pelo quintal da velha *Roberta*. ... O tambor tava pegado, mas ninguém ia olhar de perto, mas escutava... tocava só... Se escutando no quintal e se ouve aqueles gritos... porque lá era terra de curador, no Mirim, curador vivo. O pai do *Ga* era um... os caboclo do Campo Novo que chamavam o velho de curador... e eles diziam que no Mirim é só pra baralho e curador. Que as mulheres gostavam de jogar baralho e os homens de curar.

E tem mais: Aparece, ainda hoje, um caranguejo dourado...lá aparece tudo mas não se pode matar... não... é na baía do Tubarão, na ilha de Macacoeira. Quando o *Lauro*, que era o dono de lá (já morreu), tinha casa lá... quando dava o tempo da maré de pescar, ele levava os pescadores dele, mas ele dizia, olha aqui: a cobra entra junto com a gente, mas ela não faz mal, mas não façam mal pra ela, se não vocês vão se arrepender. o camaleão entra aqui, a gente comendo... a gente... não se importem; a rolinha vem comer no prato da gente, não se importem e não matem ela... aí, esse menino filho do fulano de tal matou um camaleão... aí o velho disse: eu avisei que não se faz mal pra bicho nenhum por aqui... que tudo é encantado. Resultado é que o menino morreu de tanta febre

O *Teco-Teco* resolveu entrar na roda de fala:

Meu irmão é o *Mosinho*, apelido (não sei)... ele me contava que... (quando eu ainda era pequeno) essas coisas de pescaria... Uma vez ele foi num barco cheio de homem. Dentre eles tinha um que era todo gaiatão... Aí, pegaram uma arraia bicuda grande e a bicha era fêmea e ele disse que “ele não sabe onde ele está que não mete é o pau nela”... Aí, um cara disse pra ele: tu é doido, rapaz isso é uma arraia e ele disse: do jeito que tô aqui eu como até uma aleijada principalmente uma arraia ... aí ele só fez descer a calça botou a bicha de rabo pra cima e mandou brasa.

Quando ele empurrou pra dentro, o negócio deu uma ferroada nele. Quando ele sentiu aquele veneno... meu Deus! Um cara disse: o que foi rapaz? Quando ele foi tirando devagarzinho, lá vinha uma arriazinha saindo de dentro da bicha da arraia grande, na cabeça da pica dele. Aí, nessa hora, foi grito pra cima de grito... e ‘garra não sei quem, ‘garra não sei quem! Não deixa o homem pular... Tiveram que amarrar ele pra ele não se jogar dentro da água... e cada vez mais o pau dele inchando... inchando... Aí, a uma lancha que vinha do lado daqui, passou, e botaram ele dentro da lancha pra levar pro Ribamar. Quem contou foi o *Ateneu* irmão de criação do *Tolentino*, o filho do *Orémo*.




E o *Evo* saindo de uma ligeira cochilada, entrou na história:

Dom João na ilha do Gapó... Dom João, ele foi subterrado pelo um vendaval muito grande... que eles vieram para uma batalha de guerra, aqui, pra conhecer as ilhas do Maranhão. Então, antes de chegar no Maranhão eles tinham que passar... eles vinham a cavalo... eles viajaram um mês e quatro dias até chegar nas ilhas (não sei como eles vieram a cavalo e atravessaram o mar até chegar nas ilhas... devem ter botado os cavalos dentro dos navios) até naquele momento os cavalos não apareceram... apareceu mulher, D.João e os dois filhos dele. A mulher era a mulher de Dom João. Apareceram na praia do Gapó... foram subterrados por uma ventania aqui, e a ventania carregou do mar para a ilha e os cavalos desapareceram e ninguém sabe onde ficou esses cavalos... o que se sabe desse naufrágio é que eles não morreram... ficaram encantadas no Gapó. As ilhas são todas cheias de encantado...

O *Bento* também volta a participar:

Já ouvi falar sobre o boi encantado do Gapó. O Boi sai pra brincar... isso aí eu lhe digo porque o meu




“patrão”, meu encantado, falava dessas bandas... O Boi saía pra brincar e o cidadão não tinha coragem de pegar na corrente de ouro dele. Cansou de sair dia de São João pra brincar, mas ninguém tinha coragem de pegar na corrente, lá no Gapó.

Sobre coisas de salinas... Na Bibiu tinha uma história que uma mulher dava o peito pros outros mamar... Lá na Bibiu eu não sei... mas lá nos Porcos, quando a lua nova tava daqui... era uma negra dos peitão que dava pra gente mamar...Eu digo por que eu mamei nos peitos dela...mamei nos peitos dela... a gente pescava na ilha dos Porcos... não é salina, é uma ilha... E na ilha dos Porcos tem muito encantado...ela dava peito pra todos...Tinha cinquenta pescadores, ela dava pra tudinho... o povo tava dormindo deitado ou sentado e ela botava o peito na tua boca...era em sonho. Quando se adormecia se ouvia o barulho da boca dos caras chupando o peito (chuc..chuc...chuc.), aí o cara fazia um gemido assim... ai, ai, ai, tipo assim como quando um boi tá chupando um osso... aí os companheiros batia nele: Te cala desgraça...

O *Notório* se animou e resolveu participar também:

Agora, nas ilhas tem coisa encantada. Nas ilhas tem. Como na Macacoeira, Ilha do Gapó... aí é que



tem mesmo. Tem caso de pescador dormir de noite e agarrarem nas goelas deles e ser preciso chamar pra eles acordarem. Mas no Gapó tem muita coisa... nunca vi, mas já ouvi falar... Mas lá é assim, uma cidade no Gapó... mas deixa que lá, elas são gêmeas. É outra cidade, a de São Luís... tá vendo? Agora a cidade ... alí no Gapó era uma cidade velha dos antigamente, viu? Nesse Gapó aí. Não tinha S.Luis. Aí, que quando essa cidade velha afundou ali, aí a outra saiu pra cima, São Luís... pois ela era alí embaixo, ela era encantada. E a cidade velha ficou embaixo, no lugar dela, da outra... diz o povo... você tá vendo como é o negócio?

Já Jurandir que estava todo tempo quietão também falou:

Vi também o navio encantado, embarcado na baía de Ribamar, vindo ali de Rosário com o barco cheio de arroz, de sacos de feijão... tudo. Apareceu aquele navio, mesmo que ser um dia, iluminado... mesmo que um dia. Mas ele só puxava pra cima do banco, da croa... se batesse naquele banco, acabava a embarcação. Como o pessoal sabia, não acompanhava ele... que só puxava pra quebrada do banco de areia. Lá é dessa areia movediça. Aí, meu pai disse: Meu irmão, isso aí não é embarcação não. Isso é coisa do outro mundo. Vamos seguir nosso


caminho... Se olhava até quando sumia lá pro rumo das quebradas do banco.

Outra vez, eu tô vindo de Bragança na canoa do finado *Ziraldo*, a Cigana... era a melhor embarcação que tinha aqui nessa Primeira Cruz pra andar. Mas era linda, ela. Nós vinha... quando nós ia lá fora... e lá onde nós tava, tinha bem uns cinquenta barcos motorizados... era pra esperar bonança, porque ali o mar é muito agitado.

Quando o vento acalmava é que se podia entrar. Aí, nós chegamos lá. Os caboco era só com aquelas coiteiras bonitas... bom, eles fumavam diamba. E quando você fuma aquela diamba, você come que só um bicho, come demais.

Eles fumavam na cabaça, mas não dava pra nós... não dava não. Aí, nós saímos... chegou lá fora, eu disse: seu *Ziraldo*, siô! uma quebrada imensa aí na frente, ó! bota é o ferro! Eu disse: siô! eu vou virar... Aí, aquele barulho... ó! Era uma arraia, siô! Era quase do tamanho da Primeira Cruz. Ele me disse: Olha! se uma embarcação dessa bate em cima dela, ela quebra a embarcação... e tem pessoas que diz que é mentira.

Nós navegava era com bússola, não era olhando os faróis. É uma tal de maia... esqueci o nome, mas é uma gigante. O mar pra lá é tão agitado que nós tirava areia do convés do barco pra não afundar.




Chega vira assim, ó!

O *Jurandir* não se conteve e quis contribuir com um relato da lenda da farinha:

Outra coisa... veio uma embarcação daí de fora... vinha de Belém chapadinha de farinha de cabeça. A farinha vinha naqueles cestos que também chamava de pandeiro. Aí, disseram: rapaz, a maré vazou então vamos fundear. Aí, vinha aquele navio medonho... aquela ignorância... aquilo parecia um nevoeiro... mas isso aí não foi comigo... foi uma outra canoa que contou pra nós... Sim. Botou o ferro... todo mundo dormiu... daqui um pouco, quem é subiu pra proa do barco pela corrente do ferro e bateu assim: toque... toque... toque. Ei seu moço, ei seu moço, levante. Aí, ele disse: Meu Deus, que arrumação é essa? Um homem por aqui... o barco estava fundeado só com um farolzinho aceso e aí, tudo bem... Ele disse: Essa farinha é pra vender? Ele disse: É pra vender, sim senhor.

O homem disse: então o senhor bote o carregamento do barco, a farinha todinha, dentro da água. O que siô? Botar dentro da água? Isso foi feito. E o homem disse: você tá com medo de mim, siô? Sou gente igualmente você... só que sou de outro mundo.




Ele disse: Olhe uma coisa que eu vou lhe dizer... eu só vim aqui porque o ferro da sua embarcação tá pegado na porta da minha casa... quase o ferro caía em cima da nossa casa e nós não tiremos, tá lá. Agora, eu quero saber qual é o de vocês... é só botar essa farinha na água... Aí, os caboclos é só tibum, tibum, tibum... jogando os cabeças na água.

Agora eu quero saber o homem pra ir comigo lá embaixo. E cada um, eu não vou, eu não vou, eu não vou... aí o cozinheiro disse: eu vou. Aí, ele desceu pela corda, quando ele chegou era bem uma cidade: gente, mulher, menino... aí ele ficou admirado e o homem disse: Só tem uma coisa. Você vai ficar muito rico mas o que você vê aqui você não tem nada que abrir o bico, contar. Não, você só vai entregar o dinheiro pro dono da embarcação.

Era dinheiro mesmo. Aí, ele contou direitinho e entregou pra pra ele (o cozinheiro). Aí, ele subiu e fez como o homem disse: Tá aqui o dinheiro... eles já tinham conversado lá embaixo que o que se passava lá... Aí, você faça-me o favor de o que se passa aqui, você não passar a língua à frente, porque se não você vai morrer louquinho. Não conte não.

Também tem uma coisa. Dinheiro no seu bolso não vai faltar e também você não vai mais trabalhar embarcado. Só esse que você vai ganhar é pro fim de sua vida. E aí o cozinheiro subiu, fez o pagamento.



Depois o dono do barco botou ele em confissão. Senhor eu não vi nada, eu não sei de nada, não vou lhe contar nada. Eu tou lhe dando aí o que ele tá mandando entregar.

Depois de tantos anos ele acabou contando. Morreu louquinho... O que ele tinha, destruiu tudo... Quem me contou essa história, eu nem me lembro mais. É de quando eu era novo.



4.1.3. Histórias de Vida

OCORRÊNCIAS/FATOS:

Noutra noite em outra beira de porta, uma nova roda se forma e com a maioria dos participantes das outras rodas. Agora o papo é sobre fatos verídicos que aconteceram no município. Talvez possa escapar algum “causo”, mas não é o que se quer contar.

Os *Evo e Iva* se adiantam:

A irmã da *Iva*, diz que não viu o rosto dele, do *Pro*. É que fizeram um pacto junto com o *Aderson*... qualquer coisa junto com ele, lá no Ribamar. Tava o *Evo*, a *Dionisia*, o *Celestino*, o *Proteu*... O *Proteu* tem muito a ver com o pacto... o *Aderson* e o *Proteu* eram muito amigos. O *Aderson* era um bruxo, ele não era um pai de Santo como os outros. Ele era naturalmente. Mas ele era também feito. Aí, o finado *Proteu*, para poder adquirir muitas mulheres, ele pediu que o patrão do *Aderson* que era João do Leme, e a guia de frente dele, que era a famosa Chica Baiana, e pra justificar... O finado *Aderson*, ele carregava Exu Pimenta e a Pomba Gira. Era o povo pesado... que era a pomba gira negra, do mal... só pouca gente conhece... só toma conhaque com Coca-Cola e só fazia o mal. Então, nesse ato ele pedia para uma das Pombas Giras que ele só acreditava na magia negra se ela fizesse um pacto com ele... Aí ela falou pra ele que ela dava tudo que ele queria mais ela queria uma coisa dele em troca. Aí, ele prometeu para ela que daria um bode preto... Eu me lembro muito bem... Então ela disse pra ele aguardar que o que era dele, ia tudo para as mãos dele.

Então ele pediu que ela desse uma oração pra ele adquirir mulheres... as que ele desejasse.... como

ele adquiriu foi muitas... Elas vinham bater na porta dele... ele tinha as orações, sim, que a dita Pomba Gira passou pra ele.

Aí um dia, antes de adoecer, ele já tava já perturbado por que ela... ele tava sofrendo, porque ele prometeu o bode preto, que ele ia levar para uma encruzilhada... pra ele beber o sangue... quem ia carregar ela pra receber o bode era o finado *Aderson*. Ela ia em cima do *Aderson* pra fazer o ritual que é aquele... era que aquilo era saída, sei lá... aí, ele não cumpriu aquele pagamento. Aí ela jurou ele: Ou ela matava ele ou ela deixava ele doido! Então, ele não matou o bode, não cumpriu o compromisso... depois que ela se retirou, o finado *Aderson* falou pra ele: “cuidado que ela não brinca”... aí ele falou pro *Aderson*: Um gato preto, pode? *Aderson* disse, pode.

Aí ele pegou foi um gato, levou pra encruzilhada e botou o sangue dentro de uma vasilha, que a Pomba Gira ia beber. Mas ela disse que aquele sangue ela não bebia, que ela queria era o sangue de bode preto. O *Aderson* ainda tava vivo... não, o *Aderson* já tinha morrido e não tinha quem livrasse ele.


A coisa foi tão séria que ele correu pra uma senhora curandeira, tia dele, a *Buna*. Aí, ela disse pra ele pegar as orações e tocar fogo (o que foi pior). Aí, foi o período que ele começou a pirar. Ele já tinha morto um gato e não cuidou do bode, como ele tratou com

a Pomba Gira. Ainda levaram ele no *Zéfiro*. Aí, *Zéfiro* disse que não tinha mais jeito. Que o que está feito ele não podia mais desmanchar. Aí ele veio pra cá, e tentaram amarrar ele pra levar pra cidade. Mas conseguiram agarrar ele e acalmar ele...Aí aconteceu o que ... ele... foi dia de ano, esfaqueou os dois velhos... terminou que o trato dele foi cumprido... por que a Pomba Gira levou ele...morreu no hospital em São Luís.

A *Iva* toma a fala:

Ele foi na casa da *Dona Santa* pra matar o *Miro*. Ele foi na casa do *Bartolomeu* pra matar o velho *Bartolomeu* e não encontrou ele. Saiu do *Bartolomeu*, pegou a cachorra da *Laura* e levou lá pro sítio, matou e bebeu o sangue.

Com a *Nemar*, foi depois que ele matou os velhos... Ele veio atrás do *Leno*...aí o *Leno* tava banhando num banheiro lá no quintal. Mas o *Leno* se escondeu... e ele procurando, procurando... a *Nemar* disse que ele tava lá naquele quintal onde não tinha um muro... ele em pé, em cima do cavalo. Ele pegou e disse pra *Nemar*... (acho que ele ainda não tinha matado o velho). Foi lá e pediu água pra *Nemar*. E a *Nemar* mandou a menina da *Metema*: Vai, minha filha. Vai



pegar um copo d'água pra ele. Mas ela não via o rosto dele. Na vista dela, era só cabelo, só cabelo... ele empezinho no cavalo.

Aí, ele conversando com a *Nemar* e ela conversando com ele. Sabia que ele era o *Proteu* e dizia assim:

Proteu, vai matar boi amanhã? E ele: Vou. Vou matar uma vaca e um novilho. Aí a *Nemar*: Mas tu vai vender lá na tua casa ou no mercado? Ele:- Eu vou trazer é pro mercado. Aí, nessa conversa com ele a *Ne* viu que aquilo ali não era coisa que prestava... A menina voltou com a água e ia botar no copo e ele tomou a jarra da mão da menina e bebeu todinha, todinha... aí ele saiu. *Nemar*, vou pegar o boi agora e vou matar agora!... e se mandou dali. Foi só matar o velho... (ele matou a cachorra de *Laura* no sítio e bebeu o sangue. Foi nesse mesmo dia... diz que ele passou uma semana lá no sítio só tomando água de coco e fumando maconha)

O *Evo* fala em seguida:

Agora eu vou te contar outra história, mas essa é verídica ... essa aí eu vi e ouvi... é que eu tendo

um negócio de ir para os matos... aí, quando eu chego lá perto das capoeiras, eu vejo... não, ouço aquelas vozes conversando dentro dos matos... eles estavam apanhando mirim... era de dia... depois do meio-dia, já para uma hora da tarde... aí me escondi de trás de uma moita... a voz veio perto... escutei umas vozes como uma gritaria... me escondi, pensando que as disgramas fossem passar por aqui, abaixadas... aí as vozes... deu assim, uma distância... e desapareceram... se levantaram do chão, e aquele vento veio tão forte... eu senti ...eu tava sozinho... era presença.... eu ia caçar, eu era mateiro... uma vez eu arrastando camarão, aí, outra vez... lá vem...

Bigo:

Uma vez um tropel passou por mim no açude juntamente com uma ventania, só ouvia, não cheguei a ver nada, mas ouvia o trote de uns dois cavalos enfurecidos, eu ainda os segui, subi um alto de areia branca, corri ainda mais de cem metros atrás do trote dos cavalos, dessa vez não tive medo. Mas meses depois voltei ao mesmo local, para o lado do açude. Ouvi para o lado Norte, já quase anoitecendo ouvi o mesmo trote, dessa vez eu me arrepiei, meu cabelo subiu, eu corri de lá até o campo de aviação. Ao chegar, uma pessoa me perguntou o que eu tinha

visto, me vendo amarelo. Mas eu disfarcei e disse que não tinha acontecido nada. Um dia antes, o filho do *Rodó* e o *Bazuca*...

Em outra situação....

...Era uma galinha de pinto que aparecia ali debaixo da mangueira do Lucimar e, se aproximava alguém, ela botava qualquer pessoa pra correr... aparecia a partir da meia-noite... ela se botava pra cima de homem ou mulher que passasse...

O *Evo* toma a palavra do Bigo...

Aí, nós estávamos na croa do Lava Peito, nós éramos umas seis pessoas... ainda não tínhamos caído na água porque estávamos esperando descobrir a croa e eu fiquei olhando por cima da croa... e em cima da água... quando eu vejo aquela mulher branca andando por cima da água... aí de repente eu não tirei a minha visão nenhum tempinho daquele lado... o cabelo dela era lourinho, lourinho... ela tava descalça, mas toda de branco... e a água foi tão alva, do mar... que quando caiu, que viu a espuma... A gente não pegou nela... tudo o que se vê no mar não se diz...

Na ilha dos porcos, lá tem uma espécie de

camaleão que as pessoas não podem matar... são os donos da ilha e... sobre o caranguejo albino, é melhor perguntar pro *Ar*.

Sobre os enforcados:

Tem o *Zoado*... o filho do *Jacó*... O primeiro foi o pai do *Bonito* e da *Bonita* num pé de angelim, lá no alto da Mariana, perto de uma cajazeira. O segundo foi finado *Atum do Jacó*, no alto da Pirungueira, num pé de maria-mole (houve um enforcado que baixou num cara, no *Zoado*, que saía correndo na rua) ... aí ele se encantou... ele se encantava... era... o *Atibaldo* avô do Deoclécio... é meu tio... uma vez ele foi pescar de linha no Igarapé que chamavam Pretinho perto da Bibiu, um pouco mais pra cima,,,,, era salina... Ele pescou um peixe, botou no cofo e morreu... era um Dourado que era todo de ouro... diz que era muito lindo... diz que era uma Carapitanga, que você sabe que é vermelha, né? ele trouxe o peixe e o pessoal disse pra ele não comer o peixe e ele comeu (meu pai e minhas tias me contaram). O pessoal antigo aí, tudinho, sabe disso.

O touro negro da ilha do Gapó, isso aí é muito antigo... diz que ele corre solto arrastando uma corrente na praia do Gapó. Eles têm ranchos, mas

não dormem lá não...só passavam o dia. Pescador não dorme lá. Diz que esse touro apareceu lá na época de São João... Agora aí nessa rua, era uma galinha choca que aparecia... a galinha de pinto, aí nessa rua do Samuel...


O *Jurandir* resolveu também contar a dele:

Uma vez, eu, o finado *Erinaldo*. mais a minha mulher, chegamos em Santo Amaro na casa do *Aroaldo*. Naquela casa que tinha aquele campo medonho. Aí, eu amarrei o jumento acolá, quando deu de noite quem é chegou e disse... aí eu fui atrás do jumento, né? Quando eu sacudi o laço, quem é falou: ele não é jumento não. É o diabo. Diz o que tu quer. Mulher ou dinheiro? E eu fui atrás, pensando que era o meu jumento.

Mas isso foi em sonho. Ele repetiu isso... o que tu quer? Dinheiro ou mulher, qualquer dos dois que tu escolher será teu. Aí, diz que eu disse: Eu não quero nem mulher nem dinheiro. Falei alto dormindo. Aí, vem outra voz e disse: Ele é doido por mulher. Aí, veio de novo aquela voz de uma mulher branca, bonita, no sonho... e ele... (interrompeu), eu também não sou só, não... tenho companhia. Aí, tudo bem. Eu fui... ela veio e disse: Não me abraça. Ela é o diabo.

Diz o que você quer. Dinheiro ou mulher? Eu disse: eu não quero nenhuma... nem dinheiro nem mulher. Aí, depois veio outra voz e diz: Olha, só tem pra você uma saída... que é usar o crucifixo bento três semanas, que aí eles te largam de mão. E eu usei um crucifixo mesmo.

Outra vez, eu deitadinho aí... Eu tinha um curralzão que nunca tinha dado qualquer coisa... Ele disse: quer que o teu curral dê muito peixe? Eu disse: Quero. Então você me desenha aí na parede. Mais nada de chifre. O diabo não é preto não. O diabo é branco. Aí, eu desenhei aqui mesmo. Aqui era um quarto...e desenhei. Ele disse aí: Acenda uma vela toda sexta-feira. Eu fiz. Dinheiro muito pra mim, não era problema... Aquele quarto ali era topado até em cima de farinha... aí, quando chegava, era canoa cheia de pescada, de cangatã e todo tipo de peixe. Minha mulher não podia entrar nesse quarto aqui. Era um medo horrível! Aí, ela foi e apagou o desenho da parede. Quando foi de noite ele apareceu e disse: Eu tô muito zangado com você porque tua mulher foi mexer no que não era da conta dela e de hoje em diante o curral não vai tirar mais nada, por que nós vamos desmanchar tudinho. Quero que você vá comigo lá... isso foi um sonho. Aí, lá eu fui com ele. Chegou lá, bateu assim num igarapé que tinha lá, e bateu pá, pá, pá, com uma vara... siô! durou quase três horas de relógio. Peixes grandes se mandando...



ele disse: isso tudo era pra você, mas sua mulher botou tudo fora. E o curral nunca mais deu nada.

Agora, há poucos dias depois do sonho, fui por lá. Cheguei lá, a maré tava enchendo, eu mais um amigo meu..., mas eu fui... quando da fé, lá vem aquela maresia imensa... aquela maresia muito grande, medonha. Nós tava embarcado despescando o curral... isso aí é no outro sonho... é tudo no sonho.

Se eu não rezar, eles me perturbam. Eu viajo com eles, eu ando com eles... mulher dorme comigo, essas coisas... Aí, quando eu dei fé, caiu uma arraia que era uma medonha! Com uma mulher em cima. Eu vi com meus olhos, no sonho... e uma outra moça... e disseram: nós vimos só aqui te visitar. Estamos muito zangadas com você. A gente estava na esteira do curral... disseram que vieram me visitar e avisar que as coisas estavam acontecendo porque eu vendi o curral.

Depois dele, logo em seguida, o *Bardo* fala:

Quando eu ia para as lagoas namorar, na hora que eu passava, olhava um jumento e esse jumento era uma pessoa transformada em jumento. Digo isso porque depois o rapaz me contava a história que ele via, que eu ia passando. Quando eu passava, ele

tava amarrado num coqueiro e tava se mexendo, se rolando no chão... eu passava numa boa e ele tava me olhando. E eu pensava que era um jumento. Ele, quando tava bebendo, me falava: Rapaz, eu te olhei num lugar assim, assim... E tu não olhou coisas assim, assim? Era eu que tava lá te olhando., umas dez horas... O pessoal falava que esse cara virava bicho. Ele ainda vive aqui... na faixa de uns setenta anos.

Sobre a porca... Eu tinha uma namorada que a gente ia lá pra lagoa namorar... quando nós estava lá, no bem bom, de noite, já fazendo saliência... Aí, quem era passava. A gente via a porca passar... e aí, quando voltava, a porcona encarava. Quando foi um certo dia, o cara chegou pra mim e disse *Bardo*, tu não tava dia tal assim, assim, na lagoa transando? Eu disse: rapaz, eu tava. E ele disse: Eu te olhei. Tu não viu um porco passando? Eu disse: eu vi. O porco passou e voltou, não foi? Foi. Pois era eu. Ele já tinha me contado a história do jumento. Aí, só me contava bêbado. O pessoal dizia que ele virava bicho e tinha até um caso com uma filha dele. Ele morava lá pros lados do campo de aviação, um tal de *Prata*. Trabalha com a pesca. A Iva conhece ele.

A *Fadacafote* que tinha ficado calada um bom tempo:

Lembrou de quando ralhava com mulheres que não sabiam acompanhar as ladainhas e isso puxou as memórias de sua própria história. Diz que dizia... ói! vocês aprende a rezar o terço... procurem rezar a partida... esses diabos não sabem nem se benzer... eu tava perguntando pra *Ra*... nós fomos numa reza, só eu e (fulana) rezava. Aí eu perguntei: *Ra*, tu não sabe rezar não? Aí e ela: eu não sei rezar nem o pai nosso, dona *Fadacafote*... e eu digo: poxa, menina, como é que tu não... como é que tu dorme sem rezar nem te recomendar a Deus? Ave Maria!... eu não durmo sem rezar meu terço.

Pois bom. Eu nasci no Tibiri, lá em São Luís. Nós todos nascemos lá. Só meu irmão caçula que eu acho que nasceu em Boa Vista, o pai da *Lázara*. Nós viemos pra Boa Vista porque mamãe era de lá, dali do Santo Antônio dos Pretos, um pedaço da Boa Vista. É que quando a mãe dela morreu ela ficou com oito anos e deram ela pra uma família de São Luís, aí ela foi ser babá de uma menina. Aí, esta menina casou com aquele *Jenuchi*...muito rico, morava ali na Rua Grande, defronte da Singer. Ali eu me criei.

A loja era embaixo e a gente morava em cima. Aí, mamãe criou elas tudinho.. Solana, Nazuca... (Aí morreu a que ela criou quando foi sua babá), *Magno* e *Tezeu*.... os quatro filhos do carcamano *Jenuchi* velho. Aí, mamãe casou, ficou viúva... e foi morar no Tibiri. Lá ela me teve...

O *Balaço* foi daqui da Boa Vista pro Tibiri (o pai da finda Maquita. O pessoal da *Rarabe*, era tudo dali -irmã da mãe de mamãe) O *Balaço* velho levava porco pra matar lá na casa da minha mãe, pra mamãe vender a carne... E lá emprenhou ela... ela tinha muita vontade de ter uma filha mulher. Lá ele fez eu. Ela só tinha filho homem... aí, ela nunca disse quem era meu pai. Disse que meu pai tinha morrido...

Eu cresci, aí ela teve aquela doença chamada beribéri . Não andava.... aí, aquele médico, Dr. *Tiago Luís* (foi criado com ela). Mamãe era enfermeira...O *Tiago Luís* disse: procura beira de praia pra ti comer marisco e tomar banho de mar. Ela tinha uma irmã no Mirim, povoado daqui do município, e ela foi pra lá.

Eu cresci e este velho *Balaço* (era árabe) me agradava muito porque sabia que eu era filha dele, mas ela nunca me disse. A mulher dele sabia que eu era filha dele... eu tenho uma irmã que parece que é gêmea comigo, a *Delzenira*... aí... lá na Boa Vista...o povo falava: ô, mais essa menina parece muito com a *Delzenira*...

Comecei a namorar um irmão meu, o pai da *Rivalda* ali. Comecei a namorar meu irmão. Nem ele sabia nem eu sabia. Se fosse como os namoro de hoje, hein? Quando foi um dia eu fui numa festa, lá o velho viu (na festa de nossa Senhora da Conceição). O

velho chamou... ele disse: meu filho você deixa esse namoro porque essa moça é sua irmã ... ele disse: que notícia papai! que notícia!...

Bem, eu fiquei muito alegre por que eu tinha um namorado lá na Boa Vista ... aí, ele foi lá onde eu tava... aí, ele me chamou e disse: *Fadacafote* nós não podemos continuar o namoro... eu disse: por que? tu já tá me botando chifre?... é por isso que a *Delzenira* parece comigo... nós somos irmãos, ele disse... pois vamos lá em casa. *Balaço* era bom demais... me presenteava e sovinaava pras filhas. E a velha era louca por mim (a mulher dele). A *Rarabe*, era casada com um tio dele. Era tia de mamãe. Não era carcamana. Só chamavam de “arabe” porque era casada com ele, o velho árabe...aí, nós largamos o namoro e chamei mamãe: A senhora ia fazer quase eu pecar. Eu podia ter emprenhado desse menino! Aí o irmão dela disse: olha, eu vivia te dizendo pra te dizer pressa menina quem era o pai dela...

Embora mudando o rumo da conversa a *Fadacafote* continuou contando suas histórias: Santaninha, pra lá de Areinha, já perto da Travosa, lá na Baleia, os pescadores... teve um senhor que disse que a mão esquerda da raposa era bom pra remédio... esse negócio de dar sorte... Aí, os pescadores tapavam o Igarapé, que quando ficava seco, as raposas vinham comer o peixe... teve uma que se desvencilhou da rede, aí um deles pegou uma...


Nesse tempo lá na Santaninha, eu tive um filho... lá me casei e o cara era de lá. Nesse tempo não tinha cemitério... se enterrava em Areinha. Botava o caixão amarrado num pau e botava no ombro... vinha a pé, era pertinho, mais perto do que daqui pra Mangueira. Aí, o cara cortou a mão da raposa e soltou... ela ficou caxingando, caxingando... então eles diziam quando a gente vinha meia-noite pra Areinha pra esse negócio de festa, viam que vinha um cara de chapéu na frente e a raposa atrás gemendo: me dá minha mão... me dá minha mão... me dá minha mão... Só um que cortou pra ter fortuna, ganhar mulher... pra peixe... esse que eu tô falando. Ele morreu, virou visagem... se viu ele com chapeuzinho na cabeça e a raposa caxingando atrás. Lá vai fulano de tal com o cãozinho dele atrás...

Na Boa Vista, viam uns caixões de defunto... Gente que vinha de Boa Vista, quem era daqui, morava lá e morria e vinha se enterrar no cemitério daqui da Primeira Cruz. Então, uma vez, um cara veio... o *Capitão* morreu.... Ave Maria! ele era músico muito falado... ele tocava clarinete... ele morreu (tio de *Cemíris*, irmão da *Fama* mãe da *Cemíris*) aí ele morreu lá tocando... teve uma coisa, caiu, quando levantaram ele... morreu... Aí, bom, ele morreu lá tocando... aí, é quando levantaram ele, tava morto. Aí botaram ele... enterraram aqui... e diz que viram ele quando vinham com outro defunto... tava a rede dum pé de mirim pro outro, armada... rede

com defunto dentro... de longe eles viram. Quando chegaram perto, aquilo desaparecia... Aí diziam que era o *Capitão*... todo mundo via... mas quando chegavam perto, aí desaparecia.

Agora, sobre a *tartaruga Pombô*, na Travosa, Baleia, os pescadores faziam rancho na beira da praia, época de camurupim... pra pegar camurupim e pescar outros peixes, na época que saía aquelas bichonas medonhas, aquelas tartarugas grandes.... elas são assim... os homens... O meu tio e o meu marido quando sonha com mulher nua diz: vixe Maria! vou já na beira da praia... As tartarugas vêm pôr em cima dos morros de areia... tem aquelas Tartarugas de Breu... a pessoa pega nela... ela corre pra dentro d'água... agora eles lá já têm aqueles puçazão enorme... aí, uma vez (o meu marido chamava-se Melquíades), aí ele me chamou: *Fa... Fa... Fa...* de madrugada. Disse: vamos embora pegar umas tainhas, lá na Baleia, na beira da praia... sonhei com uma mulher nua, ele disse, uma irmã minha nua, nuazinha... e ele disse: vai subir uma tartaruga.

Quando nós chegamos lá... aí, tinha já uns pescadores, assim distante... aí, ele chegou e contou que ia chegar... que era a mãe da noite, com um casco assim, assim... Aí, ele levou uma caçoeira, que era pra pescar pitu na beira da praia. Aí os homens disseram: tu sonhou? Aí eles olharam pra ele e disseram: Tá na vista. Ela subiu...na duna. Tá no tempo da desova...



Esse casco de cima do morro, você olha, parece um carro; aquele foco dos olhos dela de um lado e de outro, parece o foco de um carro que vai fumegando.

Quando se olha... quando lá vem a medonha... ele disse: olha acolá! Eu disse, menino aquilo é o holofote de um carro... é um carro que vem saindo de entro d'água, menino!. Que nada, menina...é a tartaruga... Aí prepararam lá o puçazão – eles eram três homens – Ave maria! Aquilo era uma coisa medonha. Aí, eles deixaram primeiro ela botar os ovos... Aí, ela subiu o morro, a duna... aí cavou, cavou, cavou... e lá de longe nós olhando na beirada... ela pôs duas latas de ovos, dessas de querosene... duzentos e poucos ovos... trezentos... e quando acabou ela cobriu com areia... e não e passa por cima, pra não deixar rasto pra ninguém ver... ali choca, né? Aí, eles marcaram direitinho aonde tava... eles não matam ela... é muito difícil... mas tira os ovos pra comer.. Ô!!! mais é muito gostoso... aí, eles cavam, aí, tiram os ovos... eles são molinhos... come cozido ou então bota pra pegar um sol que endurece... agora... só é gostoso... é muito gostoso... mas aí eles perderam a vontade de ir lá onde ela... Uns foram pro mato pra tirar o casco, que fazia pente, fazia cinturão, fazia relógio... essas coisas. Mas eles viraram a tartaruga... mas não mataram ela. Viraram para saber se ela era verdadeira... se não era daquela tartaruga de breu, que o casco dessas é um breu por cima que aprega... diz que aprega mesmo...

Lá, diz que morava um homem com o nome de *Vitoca*. Esse *Vitoca*... não sabia que a Pombô morava lá na Baleia... e quando ele olha, lá vem a tartaruga e ele correu, agarrou ela pra virar, aí se apregou e não conseguiu nada... aí ele meteu os pés em cima dela... foi um clamor muito grande.

Agora, nesses ranchos de pescadores aparece uns camaleões... aqui, nas praias daqui, aparece... você não pode matar uma cobra não pode matar um camaleão... uma vez que botou a comida no prato de um pescador, veio um camaleão, e um rapaz daqui chamado *Cirano*, matou o camaleão e ainda hoje ele é doido da cabeça. Ele era novinho, novinho, novinho...

E a *Fadacafote* não parava:

Tem uma praia que chamam Tubarão... quando chegam lá... foi onde a *Matel* começou essa doideira dela, ali no Veado... Lá diz que aparece um veado de ouro. Ela falava muito nesse veado... Ela diz que aparece... nessa loucura dela... não é pra todo mundo... e não é pra quem mergulha... aparece é em cima na terra, na ponta da praia... ele sai de dentro das ilhas... tem gente que vê... não é pra todo mundo.

O *Zéfiro* era um curador que tinha ali nas

Cabaceiras, que até médico vinha se consultar com ele. Ele disse pra mim que ela, a *Matel*, era médium de nascença... mas ela adoeceu... era uma menina muito boa para com a gente... mas ela adoeceu e eu levei para médico... quando ela melhorou ela passou pra crença, se batizou...

A *Matel* quando tinha doze anos, entrou pra crença... lutou pra entrar nessa crença... boazinha que era... quando ela tinha quinze anos, ela era professora, ensinava no Jardim... aí ela foi pro retiro dos crentes, lá no Veado. Retiro de carnaval. Lá ela caiu nágua, banhou... Saiu daqui boazinha. Quando voltou, foi amarrada. Aí, meu irmão era crente e disse: eu vou levar ela pra São Luís porque a senhora perdeu a fé de Deus, não sei que... Que nada!... ela fugiu... Passaram quinze dias pra achar ela. Aí ele ligou pra mim. Lá levei ela no *Zéfiro*.

Aí, ele disse: essa menina é “média” de nascença... pesada! Ela enxergava a *Lhama*, mulher do finado *Sírio*... ela viu... Ela ainda não era nascida quando a *Lhama* morreu... e ela tava ali deitada e disse: mamãe olha a mulher do *Sírio*... aí só ela que viu, aqui no quarto... olha a mulher do *Sírio*... Aí, eu disse: ela já morreu... (a mulher do *Sírio*, nesse tempo, já era *Tisarina*)... Ela disse: não... ela tem os olhos azuis é branca, branca; loura, bonita... era assim mesmo. Ela falava muito dessa mulher do *Sírio*...

Aí ela viu uma criança... aí eles disseram (disseram vários) que essa criança é que mais atentava ela... agora, há muito tempo, nunca mais ela viu. Ela saía pro quintal de noite andava por lá quando vinha era pretinha ela saía pro quintal de noite, andava por lá e, quando vinha era pretinha, pretinha, de ficar lá no quintal rolando na terra... eu perguntei: *Matel*, o que foi isso? ela dizia: um menino que me derrubou... Ela pulava de cima desse peitoril, assim, com a testa no chão e não feria ela naquela época...

Lá, naquele poço lá do quintal... ela metia os dedos por dentro da cancela, de um lado pro outro na taramela e abria... olha, ela passava numa cerca sem trepar na cerca... ela tinha esse mistério com ela. Aí, o *Zéfiro* foi pra Brasília passar uns seis meses lá, tratando do *Blota*, lá em Brasília e não pôde fazer o serviço dela. O *Assis* da *Areinha* e a *Lírio*, irmã desse que foi eleito agora vereador... aí a *Lírio*, prima da mãe dela, irmã de criação (a avó dela criou elas), disse: *Fa*, eu vou levar *Matel* pruma mulher muito boa que tem em *Areinha*. Chama-se *Delzuita*. Vou levar ela pressa mulher passar uma mira nela. Tu fica aqui. Não te incomoda que eu tomo conta dela. Me diz como ela é. Eu disse: pra banhar precisa se levar... Ela disse: arruma ela... Ela foi pra *Areinha* ... Aí, lá, a mulher disse que ela tinha muito espírito em cima dela... aonde que tinha um avô dela que morreu enforcado... O avô da mãe dela morreu enforcado

ali na Santa Clara... E aí, contanto que às vezes eu acordava de noite e *Matel* já tava no quintal... aí, eu amarrava ela e ela se soltava e ia quebrar pote, quebrar louça... ela se botava pra mim, pra me matar... era aquela coisa... rasgava roupa...

Lá em Areinha a mulher iniciou, mas disse que ainda não tinha terminado... aí ela morreu (a mulher que tava tentando o serviço) ... agora ela fica quieta, mas ela toma remédio controlado... a médica, doutora Cassia lá do Farina, ela disse: eu vou dar o atestado dela, mas ela não está só...

Perguntamos ao *Xande* se ele podia nos contar sobre os urubus. Ele:

Sobre os urubus?... Foi lá na ilha de Santarém, pro lado de Santa Clara. Aí, à noite, eu sonhei que chegou nove urubu, daquele da cabeça vermelha... mas não foi urubu... foi nove mulheres pretas, com um pano amarrado na cabeça e me disseram... (isso foi na primeira noite de curral)... que não deixasse ninguém falar alto... (é o seguinte: não mandar nome, palavrão)...e quando fosse pescar, que chegasse, pra eu tirar (do pescado) o que era meu e deixasse de lado o que sobrasse que tinha quem aproveitasse e, que elas eram caixeiras... batiam caixa.

Que elas tinham um barracão grande (no sonho). E meu companheiro quando eu tava sonhando, ele tava tendo o mesmo sonho. Meu companheiro era o *Xibé*...eu nunca ficava no escuro. A lamparina, como sempre, estava acesa no rancho. Nós éramos seis... Aí... de pressinha... bota canoa aqui, vamos pescar camarão. Aí, o *Xande*. disse: rapaz, eu tava sonhando com umas mulheres que disseram que a gente, o que não tivesse aproveitado do pescado, deixasse lá.. que tinha quem aproveitasse.

Tá bom... E aí fomos pescar... Nós chegamos umas cinco e meia da manhã, dia clareando... despescamos, despejamos o camarão todinho... Eu fui fazer o fogo, terminar o trabalho, e vamos embora... aqueles peixinhos ficaram tudo lá... Era já umas seis horas da manhã... aí os nove urubus... Aí o *Xibé* disse pra eu: que que é aquilo?... aí os nove urubus... eu vi do caminhozinho que eles saíram,... aí eles comeram o peixe todinho e bateram as asas para afastar as folhas, porque a gente deixa a folha quando a gente come assim na beira de praia... a gente deixa as folhas que é pra... ... elas bateram as asas e não ficou nadinha dos peixinhos que vieram na rede junto com os camarões... os urubus vieram comer e depois saíram um atrás do outro pelo mesmo lugar... aí o *Xibé* disse: agora eu vi que é verdade... Durante o tempo que nós pescamos, acontecia isso todo o tempo... a gente já sabia.


E o *Xande* continuou com a palavra:

Nesse beco aqui, nesse beco meu, aqui, tinha um menino de couro peludo como couro de boi, cheio de pelo que aparecia... Rapaz... eu nunca vi... papai que me contava - o *Carangejo*- ... e nesse beco ali do seu Lucimar aparecia uma galinha de pinto... A mulher de trouxa ainda continua passando por lá. Lá naquela rua da dona *Fofa* , desce ali das Lagoas, pela *Fofa*, e vem pra beira mar...

Outra coisa também que eu vi mais o *Varisto*, meu tio, a esposa dele, a velha *Maena* (já morreu) e minha avó também que já morreu...(tá vivo só eu e o *Varisto*): No porto do Alegre, um padre... nós vimos um padre... nós fomos daqui pra Água Branca pelo porto do Alegre, umas doze horas para as doze e meia da noite, mais ou menos... o padre tava bem na beira do porto do Alegre, de batina branca. Branca, branca mesmo que brilhava na lua... ficamos de fora... ficamos lá até quando aquilo sumiu.

Agora eu vou te contar uma história, mas diferente: De um raio, um relâmpago. Ali onde é a casa do Santos, na beira do campo, tinha duas casas de palha uma de seu *Matias* e a outra de seu *Jardim*. Seu *Jardim* é pai de seu *Mamuna*.

Na beira do campo, ali no Areal, lá no campo de



futebol onde é o estádio hoje. Ali tinha as duas casas de palha... aí, tava numa casa só dois velhos: a dona *Ramona* e o seu *Jardim*, dia treze de dezembro de mil novecentos e setenta e três. Tava chovendo, deu uma chuva forte, umas dez horas do dia ... quando o raio baixou, bateu, derrubou o canto da casa todinho e a casa ficou pegando fogo.

Aí, o velho correu com água e jogou. Quando jogou a água, aí é que o fogo aumentou. Aí ele (o *Matias*), foi e disse: velho, não é assim... foi no fogão de lenha pegou um tição de fogo e voltou e o fogo acabou... viu? por que o fogo não se compara com o fogo daqui. Aí, salvou a casa.

E o *Xande* continuava:


A Praia do Veado é a praia do veado branco... lá tem um veado branco encantado...Tem história de Mãe d'Água...

Só na Lagoa do Mato o povo via... aqui na Lagoinha meu avô cansou de me contar, o velho *Pabuloso*, irmão da mãe de papai, meu tio avô... ele disse que cansou de olhar de noite ela batendo pra lá... batendo roupa como se tivesse lavando roupa... quando ele ia olhar pra lá... não via nada.

Agora, sobre lobisomem... Era meio-dia, aí eu saí lá de casa, que eu sempre gostei de cercado, essas coisas... aí eu fui tirar uns paus lá na Tapera e tinha que aproveitar a maré pra poder passar. O apicum, quando a maré é grande, lameia aquilo tudo lá... só é bom pra poder passar de maré baixa... e eu disse: bom eu vou lá. Naquele tempo eu fumava, aí onde eu ia, eu levava o fogo eu gosto é onde eu ia eu levava o fogo... eu gosto... eu já saí de casa era onze e meia do dia... bom, eu gosto de fogo mesmo... onde eu vou tem um fogo... aí eu botei num cofinho duas casquinhas de coco, botei um mocó de fumo, machado e faca e rumei pra Tapera. Eu cheguei era mais ou menos umas onze e quarenta.

Tapera é um lugar acolá, no brejo, terra de apicum... aí atravessei o igarapézinho pra lá... cheguei lá, eu ouvi uns relinchos estranhos e aquela fumaça de poeira como daqui na casa ali do *Bartolomeu* ou mais longe... e a poeira levantando... me deu vontade de dar uma cagada... eu vou dar uma cagada... aí eu juntei as coisas pra preparar o fogo, ouvindo aquele barulho mais pontapés pra cá pontapés pra lá...

Aí, quando a fumaça do meu fogo subiu, quem foi meteu o pé na carreira... acho que porque ele viu a fumaça do fogo que eu tava fazendo... eram dois... passaram assim como daqui na casa do Evo por outro lado do apicum... já tinham desvirado... tavam vestido de homem mas não se olhava a cabeça...



cobriu a cabeça pra não conhecer... era homem que virava bicho... era o *Notório* mais o *Beleza* irmão dele... eles estavam virando bicho lá, brincando de briga, lá na Tapera. Eles cobriam a cabeça e passaram por mim mas eu reconheci eles... são baixinhos... corpinho pequenininho... agora eles não sabem que era eu que tava lá, porque eles não me viram.

Ali no Estrondador tem toque de tambor. Ainda outro dia passou a noite todinha... era a cura... eu escuto... é ali na Lagoa do Estrondador...

Ali na ilha do Santarém, na época de São João, é toque de boi a noite todinha... encantaria... essas coisas tudo existe... essas ilhas tudo tem dono mas nem todo mundo é capaz de ver e ouvir...

Eu tava pescando mais papai, o outro meu irmão tava vivinho...tava na Ponta da Areia, arrastando camarão de madrugada com um granseirinho de pegar peixe, nós três,... aí botamos a granzeira pra cima do banco, bateu assim em cima... a granzeirinha pequenininha... tornamos içá e botamos de novo... vamos ver se dá alguma coisa pois passava era dia e não tinha nada... apareceu uma tartaruga em cima da água do tamanho desse negócio aqui, ó, daquela paredinha pra cá... mas era uma coisa que eu nunca tinha visto... era absurdo... os olhos dela era do tamanho de um prato... a cabeça era do tamanho... grande mesmo.

Essa Ponta da Areia é perto já do Mucunamdiba... era uma coisa monstra mesmo... era aquela coisona em cima d'água... aí meu irmão me olhou e olhou para meu pai e aí ele gritou: ai, ai,ai,... aí, ela foi embora...

Com uns três minutos formou aquele estrondo de vento que foi difícil tirar a grozeira... tiramos mesmo na marra... aí ela mergulhou e foi embora... aquilo não era tartaruga não... aquela ali era uma visagem em forma de tartaruga... ela queria bem avisar pra gente não pescar mais... pra se afastar dali... Pescador vê o que tu não vê... o pescador é o que tem mais “visão” do que todo mundo, bom...

Aí quem pediu pra contar foi o *Evo*, falando:

História que minha mãe contava pra nós à noite, quando não tinha energia elétrica... ficava a roda de menino... ela contava que uma vez a *Marabatá* e o *Ketne* foram tirar lenha numa várzea chamada Lava Cú, que fica de banda de Tapera...

Aí, chegando, depois que eles já tinham tirado as lenhas, ela ficou fazendo os feixes e ele disse que ia dar uma voltasinha mas não demorava... aí, ele foi. Com poucos minutos, ela já tava terminando de arrumar os últimos feixes de lenha, veio um porco

grande brabo, com cada presa do lado de fora... aí, ela teve que atrepar num galho de jatobazeiro. Dizia: socorro, me acode... e gritava pelo nome dele... *Ketne* me ajuda, me ajuda, me socorre!! Aqui tem um porco... tem um bicho... ela não sabia que era ele e de repente o porco desapareceu.

Nisso ela desce e o porco agarra na barra da saia dela e rasga um pedaço da saia e sumiu de novo... aí quando ele voltou, o *Ketne* quando voltou... quando ele chegou, ela já tava com os feixes de lenha já feitos por que ela desceu do pau e arrumou todinho. Disse: aonde tu estava que eu gritei tanto por socorro... eu vi um lobisomem que quase me engole... quase me come... ele dizendo pra ela que era mentira dela... mentira ... mentira *Marabatá*, isso aí é mentira tua... aí fizeram a lenha e foram embora...


Chegaram em casa, tomaram um banho e foram, almoçaram e ele pediu pra ela catar ele... e nisso quando ela tá catando ele, ele se espreguiça e dá um bocejo pai d'égua... ela olha pros dentes dele e tava ali os trapos da saia dela... Aí ela disse: ah! era tu não era? era tu que queria me comer. Não *Marabatá* tu tá pensando errado... não era eu não... tá pensando que eu sou o que? não sou virador de bicho não...ela disse: tu vai ter o teu retorno...

Aí, o retorno do *Ketne*, quando ele saiu pra pescar com o filho dele mais velho o seu *Lo*... foram pescar

pra cá do Pretinho... quando chegou nas barreiras do Pretinho, ela, daqui da Primeira Cruz disse: vou mandar o troco no *Ketne* ...aí ela se transformou e foi... e aí o que aconteceu: ela ficou debaixo de um pé de mangue-botão, bem na passagem onde eles passavam... ela lá de baixo do pé de siriba... aí quando eles passavam o *Leovídio* olha, e disse: pai tu tá olhando aquilo acolá... aquele macaco que é um medonho? aí ele puxou pelo facão... eu mato já esse macaco! Quando ele se aproximou dela, ela abriu a boca e deu um berro medonho... aí ele disse: eu te conheço *Marabatá*, é tu *Marabatá*... e nessa hora ela fugiu dali.

Eles dois eram bruxos... eram feiticeiros. Moravam bem ali naquela rua chamada beco da Calu... os dois viravam bicho e ela era mais perigosa do que ele... aí ele disse pra ela: isso é coisa que a gente não deve revelar e antes deles casarem nenhum dos dois sabia que o outro virava bicho... eles tinham orações forte...

Quem contou esses casos “são” os contemporâneos deles... os velhos, a finada do... eles apareciam pra outras pessoas por isso é que eles sabiam... ela virava porca. Mamãe me disse que uma vez ela botou o finado “fulano” muitas vezes pra correr... era considerado irmão dela. O pai da minha mãe... naquelas épocas que eles se transformavam a cidade não tinha energia, era cercada de mato. Ali no beco da Calú, era só mato... ali... não tinha casa...



os moradores que tinham por lá eram só eles, era como se fosse um povoado... uma casinha aqui outra acolá...

Tem outra história da *Maraban*, que morava no Capim-Açú... o povo falava que ela virava bicho... o *Bento*, vou te falar a verdade, era filho de santo do finado... ele sabe algumas orações que o pai... eu vou te contar um segredo... eu tenho uma oração de São Cipriano, da Cabra Preta... eu não brinco não porque eu sei isso é coisa que meu pai de Santo me passou e eu regravei e também não tenho o livro dentro de casa. Eu regravei. Eu tiro ela de cor. Santa Marta Virgem. È o nome dela na história sagrada. Ela virou cabra preta, porque ela foi expulsa... e veio parar na magia negra... a magia negra é astral

E o *Evo* continua:

Dizem que o *Notório* vira bicho mas o irmão dele o Beleza não vira bicho não... o povo falava do velho *Poncho*, pai deles... tinha oração que foi passada de pai para filho o velho sabia... o pai deles era que era o "bicheiro"...mas uma vez eu desafiei o *Notório*, lá na casa do *Xavier*... eu disse os pontos onde eu ia passar que era pra ele me confrontar...

O tio de *Iva*, o *Píramo*, também tinha oração pra


se esconder... oração de São Bernardo. Uma vez ele escondeu o finado *Amadeus*. debaixo de uma gamela de amassar juçara... tem muitas orações fortes e cada um tem suas orações e quem tem suas orações, tem sorte... eu, Evo, tenho minhas orações e eu sei me defender

A *Iva* entra com a sua:

Vou contar aqui uma história. Há três anos atrás, lá nas dunas da América, nós começamos beber desde a biana... quando chegou eu disse: vai descendo um atrás do outro e quando descer, pede licença pra entrar. A América é uma lagoa cercada de dunas.

Então, cada qual faz o sinal da Cruz, dentro da biana e pede a ajuda de Deus e pula pra dentro d'água e pede licença para entrar... Nem todo mundo fez isso. Chegamos aí fomos armar o acampamento, fomos armar nossa rede, cada qual armou sua rede num cajueiro lindo... a gente limpa tudo... lá só tem três casas... e ali fizeram uma pousada agora... uma casinha com três varanda... a senhora lá faz galinha caipira a cem reais, uma cerveja era dez reais, isso ano retrasado.

Quando deu à noite que cada um armou sua rede, alguns foram deitar... outros conversar... outros pescar... Quem foi fazer comida, foi (pois nós levamos



comida pra preparar lá... frango, carne, peixe, essas coisas) ... mais à noite, a gente sai pra pescar de linha... pesca peixe de água doce. Os meninos, os outros, ficam bebendo, conversando... eu fui com os meninos e eles vão arrastando com a rede de pesca e a gente vai jogando a lanterna... lá tem peixe... tem um tal de cachimbo, um bagre desse tamanho... a gente come ele torrado... a gente torra ele como quem torra camarão.

Quando terminamos, dissemos: vamos embora subir pro morro, vamos subir pra balada, vombora.... aí nós subimos. começamos cantar... tocamos tambor... aí o *Baobal* se embriagou... os que subiram, subiram e os que foram dormir, foram dormir... Lá na balada a gente canta e toca desde a cura, a gente canta. Ah! meu irmão, que quando *Baobal* subiu, quem é tá lá, na croa da duna... era doze horas em ponto... aí meu sobrinho disse: não vai *Dalci*... e ele já com umas duas... que nada! aqui não tem caralho nenhum. O Leocádio disse: calma cara, que te encontrar com coisa, só tu vai. Eles iam subir a duna pra descer do outro lado pra ir pra onde a gente tava... tinha uma coisa lá no topo do morro... eles viram.

Meu amigo, quando eles chegaram, o *Baobal*... já tava quase morto. O Leocádio já tinha visto e disse pra ele não ir. Era um cara com um lação na mão, em cima do cavalo... e o gado ia na frente e o vaqueiro atrás, no cavalo... (mas não era de verdade... isso era

coisa) ... um disse pra ele não ir... eles tentaram. e quem é, foi atrás deles.

O vaqueiro acompanhou eles e tinha muito gado de verdade (tinha boi, carneiro, bode, porco) quando a gente se espanta, eles chegaram na carreira... quando o *Baobal* chegou (neto do *Cafarnaum*, sobrinho do *Xande*) foi metendo a cabeça numa cadeira vermelha... aí a minha sobrinha que estava junto com a gente, quando viu ele subindo já pegou meu sobrinho e botou ele aqui debaixo da camisa dele. Aí o *Enaldo* (o que também enxerga), disse vombora parar. Parem... vombora rezar.


Nós estamos bebendo cachaça como é que vamos rezar agora? mas aí, começamos a rezar o pai nosso e quem é arroteou (só quem via era ela, o *Alcoforado* e o *Enaldo*.)... eles arrotearam a gente...e quem era arroteou, e o pior, ficou atrás das minhas costas... aí eu não rezava mais... aí eu gritei. Era o vaqueiro... e o porco que o povo via, eu não vi, acho que foi na hora que eu tava gritando que não conseguia falar.... aí o *Enaldo* segurou na minha mão, apertou minha mão e começou a me passar a mão e eu disse: calma menino, tu tá ficando doido?... nessa hora a *Eritréia*, filha da *Domitilia*, desceu o morro pra urinar... esse porco que todo mundo viu acompanhou a *Eritréia* e veio pro meio de nós... e esse porco, daquelas bandas, que comem até capim, chega ali no meio, viu um prato cheio de camarão, ele rodeou todo mundo

e não ligou pro camarão... é estranho. Então não é porco de verdade...

Aí, minha sobrinha disse: titia não era porco eu vi, o formato dele era um porco mas o pé dele não estava no chão... eu só sentia a coisa atrás de mim só sentia isso... eu não falava eu não cantava mais... eu não rezei...

Bigo fala:

Só pra lembrar, “Couro Pôde”, é na Boa Vista. Seu Bazuca mora aqui..... seu Inaldo... eles moravam na Santana, eles moravam numa casa que era que era uns trinta metros corridos... só que o *Inaldo* acordava, aí quando davam fé, o *Inaldo* tava lá na beira do rio. Ele era perturbado... quando acordava... ele tinha um negócio de uns cinco anos, ele ficava lá cismado olhando pro rio até altas horas da noite e aí, ele ouviu também o bater nas tábuas lá, como lavanderia, aí, quando foi um dia a casa dele lá (ficava próxima do rio) caiu da cozinha até o rio... baixou, esbarreirou e a parte da cozinha foi todinha. Aí, a mãe dele sonhou com uma pessoa que veio dizer que era uma cidade que tinha mudado... tanto é que eles vieram embora pra cá pra Primeira Cruz. Aí, ele cresceu, ele veio embora e acabou a história.



Quando eu era pequeno eu via naquele poço perto de onde é a casa do Xaréu, na rua Herculano Parga, quando eu ia comprar carne de porco com papai, eu via uma mãe-d'água, naquele poço bem alí, na casa de vovó *Janaina*, Um poço de tábua quadrado. Só que era uma figura como se a gente tivesse vendo uma televisão. Tinha loura, tinha morena, tinha também cabelo vermelho. Eu via de cada vez uma. O corpo era um corpo de mulher como se ela tivesse deitada na mina d'água. Via também no poço da salina, que eles cavam buraco pra botar lama no paredão... eu achava que aquilo era normal.

Eu disse, papai, tem uma mulher... aí ele, que mulher? Tu “tarás” besta? Aí por último eu já não dizia mais pra ele. Mas eu via sempre. Era pequeno, novo, eu jogava pedra nela, mas ela não desaparecia era tipo uma visagem uma visão naqueles buracos de barreiro... eu costumava ver no apicum, num lugar chamado Apicunzinho. Eu ia caçar marreca com papai. O finado *Fusaca*, pai do *Manduca*... ele esculpiu uma sereia de madeira de tamanho natural, aí botou na frente do bloco no Carnaval e eu comparava as mulheres que eu via com essa sereia, mas só que não tinha rabo de peixe.

O *Evo* retoma a fala:

No América, meia-noite, eu avisei a todos os meus colegas para preservar e se guardar... algo diferente... ele ia aparecer... eu avisei o quê... bom.. deixa pra lá...

Uma vez eu fui dar um banho, eu tinha Tapindaré na croa de *Ronaldo* com seu *Libanho*. na praia do Veado, numa tarde. Era pra dar o banho uma hora, mas chegamos atrasados por causa da maré, que a gente foi com a maré ainda no seco, a maré não tava vazando, a gente aproveitou a maré enchente pra chegar na hora certa, porque, se a gente der o banho antes ou depois, não vai causar o efeito esperado como se desse na hora certa.

Vocês estão escutando? Tão entendendo? Então, na hora do banho, uma hora da tarde, uma onda tão grande veio que veio espumando tudo até chegar na areia. Eu fiquei até com medo. Eu então vi que o caboco Tapindaré... aí foi a hora que Tapindaré subiu no *Ronaldo*. Ele é que tava fazendo o serviço, eu fui afirmar... e aquela onda veio... que o banzeiro veio, que ele voltou. Ele ia levando todos nós, depois, nós dois pro meio da correnteza.

Aí, eu agarrei Tapindaré e aí ele arriou na sereia para sereia entrar, Tapindaré sair. Este sai e a sereia

entra... ficou em cima do *Ronaldo* e ela mergulhou com ele e eu agarrando na mão... não faça isso, minha filha, não faça isso. Estamos aqui pra fazer um serviço, nos ajude, nos permite entrar nesse mar... novamente... Aí ela veio com outra maresia mais mansa, de novo, e banhou a nós de novo... Aí, voltou com aquela correnteza tão grande... eu afirmado na mão dele, da pessoa que nós fomos dar o banho... era seu *Libanho* de Santa Clara. Ele tava fazendo o último despacho dele pra melhora dele... o despacho era pra sereia, porque a porcaria foi feita em cima da sereia... então, eu que tava firme, que não tinha nada, era eu que tava aguentando o momento dele... eu era companheiro para trazer ele de volta e quando a maresia veio, que voltou, mergulhei por baixo... ele não mergulhou por baixo. Aí, eu agarrei e trouxe para cima e então quem tá em cima de alguém pode levar e pode se afogar e é perigoso, mas fizemos o que devia ser feito e até hoje as pessoas não acreditam, mas tem muito e muito mais, pode acreditar ou não acreditar...


O *Molino* da *Silvania* contou:

Eu fui pescar com o *Providência* e vimos no Porto do Moreia... Ele disse: a gente chegou lá às quatro horas da manhã, e um cidadão secando um casco. Ele tava

secando esse casco. Lá são dois portos: tem o Porto de Baixo e o Porto de Cima. A gente tava no Porto de cima... quando nós chegamos lá, era por volta de umas quatro e meia da madrugada e esse cidadão tava secando uma embarcação no outro Porto, no Porto de Baixo... Aí, o *Providência*. comentou: isso é bem o padeiro que vai sair pra pescar... 'é que o padeiro tem casco lá... e o cara terminou de secar o casco e saiu remando e a gente saiu com o nosso também.

Dava a impressão que ele tava secando era com uma lata não era com cuia... a zuada era de uma lata... aí, o cidadão estava remando e o Antero que é o *Providência* disse: vombora chegar pra gente ver quem é que tava saindo e nós não vimos ninguém. O que... geralmente, quando a gente vai atrás um do outro, vai ficando uma espumazinha né? Nós não vimos nada... até me arrepio!... não vimos nada, nada, nada.

Outra vez a gente foi pra Tapera, numa noite que tavam fazendo show no Casino. Aí nós arrastamos lá na beirada do Lopes, arrastando camarão pra pegar isca... aí, não pegamos nada... mas pegamos assim, quase um quarto de quilo de camarão. Aí, esse Pr. disse: agora senhor, agora pra gente ir pra Tapera não vai dar... a água estava muito limpa. A lua saiu mais ou menos uma hora da manhã. Aí, ele disse, o que a gente vai fazer? Ele mesmo disse: a gente leva esse



segundo pedregulho da baliza e pesca de linha até a lua sair. Quando a lua sair, a água encandeia muito e a gente pesca com o camarão.

Assim nós fizemos. A gente foi pra lá... rapaz... não demorou muito foi aquela carreira muito bruta no apicum. Rapaz!... no sentido... essa foi mais de encabular... aquilo vinha correndo... Ele não tinha pegado nada. Ele se deitou... eu já tinha pegado umas quatro jurupiranga, aí eu disse pra ele: rapaz, puxa o casco! puxa essa amarra que vem um bicho ali!

Mas era uma carreira mesmo bruta, no apicum. Aí ele disse: que nada rapaz, tu tá é com medo de ver. E veio, veio... quem tava dentro da água saiu e ele caiu foi dentro da água... um cara... Não vimos nada... só a onda... e foi lá no casco, a onda... a gente tava na beirada do mangue... foi como daqui na funerária, ali. Foi lá no casco, a onda... Quando ele viu que o casco balançou, aí, ele se levantou e puxou a amarra do casco e a gente atravessou para o outro lado.

Outra Vez... Eu e o Severino meu sobrinho, é bem na boca do Igarapé do Moreia. Esse aí, a gente vinha chegando eu e o *Severino*, um cara, parecia que tava assim atolado na lama... parecia assim um búfalo... quando puxou, fazia assim aquela zoada na lama... saiu quebrando o pau por dentro do mangue. O *Severino* perguntou pra mim: tio *Molino* o que é isso?... mas rapaz! tu vê? Tu deixa de fazer essas

perguntas bestas... eu fiquei com medo, mas não deixei ele ver que eu tava com medo.

Aí, a gente chegou no Moreia e tava tirando água do casco e o bicho saiu... o cara saiu quebrando mangue, quando chegou no campo de aviação ele deu um grito, um berro e veio atrás de nós. Quando chegou bem na Olaria, ele deu um berro muito feio mas nós não vimos... só ouvimos, só isso... É verdade.

Molino da Silvania continua contando:

Anos atrás, foi uma mulher bem no canto da cerca do Loteria. Eu ia pescar mais o *Brandão*. Era duas e quarenta da manhã. Aí, eu botei as coisas: puçá, a tarrafa, o côfo, a rede, na calçada e voltei. Passei o ferrolho na porta do fundo e saí pela porta da frente, pra jogar a chave por baixo da porta, pra não acordar os outros. Rapaz! quando eu fui saindo na porta, a mulher veio dali do canto da casa do *Loteria* no sentido do campo de aviação.

A mulher quando me viu, voltou. Eu pensei que era até *Marvina*, aquela que mora com seu *Dedeco*. Meu pai! o que essa mulher tá fazendo uma hora dessa por aí?... caboco tá quebrando... Na minha vista, ela tava com vestido vermelho... ou... com vestido branco, cheio de coraçõzinho vermelho...na minha



vista...

E a mulher voltou rápido, rápido... e fechei a porta ligeiro e fui até o canto do *Lanho* pra ver se via alguma coisa e não vi. Aí, já me deu só um frio nas pernas. Não deu dor de cabeça não. Mas frio e febre. A mulher eu não conhecia.

Sefran conta:

Eu me lembro é que uma vez, altas horas da noite, eu ouvi foi um movimento no mangue como se estivesse pescando. Aí, às vezes, é como um menino chorando e quando a gente vai lá ver some. É pra meter medo... pra gente não ir mais lá. É como se ali se escondesse alguma coisa.

Ah! tem muita coisa no mar... muita presepada. Depois que papai morreu deixei mais de pescar. Eu fui pescar com a mulher, aí, uma vez, a gente foi remando, remando e vimos uma canoa cheia de macaco. Aí continuamos remando, remando e quando chegou perto não tinha mais macaco e nem canoa... (era uma presepada).

Uma vez fui deixar um peixe pro meu velho comer, eu passei pelo rumo da salina quando eu vi numa touceira, ali pertinho, um camarada com chapéu. Ele

anda com calcanhar pra frente e o dedo pra trás... eu vi, eu vi na touceira... era aqui pro rumo do Porto... no Porto do Pretinho.

De gritador, de cavala canga, essas, presepadas... a gente ouve os gritos... Tem uma história de um carro que vem chapado de gente e quando chega na estrada, cadê? some tudo. ... Se você botar o ouvido no fundo da canoa você escuta o toque de tambor.

Seu *Japa* que era um caçador nos fala:

As histórias de lá, que tinha muito encantaria, batia tambor, essas coisas, à noite inteira. Uma vez, também vi meio-dia, um senhor dessa alturinha barbado... passou pertinho de mim. Aí eu fiquei em casa escondido... isso foi do Mirim pro André. Eu era novo e não tinha medo.

Eu tinha um curral e chegava no curral cinco horas da manhã pra despescar, e... um barulho de pau batendo, de cair no chão, até que eu escutei um galo cantar longe eu disse já é o dia... e o pau comendo e alguma coisa caia no chão... e caiu de cacete quando tava no chão. Eu tava na canoa assim na beira, todo enrolado, e não via o que era. Aí, quando foi de manhãzinha, eu esqueci e olhei. Tinha um pau no chão... era visagem, viu? ... porque eu caçava muito.

A mulher do seu *Japa*, dona *Marta*., também do Mirim, disse que um dia convidou o homem pra ir ao curral pegar uns peixes, quando chegou... íamos da barra do Campo Novo pelo caminho do Porto do Mirim... passou pela gente... aí, eu levantei a vista, olhei, lá vem um bicho... eu de medo, não chamei nem ele, o marido.

Mas aí, ele voltou de lá, tirou o facão de dentro do cômico e disse *Mar*. o que foi que tu viu? Eu vi um bicho e lá está... Seu moço, eu não sei nem contar. Era um bicho mesmo. Aí desse desespero que eu tava, vieram outros pra olhar. Aí, foram lá... era um jumento. Mas olha, quase eu morro. Aí, era um jumento vivo acolá..., mas aquilo não parecia um jumento de verdade. Parecia visagem ou gente virado bicho, porque, quando nós chegamos em casa, o jumento tava lá.

Foi lá em casa, andando. Olha! Mas aquilo não era jumento, não. Era alguma coisa que deixou a gente assombrado. Aí, uma experiente disse assim: não era um jumento, aquilo foi um bicho enviado que mandaram pra vocês. Ele atravessou a água e veio fazer essa assombração. Mas eu vou lhe dizer que eu andei perto de morrer... Esse daí, hum!... ele já tava assombrado.

Quando alguém morreu na salina do Filó “nós trouxemos” ele na rede. A gente vinha bebendo...

Aí, a turma “foram” embora, mas eu fiquei com meu irmão, porque eu só fui até as Mangueiras... O peso era grande e eu não aguentei mais e fiquei por lá. Aí, eu acordei doido de sede... aí, eu passei a mão, era água salgada aí eu disse: ei, *Casteol*, eu vim te deixar, agora tu vai me levar de volta até meu Mirim.

Aí é que a que a perna não deu pra eu chegar até o campo da Beira do Mato. Quando eu me deitei, veio aquele berro com um forte pé de vento... passou aquela trovoada... entrou dentro do mato, mas não passou por cima de mim... passou assim... que quando deu cinco horinha da manhã, já o dia vinha amanhecendo, eu ouvi o alarido lá na beira do caminho.

Era o *Perdigão* lá da Travosa mais o *Zagalo*. Ele disse: rapaz, o que é que tu tá fazendo aí? Eu disse: eu fiquei bêbado e ele disse: pois é. Agora você não fica mais. Encosta aqui. Ele tava com 1litro de tiquira e me deu uma lapada.

Uma vez minha filha tava com um frio medonho, mas morrendo de febre. Noite alta. Aí, eu ouvi alguma coisa na rua e fui ver. Abri a janela, quando eu vi... se eu não fechasse ligeiro a janela, acho que ela atravessava. Era uma mulher vestida com um vestido comprido. Ela não andava no chão... ela andava... ela ia só assim, como voando... ela era grande, mas não era tão alta assim.

Esse pedaço de rua é visageiro mesmo, porque um dia, quando deu seis horas, um rapaz que morava numa casinha ali, de palha... E aí eu fui procurando se a casa tava com luz acesa... Eu cheguei na frente da casa já me sentindo mal. Era um camarada assim do jeito do senhor... ele ia pra lá... eu ia pro rumo da casa da *Mazoca*, do outro lado, quando eu cheguei no meio do portão do *Zeqinha*, eu vou ver quem é.

Aí, eu olhei... era um homem andando acima do chão e não passou do poste. Voltou... aí, eu vi a pessoa, mas não chegou perto, não chegou a passar por mim nem pelo poste. Eu queria ver ele mesmo era debaixo da luz do poste.

Uma vez foi visto pela minha filha *Miele*, que morava aqui no quintal e o quintalzinho era todo aberto e ela viu um rebanho de carneiro com um padre amontado num cavalo. Ela disse: eu morro... era para a *Miele*. ... aquilo ali era pra alguém desencantar... aquilo ali era pra corajoso bater ao menos no cavalo, aí ele desencantava.

Agora eu vou lhe dizer uma coisa: tem um pássaro... que ali contava coisa de pescador... Teve um caso de um desses que se desentenderam e um foi pro mato, quando viu foi a cabra com a cara do taquiri e os olhos bem alumiados mesmo e era meio-dia. Pois ele virou uma cabra e foi esperar ele lá, o filho do *Noletto*. Esse vira bicho e o genro dele mesmo vê as coisas...

abeirando o rio... num capão de mato...


A *Dodom* tem 80 anos e diz:

Nunca vi visagem mas eu ouvi uma zoadá muito linda, dia sete de maio. Aí, eu me levantei e olhei na janela... era uma mancha que vinha no céu muito bonita e nessa mancha vinha uma música. Eu sonhei que tava ouvindo a música, acordei e fui ver na janela... era como uma procissão. Aí, eu me levantei, olhei na janela... era meia-noite... vinha aquela mancha no céu e eu disse: é a procissão de Anjos! Não tinha lua, era noite escura... foi só isso que eu vi. Eu nunca vi visagem... eu não tenho medo de quem morre. Eu vejo, mas não tenho medo.

Eu já ouvi muita molecagem, muitas conversas bestas... Quando eu andava nessas políticas aí na rua... Senhor! Todo lugar é exagero, porque às vezes passa tudo na rua.

Aqui nessa rua passa... e é uma zoadona de cachorro... e quem vai espiar... A minha nora olhou pelas rótulas... foi olhar... passou um bocado de dia doente, caída. É bicho do Satanás... e os cachorros vão atrás... e tem dia que passa uma zoadona doída!

Eu fiz foi muita prece. A prece, a gente saía com os



Santos, (as imagens). Fazíamos coisas de cera. muitas (velas rústicas, caseiras)... Aí, a gente levava os pavios e botava dentro de uma latinha e acendia os pavios de dia e de noite também.

Uma vez nós fomos encontrar com as da Boa Vista... eu fui com São Sebastião, um São Sebastião que o *Arleiro* tinha. Mas tem aquele da casa do *Aglaé* que era lá da Pagodeira, na Carnaubeira, lugar onde me criei com meu pai. É lá do Mucunadiba, pra lá.

Lá é uma ilha. Tinha uma igreja e tinha esse São Sebastião lá. Só esse Santo. Aí, nós fomos fazer prece. Eu, a *Sulica*, a *Badesbe*. Aí, eu tinha levado São Sebastião no ombro, daqui pra Boa Vista. Saímos meio-dia. A gente ia era meio-dia mesmo se ajoelhava no sol pedindo chuva e aí a gente rezava uma ladainha fazia uma cantiga... e tinha Santo Expedito, Nossa Senhora... aí a gente ia cantando... Era o hino de São Sebastião que eu cantava também.

Aí, a gente se encontrava. Aí, se encontrava assim, nos encontramos já lá no lá no fim, no Gurupi, perto das mangueiras no Angelim. Aí, nós viemos e elas foram embora. Nós trocamos os Santos delas e elas levaram os nossos. Esse encontro foi pra destocar... (já a segunda vez que se encontraram) ... mas eu, levei mais o São Sebastião. Nós botamos ele lá .Aí, quando se chegou aqui no alto do Bastião...pra descer pra Primeira Cruz, deu uma chuva! E choveu

três dias.

O costume era trocar e destocar os Santos... a gente sempre se encontrava nessa tarefa. A mãe de *Fadacafote*, dona *Cafote*, gostava de ir... ela vinha de lá com a *Condada*... (e ela canta de forma indecifrável) ...”mandai chuva divina”... E tinha outros versos mas tinha também esse bendito :“bendito louvado seja/ o Rosário de Maria /se ela não viesse ao mundo/ ai de nós, o que seria/ De onde veio tanta água /que no mundo não havia /veio de uma doce fonte /do Rosário de Maria /bendito louvado seja... (bis)”. (*Dondom* canta depois outros cânticos, hinos religiosos dolentes, antigos, ela canta umas loas de Divino de quando foi cacheira lá no Peria)

Seu *Aldoval* fala:

A rua onde moro não tem nome. Chamam de projeto. É perto do Raposão, ali. É recanto do Janaúba. Eu me lembro muitas coisas. Uma vez eu vi uma coisa que eu não sei se era gente o que diacho era... Era um bicho... ele falou comigo lá no lugar de vacaria.

Nesse dia andamos o dia todo e não achamos gado em lugar nenhum. Aí, umas oito horas da noite nós chegamo em casa. Aí, se deitemo... quando


deu no outro dia de manhã, umas quatro horas da madrugada, saímos. Aí, foi pra dar meio-dia em ponto, achamo uns pés de bacuri. Fomo juntar... lá tem muito bacuri no chão. Aí, nós comemo logo isso, pois não tinha nada pra comer mesmo.

Aí. nós conversamo, falamo de pessoas que matam outras que é uma parada errada... o cão não atenta ninguém... quem atenta a gente é a gente mesmo. E aí, tivemos lá conversando e aí, nessa hora, já passando do meio-dia, eu disse: rapaz, eu vou já me embora.

E tinha um meninozinho assim... e aí ele disse: seu *Ricardo*, o senhor já vai embora? Eu disse: eu vou. Apois então eu vou com você. Eu disse: então vamos embora. Aí, nós saímos... aí, nós fomo andando, eu mais esse menino e chegamo numa chapada, uma chapadona medonha, só de capim... aquele capinzão medonho... aquele capinzal de fim de inverno. Aí, a gente ainda no pé do mato, uma distância longe do meio do capim, era um bicho pousado na raiz do capim, lá no meio da chapada.

Aí, aquilo, como um cara, balançando um cipó assim... la em baixo e em riba. Não tinha feição de homem ...era só balançando o cipó. E quando a gente chegou numa distância mais perto, ele começou: ei, ei, ei!... E eu, o que é? o que é?

E eu fui entrando de vareda a dentro do mato,



eu e o menino... aí, eu proveitei na raiz, atrás dele. Nós seguimos o caminho por dentro do mato, mato alto e aquilo atravessou... nunca tinha visto aquele mato tão alto. Aí, ele: ei, ei! E eu: quem é? quem é? E ele: Sou eu. E eu disse: quem é? eu quem? Eu digo: *Albino*, eu tava ouvindo me chamar pro lado daqui e ele me chamando pro lado de cima... aí, ele tornou gritar. Ele disse: ei! E eu: O que é? Ele: você quer comprar camurupim? Aí, eu já tava do outro lado do mato e ele gritou pro outro, mais lá dentro. Você quer comprar camurupim? E eu disse: E onde ele está? Ele disse: Tá aqui. Aí, o menino nessa hora ia me dizendo que ia comprar e eu bati nele. Meu filho, a gente não grita, não.


Aí, eu dei um grito: Eu não quero não. Aí, a gente foi andando de lá pra cá, no sol quente e fomos sair no São Bernardo. Aí, saímos lá. Aí, quando chegou no arrozal... mas se fosse eu sozinho, eu não acreditava... eu quero dizer, naturalmente que é ele que se tornou. Ele disse que não era ele... ele fez isso... mas sabendo que eu conhecia ele. Ele falava que o Cão atuava, mas ele é que fez essa coisa toda. Isso era bem gente que virou bicho mesmo!

A *Dalma* contou que:

Ali naquele beco ali do *Zé Harnoldo*, é...cansaram de ver padre... Só que eu saí logo e não ouvi a história, isso aí não me alembro... Tem uma história que é verdadeira... é desses meninos que morrem afogados aí nessas lagoas. Só num dia foram uns oito e as mães dessas crianças dizem que sonham com uma velha que diz que ela é que é a mãe dessas crianças... e que ela vem buscar doze! e diz mais, que essas lagoas, todas tem uma dona

Mas esse negócio de sonho é verdade. Pois escute. Eu, na noite que queriam matar meu sobrinho... aí, eu tô ali num soninho tão bom... aí, eu sonhando que a *Maninha*. Chegou... aí, disse que que eu abri os olhos devagarzinho e ela foi chegando nuazinha perto de mim e um negócio de pendurado nas partes dela.

Aí, ela pegou na minha mão e disse: puxa. Aí, diz que eu peguei a puxar e aquilo não acabava... era assim como umas tiras de pano emendadas... aquele tergal alvinho... eu puxando, puxando, puxando... que quando parou aquele negócio... foi quando eu acordei. Era tanta dor no meu braço devido eu tá movimentando ali dormindo.... que tava dormindo... quando eu olhei, meu Deus! eu me espantei, mas eu ainda tava dormindo...



Aí, eu olhei uma torre mais alta do que eu, também alvinha, alvinha... eu disse: ai meu Deus! será que o *Rufino* matou alguém nessa festa, meu pai? E o sentido foi direitinho no menino... e aí, meu coração... eu fiquei muito agoniada e aí eu me assentei na rede e não demorou nada, nadinha bate na porta e aí, chamam o *Do* e ficaram cochichando. E eu gritei: *Do!* o que é isso aí? quem que veio te chamar? Tinham dito que era o meu sobrinho que tinha matado uma outra pessoa... Também o *Do* saiu bem devagarzinho e eu fiquei sentada na rede e disse: meu Deus! aí vem bomba!


Siô! não demorou... que eu estava num tremor... que quando minha neta bateu na porta. Eu digo: Quem é? E ela: Sou eu, Vovó. Abra aqui que eu tô com uma dor na minha barriga. Eu abri. Disse: procura um remédio aí... que quando dá, ela passou e eu disse: isso não é nada de dor de barriga. Ela foi pra geladeira bebeu água e pegou o açúcar e botou num copo com água e eu chamei *Enalda*, minha filha, não me engana. O que tá acontecendo? Aí, ela se acocou bem pertinho de mim e disse: Vovó, bebe essa água de açúcar. E eu digo: Minha filha, me conta o que é que tem de morte? Aí, ela disse: Ô vovó! mataram *Rufino*. Eu tenho uma coisa que me avisa...

Seonesmo, de oitenta e sete anos, começou a contar assim:

Bom, eu sou daqui mesmo... esse meu povo é que é do povoado das Pedras. Fica na ilha do Carrapatal.

Uma vez eu vi. Uma vez eu vinha do curral quando eu cheguei pra banda dali encontrei com... era uma visagem mesmo, de uma pessoa... eu não pensei que era... Eu ia pra lá, ele vinha pra cá... eu vinha com a rede do curral nas costas e eu vi ele passando... quando chegou bem por ali, ele passou a minha direita... era uma figura humana... era homem. Era pra mais da meia-noite... mas não me mexeu. Eu fiquei em pé, pra cá. Um menino saiu no portão ali... e pronto.

Outra vez, eu tava com *Heldo*, meu irmão que morreu no ano passado. Eu tava de “salga” e fui pegar a canoa com sal para salgar o peixe que a gente trocava por farinha na feira de Humberto de Campos... aí, fomos pra canoa o *Heldo*, eu e mais dois. Quando eu vou saindo ali no *Armando*, eu vi um gritador ou assobiador, nem sei bem... atrás de mim. Que aquele grito me suspendeu todinho eu fui andando pela calçada, mas quando chegou lá no canto do João Bagana, outro assobio... eu não vi a figura, só o assobio.



Com a chegada da luz elétrica, acabou. A não ser lá pelo Caeté... Vi muita coisa nesse Caeté, no caminho das Palmeiras... Eu tinha uma mulher lá nas Palmeiras... é um povoadinho depois de Caeté. E eu ia andando... Eu tinha só uns sessenta anos... mais ou menos uns cinquenta e poucos anos. Eu ia de noite... qualquer hora. Eu não tinha medo... com uma lanterna na mão e o facão na outra... e muitas vezes encontrei visagem no caminho. Era um vulto... por volta das seis horas da tarde. Quando eu cheguei lá, mais adiante do Caeté onde morava o rapaz lá ... aí, eu vou acender o farol, quando olho pra trás... era um homem. Aí eu andei... e lá do alto tornei a olhar para trás e ele sumiu. Uma vez eu saí pra transar e lá no alto...eu ia por aqui, pelo caminhozinho... e eu andando pelo caminho e um cara lá, por dentro do mato... noite de lua cheia. Eu procurei, não tinha rastro... quando eu cheguei na casa lá, contei a história e eles disseram: esse aí de vez em quando passava aí... isso já lá nas Palmeiras.

Outra vez fui ver um amigo que tava passando mal e vi ele, falei com ele... e saí pelo quintal. Quando eu fui cansando, ali, que eu pisquei, tava lá ele me esperando e já tinha morrido... e eu ainda fui no velório.

Uma vez eu vinha lá do Cochicho, quando passei bem na porta do *Nerenho*. por ali, que eu vou passando, aquele negócio... eu não olhei pra trás...

eu vinha sozinho. Aí, eu deixei o que tinha no braço e peguei o facão e olhei pra trás... o bicho não vai me comer não... e aí, foi só a zoadá... não se mostrou.

Antigamente ali no beco do da Calú e por ali onde tá a casa do *Janaúba*.... Agora aquele beco da *Zei, ave Maria!* Bem ali, na mercearia onde vai sair ali na *Babica*, não era todo mundo que passava ali. Tinha um pé de angelim... não era todo mundo que passava ali de noite não. Era muito visageiro e muitas pessoas viam e contavam lá.

E como ninguém interrompia, *Seonésimo* continua: Eu tava ali no lavado, perto da ilha de Santarém... eu fui ali mais o *Bulacha*. Nós gostava de botar camarão junto, nós dois, eu e o *Bulacha*, vizinho ali do *Evo*. E tava lá nós dois ali, quando lá vem um cara gritando. Saiu lá do Porto do Catira, de noite, siô!! Era grito, era grito horrível mesmo!!! E nós já indo pra canoa... e eu disse vamos embora, rapaz. Vamos procurar sair daqui e vamos embora.

Outra vez, com o mesmo *Bulacha*, tinha uma festa aqui em Primeira Cruz e eu não me lembro que festa era... eu disse, rapaz, vamos pegar uns camarão hoje? Aí, num lugar por nome Mourão.... chegando lá a maré vazou aí passamos da lagoa e fomos lá pra Caça Boa... tudo lavado. Aí, eu disse: uma canoa de pano aberto? que diabo é isso rapaz? nós estamos no seco e essa canoa de pano ali? Quando chegou como

daqui no Joca, ali, eu já via só a canoa parada. Arreou pano e não tinha ninguém. Eu disse: rapaz, eu não vou não. Tu queres ir, tu vai. Ele disse: mas eu vou. Aí, tivemos, tivemos, tivemos... aí, ela foi embora pelo mesmo caminho e nós não vimos o que tava dentro. Tu é doido!! Era um barco de pano.

Aí, eu com o *Bulacha*, de novo, nós saímos daqui nove pra dez horas da noite pra pescar, de casco e caçoeira... quando chegamos ali acima da Ponta Grossa, rapaz! nós ouvimos voz tipo de uma amplificadora bem no meio do mar... rapaz! que será aquilo dentro das ilhas, heim? E era alto... som de confusão...

Aí, outra vez, tava eu, o *Lauro* e o *Bulacha*. Aí, nós fomos... quando chegamos bem no canto do “sei lá quem”, nós ouvimos um bode berrando. O bode berrava demais. Eu disse, rapaz, será que esse bode tá assim amarrado, pra berrar assim? Siô! até que a gente viu a coisa com os olhos acesos (era de noite)... era uma visagem de bode.

Em pescaria de rede de enseada, lá “não sei aonde”, tem um... lá no alto... nós botamos a rede e ficamos sentados conversando, que quando deu umas quatro horas da madrugada, apareceu um gritador... ele gritava daqui do alto, de maré seca... nós pesquemos com as canoas e todas encheram. Nós não vimos quem era. Só os gritos mesmo e acabou.

Bigo fala:

Eu vinha depois da meia-noite depois de deixar a *Iva* e o *Eo*. nas suas residências e...

Eu vinha só com uma lanterninha minúscula, quando eu passei perto da bancada da Edna, tinha duas pessoas conversando... passei perto, assim uns três metros e não vi o rosto. Aí, pensei: o que essas pessoas tão fofocando falando da vida dos outros eu confundia, na minha vista, era como se fossem dois homens conhecidos. Era umas onze horas da noite... tinha faltado energia... eles estavam de cabeça baixa e não dava pra ver o rosto.


Antes de virar o canto, eu olho pra trás, quando eu ando quatro passos, lá vem um cachorro na minha direção, com olho de fogo cor de chocolate. Um cachorro muito grande, como eu nunca tinha visto na Primeira Cruz. Mas quando ele chegou perto de mim ele deu a volta. Parece que ele ficou com medo, quando eu foquei com a lanterna. Aí, ele passa por mim... quando ele passa, que eu olhei pra trás eu não vi mais. Ele desapareceu. Aí, quando eu chego na frente da casa do Valtinho... uma casa meio recuada, tinha uma coisa como um jumento se rolando na areia e balançando a orelha, fazendo zoada e eu não via nada, não via o jumento, só ouvia o barulho.

As pessoas no banco, o cachorro e o jumento, tudo na mesma sequência e desaparecia. Eu corri. Saí correndo e não sei como foi que eu pulei o portãozinho da cerca de casa. Pior foi no outro dia, que o couro cabeludo... tudo dolorido como se tivessem puxado com muita força.

Uma vez nós estávamos bebendo no cais. Aí, disseram: vombora comer um peixe? E fomos pra uma casa que estava desocupada e tinha uma galinha dormindo. Aí, um deles pegou a galinha e foi levando. Aí, nós corremos e fomos para um bar que ficava perto da Lagoa do Abate... uma lagoa que tinha aterrado e tava fazendo um frio... e Deus o livre se alguém soubesse que a gente tinha roubado a galinha.

Aí, puxa o pescoço da galinha e quando a gente tá escondido aqui, lá vem dois... e quando chegou perto da gente, parecia conversa... pareciam pescadores... e a galinha có có có có... e a galinha rodeando a gente... pega a galinha, mata galinha! E deixa que o *De*. não sabia que era da casa dele que devia ter fugido... era o *Elmo*. do *Muhana*. que estava junto conosco.

Quando a gente tá matando a galinha, lá vem dois, lá vem dois... esconde, esconde, esconde... pareciam dois pescadores que vinham no Areal. Até a roupa parecia mesmo. Aí, todo mundo se abaixava... te




abaixa, te abaixa, te abaixa... aí, nós éramos uns oito ou dez. Não eram só dois, não... e a galinha, a mesma coisa: co, co, có, pela terceira vez... e a gente... aí, o *De.* disse: não, lá de casa não é. Lá em casa não tem galinha. Aí, todo mundo foi embora... e deixaram a galinha lá.

E esse dia tinha energia... era férias... Essa foi a galinha... ela tinha uns pintos, só que não trouxeram os pintos. Depois nós voltamos lá e a galinha desapareceu e a gente via que não era normal, porque puxavam tanto pescoço... tá morta, tá morta! daqui a pouco a galinha co, co có... eu não sei se a lva tava e o Evo.

Chegou a vez do *Casico*:

Aconteceu por volta de 1998 a 1999 quando a as ruas laterais de onde *So.* mora hoje eram ainda de areia. Como eu tenho hábito de dormir um pouco tarde, já tinha energia elétrica... eu estava vendo TV e de repente eu ouvi como se fosse... tivesse... como se ali... é uma quadra de cento e oitenta graus... como se passasse um cavalo correndo... mas parecendo que ele era muito rápido.

Um cavalo normalmente não conseguiria dar uma volta muito rápida como aquilo. Eu ouvia como se




fosse um cavalo cavalgando. Aí, eu resolvi sair à porta por curiosidade e ver se era um cavalo. Aí, quando eu saí na porta, tinha um cachorro bem grande a mais ou menos uns dez metros de distância, vindo dali do lado do cemitério, da casa do *Sarney*.

Eu não fiquei assustado porque, quando eu olhei, apesar dele ser um cachorro grande, forte, mas eu achava que era um cachorro da vizinhança, né? Era muito grande o cachorro. Só que ele era assim de uma forma um pouco diferente dos outros cachorros de raça... mas era bem grande. Aí, eu fiquei olhando rápido e saí.

Quando foi de manhã, eu perguntei para as pessoas se alguém tinha por ali um cachorro daquele porte e as pessoas disseram que não. Só que eu achei muito estranho, tanto a cavalgada desse cavalo, que era bem rapidinho e desse cachorro, porque era muito grande.

Já, seu *Lili*, um senhor de 86 anos, que quase nunca se manifestava na roda, entrou na conversa:

Quando eu tinha uns 22 anos com mais de um ano e pouco de casado, me deu um febrão tão alto que não passava e começou a cair meus cabelos tudinho... daí, meu avô conhecia um Joca Enfermeiro aqui mesmo



da rua do Capim Açú, e chamou ele pra fazer uma “experiencia”, já que eu podia morrer dessa doença. Então esse Joca, acendeu três velas, assim, do lado da cabeceira da minha rede. Se as velas começassem a cair, e a última ficasse de pé, eu não morria. Aí elas começaram... caiu a primeira... caiu a segunda... já a terceira, queimou empezinha até o fim. E como ficou visto que eu não ia morrer, uma minha tia avó que era conhecedora das ervas, fez uma beberagem que me curou, uma semana depois...

Então , outro caladão de 83 anos, o *Doca*, contou que, durante uma pescaria, já no rancho, pros lados das ilhotas de Cutindiba e Cararaí, ele disse: quando nós descemos e se acocamos, acendemo cada um o seu “toba”, como chamamo o cigarro de palha, e ficamo proseando naquela fala soturna, esperando a hora de cair n’água pra botar camarão, quando de repente, eu olhei pra um lado da roda e vi um companheiro gemendo e se contorcendo, como se tivesse sendo atacado, e a coisa foi acontecendo com cada um até chegar perto de mim que dei um pulo e gritei para os outros falarem o que era. Ainda meio abestados, disseram que era como se fosse um macho muito forte querendo enrabar eles. Passado o susto, a gente se lembrou do caso do “Negão” um tipo de alma que ataca pescadores tanto nos rancho, como embarcado, querendo afoçar os homens. Diz que isso acontece de vez em quando pro lado dessas

ilhas como acontece também com a “Joana do peitão”, que dá de mamar pros pescadores dormindo. Já o “negão”, não espera nem dormir.

Começou então a falar o *Jurandir*:

Trabalhei no barco do Claro Borrvalho (esqueceu o nome do barco). Na Cigana, barco do finado Zivaldo... Eu era marinheiro no barco do Claro. A gente ia para Ribamar para Viana pra Bragança no Pará... levava sal e trazia fruta, banana, jaca etc., arroz, farinha, milho, feijão... nesse tempo eu tinha uns 16 anos.

Lembro da *Marabatá*. mãe do outro *Sinésio*. Ela virava bicho. Era mulher do *Ketne* (como chamavam). Eu vi. Nesses tempos eu saía pro camarão, mais ou menos, era de madrugada. Uma vez, quando eu cheguei na beirada, papai me viu e disse: onde tu pensa que tu vai? Eu disse: eu vou pro camarão. Ele disse: tu não vai não. Pode voltar pra casa. Vai botar camarão coisa nenhuma. Eu disse: Me diga uma coisa, meu pai, por que que eu não vou? E ele: eu já disse que não vai, porque a canoa é minha e quem manda sou eu. Mas eu mando nela porque sou seu filho. Posso mandar também... eu vou. Outra coisa que eu vou lhe dizer... se eu fosse pra uma festa eu voltava. Mas eu vou atrás de um alimento pra mim

comer e o senhor e meus irmãos... (e eu nem era o irmão mais velho)... Aí, eu fui.

Quando nós larguemos a puçá n'água a bicha pesou... só camarão grande. Deu mais ou menos de camarão, bem aqui no peito. Despejamos na proa da canoa que a canoa ficou com a popa pra cima. O camarão era branco... a maré estava baixa. Quando chegamos, na outra parte da croa, o camarão pulava alto dentro da maré... camarão vermelho... daquele morredor... e essa parceria que parecia estar dizendo que é tudo nosso. Quando nós arribemo a puçá batia bem aqui na goela da gente, de tanto camarão...

E agora, como é que nós faz? Tem mais camarão do que canoa. Eu disse: Não. Nós vamos em terra até maré vaziar. Quando passamos bem no banco da Célia, era camarão pra diacho!... Vamos botar outra, vombora. Tacamo pra lá de novo... quando viemos de lá, na beirada do mangue, começou a alisar... É peixe arrotando. Rapaz, eu disse, vamos sair daqui... é tintureira, cação, tipo de tubarão.

Aí, nós embarcamos e viemos embora, no remo. Ajeitemos, botamos as pedras pra dentro... Era um igarité de vinte e dois palmos... isso não é um igarité pequeno. Nem botamos o pano e não tinha também aquele manguezal... era só uma abertura... só aquela moitinha na frente... hoje não tem mais. Tapou tudo. E ali é encantado... ali mora um velho, um velhinho

da Croa da Carnaúba mora só ele sozinho numa casinha de palha... um encantado...

E aí nós chegamos e o povo que viu a canoa a quando chegou aqui na ponte... Mais rapaz! que diacho é isso? é só camarão? Eu digo: é só camarão. Aí, nós vamos levar esse camarão todo pra casa. Cheguei em casa eu bati: mamãe, mamãe, mamãe... Ela disse: Ei siô! Rapaz, o teu pai tá aí doidão de raiva. Ele disse que vai te pegar no pau!

Eu tinha uns quinze anos, era um menino... eu disse: mamãe, chame ele aí. Venha cá, siô! caçar fazer um fogo que eu tô morto de fome... conversa que vai me bater, porquê? Vamos trabalhar que eu tô com fome e aí tem dezesseis latas de camarão... e do grande! Camarão branco e misturado com aquele vermelho.

Aí, ele disse: O que menino?... ele já vinha com um pau na mão... eu disse: bote suas esteiras aí. Diga pra mamãe fazer um café pra nós... Ele: cadê os cofos? Aí, eu: Os cofos tão aí no curral, e ele: cadê as esteiras? Aí, botou uma cadeira de pau... e você acredita que papai, eu, mais o *Quasímodo*, amanheceu o dia torrando camarão? Chegamos dez horas da noite e fomos terminar seis horas da manhã. Torrava e vendia tudo. Hoje já não é mais assim, porque o material que vaza dos viveiros mata os camarões tudinho...


E continua contando: Ali dentro ali do Manazario,

eu mais o *Pancada*, mais aquele outro e o compadre *Jomilson.*, a gente pegava era três a quatro cofos de camarão, ali. Hoje em dia você vai e não pega nenhum pra comer assado...

E sobre *Marabatá* (que o senhor interrompeu o que falava), sim... ela me disse que ela fazia porcaria para qualquer homem e pra qualquer mulher, depende de você querer fazer a mulher ficar doida pelo homem e vice-versa.

O *Oresmo*, um altão retratista lá de Areinhas, um negão porretão, tinha uma mulher dali de São Luís que o pai dela era dono daquele barcão Coração de Maria um barcão de dois andares e aí, ela baixinha... ela estudava aqui e ela ficava na casa de *Almica*, irmão de Mário Saci. Mais, aí, a *Marabatá* fez um negócio... pegou o nome dela... ele não saía de lá, o *Oresmo*, e pegou o nome dele... ela até me ensinou um bocado de oração, mas eu não peguei as orações direito. Ela não era tão velha. Tinha um marido e virava bicho mesmo.

Eu num dia fui no camarão mas o *Diogo*. dali, e pegamos umas três latas de camarão... Aqui, nesse tempo, tinha falta de farinha... não existia a farinha, aqui em Primeira Cruz. Eu disse: e agora? Tô doido de fome... na tua casa não tem farinha, lá em casa também não tem... vombora ao menos roubar uns coco pra nós comer com o camarão.



Aí, fomos ali pelo quintal da *Zélia*, que é opegado da casa dela da *Marabatá*. Eu disse: eu vou lá pegar esses cocos e *Diogo*: então vai. E deixei ele torrando o camarão. Aí, eu saí e subi... quando eu cheguei no meio do coqueiro, que eu olho, tem ali um jumento sem cabeça. Noite de lua! Aí, eu olhei... e agora? o que é que eu faço? Aí, eu só saí de lá quando o galo cantou... mas não era no quintal da mulher... era opegado da casa dela. Claro que eu sabia que era ela... E aí eu passei a mão... quando sumiu ali, eu perna pra que te quero e pulei muita cerca. Quando eu cheguei em casa ele tinha torrado esse camarão sozinho.

Depois, o irmão dela ia no beco, bêbado, e ela se botou pra comer ele. Ele se agarrou com aquele porcão medonho, e ele, com uma caçamba de coco e bêbado, meteu em cima dela... quase que mata ela. No outro dia, ela amanheceu doente e ele fedia pra disgrama... fede a podre. Ela botou em cima dele, lambuzou ele todinho... a mulher dele fez foi contar pra mim, a dona *Jafá*., que lavou a roupa dele, não sei quantas vezes, muitas semanas, e não largava o pixé. Isso foi com o *Viviho*., era irmão dela, o pai de *Sinésio*.

O *Notório* que tinha ficado um tempão calado, entrou na conversa:

Rapaz, me deram esse apelido... aí, *Doutor Nazaca* dizia: siô, isso aí é apelido ruim não, é apelido legal mas aí já largaram mais de me chamar. De pequeno era assim, agora não. Agora me chamam só de velho.

Fui pescador demais... o maior matador de camarão daqui da redondeza, fui. Eu gosto de pegar mais de dia, porque de dia ele dá graúdo. Eu já tirei metade da minha juventude aqui. Só aqui nessa Primeira Cruz... Eles dizem que aqui tem lobisomem, tem cavala canga, tem tudo mais, mas eu nunca vi mesmo um bicho aqui.

Eu tenho andado no escuro... De primeiro era só mato por aqui. Só tinha um caminhozinho e umas casinha de palha e aqui eu andava, aqui, tantas horas da noite, mas eu nunca vi uma cavala canga ou uma alma como eles falam que vê mesmo assim.

Mas eu conheço muita história aqui na Primeira Cruz. Eles contam demais. Aqui eles dizem que já viram foi alma. aqui nesse trecho. Agora, esse negócio de dinheiro enterrado, esse eu vi. Não me deram... apareceu pra mim, mas aí a coragem que eu não tive de arretirar.

A alma, que eu até enfrentei até tantas horas,

porque... o bicho não falava. Era só aquela coisa chiando... chiando... dentro da moita, que nem urubu... assim chéu,,, chéu... chéu... e era aí onde tem essa casa agora... bem aí no capo, no cajueiral do Homem... bem aí, ali naquela casa... bem ali no alto acolá... e aí tinha um pé de milho...

Nós ia chegando com dois cofos de peixe... daqui, a tantas horas, quando passou aquele bode listrado, com a canela comprida, fazendo: beé... beé. Desceu... aí nós arreamo os cofos de peixe e descemo atrás desse bicho... tantas horas da noite, atrás dele... Aí, o bicho acuou e chau... chau... chau... aí nós atalhamos com o farol e aí... mais nós não tinha lanterna... então o perdemos... por aqui.

O que passou por aqui era um bode, mas a aparência do que passou por aqui... mas era um chiado mesmo como urubu e a coisa que tava chiando nós não enxergava... só ouvia o chiado... Quá! nós pegamos os cofos e fomos embora... não aparecia pra nós e nós já vinha cansado da pescaria aí deixemos ele lá de mão... aí, você sabe o que era? um dinheiro enterrado que tinha ali e não sei se ainda tem. Não me deram em sonho... mas me mostraram e ele apareceu pra entregar mesmo pra nós... mas não pudemos... nós ficamos abestalhados... porque se podia perguntar o que era que ele queria... mais, só que essa hora, altas horas da noite... não tinha ninguém acordado... Aí no canto da casa... esse aqui eu já vi...

Os encantados eu sei que existe mesmo... mas eu não vejo muita coisa... Eu só vi mesmo aquela arrumação de debaixo do cajueiro. Ah! e outra arrumação comendo bosta de galinha, ali... Apareceu um bicho comendo bosta de galinha no quintal por trás da cerca. Aí, nós corremos pra lá. Quando chegou perto, ele correu... comendo mesmo assim que nem um porco... aquilo era um lobisomem. Mas nem pudemos chegar bem perto dele... era alto, com as orelhas que nem um porco... do tamanho de um jumento... mas correu da gente. Nós entrava no cajueiro alí... mas ele sumiu... isso já era uma meia-noite.

FIM

